

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ

LAVÍNIA RAQUEL MARTINS DE MARTINS

O TURISMO NA HISTÓRIA DE FOZ DO IGUAÇU – PR

Balneário Camboriu

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

2010

LAVÍNIA RAQUEL MARTINS DE MARTINS

O TURISMO NA HISTÓRIA DE FOZ DO IGUAÇU – PR

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, na Universidade do Vale de Itajaí, Centro de Educação de Balneário Camboriu, Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo e Hotelaria, Programa de Mestrado Acadêmico.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Doris Van de Meene Ruschmann

Balneário Camboriu

2010

RESUMO

O turismo estimula o desenvolvimento de uma localidade ao ampliar as oportunidades econômicas e sociais dos cidadãos residentes na cidade visitada. O turismo pode espalhar melhorias por toda uma região, gerar riquezas e aumentar as vantagens da infraestrutura para o próprio município. O que remete a este trabalho é contextualizar a história do turismo no município de Foz do Iguaçu, refletindo sobre a influência do turismo no município no tempo e no espaço, recuperando e sintetizando sua evolução histórica, caracterizando o cenário turístico do município nos diferentes períodos de seu desenvolvimento e conseqüentemente analisando a origem e evolução do município de Foz do Iguaçu, buscando detectar a influência do turismo para o seu desenvolvimento. Trata-se de uma pesquisa descritiva, como estratégia de pesquisa, se utilizará um estudo do histórico do turismo no mundo, no Brasil e em Foz do Iguaçu. Pretende-se compreender o fenômeno turístico por meio da pesquisa qualitativa valorando os aspectos de conteúdo da pesquisa no processo de criação do município.

Palavras-chave: Turismo. História. Foz do Iguaçu.

ABSTRACT

Tourism stimulates the development of a locality by widening the economic and social opportunities for the local population in the town visited. Tourism can bring improvements throughout the region, generating wealth and increasing the advantages and infrastructure for the town itself. The purpose of this work was to contextualize the history of tourism in the town of Foz do Iguaçu, reflecting on the influence of tourism in the town, in time and space, investigating and summarizing the historical development of the town and characterizing its tourism scenario during the different periods of its development, and consequently, analyzing the origin and evolution of the town of Foz do Iguaçu, seeking to detect the influence of tourism in its development. It is a descriptive study which uses, as the research strategy, a historical study of tourism worldwide, in Brazil and in Foz do Iguaçu. It seeks to understand the tourism phenomenon through a qualitative research, focusing on the aspects of content of the research in the process of creation of the town.

Key words: Tourism. History. Foz do Iguaçu.

LAVÍNIA RAQUEL MARTINS DE MARTINS

O TURISMO NA HISTÓRIA DE FOZ DO IGUAÇU – PR

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de mestre e aprovada pelo Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo e Hotelaria, Programa de Mestrado Acadêmico, da Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Educação de Balneário Camboriu.

Área de Concentração:

Balneário Camboriu, 31 de maio de 2010.

Prof^a. Dr^a. Doris Van de Meene Ruschmann
UNIVALI – CE de Balneário Camboriu – Orientadora

Prof^a. Dr^a. Caroline Valença Bordini
UNIP – São Paulo – SP – Membro

Prof.^a Dr^a. Raquel Maria fontes do Amaral Pereira

UNIVALI – CE de Balneário Camboriu – Membro

Dedico esta dissertação ao meu filho
Geraldo, pelo apoio, respeito e paciência
que sempre me dedicou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Mãe Natureza, por nunca ter sido madrasta. Agradeço à UNIOESTE como um todo, pelo apoio e investimento em meu trabalho. Agradeço à Professora Doris, pela força em todos os momentos de dúvida durante esta jornada. Agradeço a todos meus amigos e, principalmente, a Aurelinda que se não fosse pela força de seu exemplo, hoje eu não estaria sendo mestre. Agradeço a minha mãe e família por ter me encaminhado nesta grande viagem que é a vida. Grata.

Na criança se educa a vontade,
no adulto o sentimento e
no velho o pensamento.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa do Tratado de Tordesilhas – 1494	67
Figura 2 – Terra <i>Brasilis</i> , 1519 - Adaptação da autora, com o traçado em vermelho, que mostra o caminho feito por <i>Alvar Nuñez Cabeza de Vaca</i> entre 1541-1542	71
Figura 3 – Região do Guairá	73
Figura 4 – Mapa da Cortes, 1749 - Utilizado para delimitar os domínios dos Reinos de Portugal e Espanha fixados pelo Tratado de Madri em 1750	76
Figura 5 – Território da Vila do Iguassu em 1914	83
Figura 6 – Território Federal do Iguazu - 1943 a 1946	98
Figura 7 – Desmembramentos do Oeste paranaense no século XX	102
Figura 8 – Território de Foz do Iguazu na década de 1960	105
Figura 9 – Território de Foz do Iguazu em dezembro de 1982 até os dias de hoje	111
Figura 10 – Visão aérea das Três Fronteiras (Argentina, Paraguai e Brasil)	144

SUMARIO

INTRODUÇÃO	11
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
1.1. Turismo	19
1.1.1. Conceitos e definições	20
1.2. O turismo no século XIX	23
1.3. O turismo no século XX	30
1.4. O turismo no Brasil	45
1.5. O município de Foz do Iguaçu no contexto do Oeste paranaense	64
1.5.1. A fundação do município e seu desenvolvimento	79
1.5.2. Os eixos econômicos de Foz do Iguaçu	118
1.5.3. Serviços, equipamentos e atrativos do município	125
2. CARACTERIZAÇÃO SOCIOESPACIAL DO OBJETO DE ESTUDO	128
2.1. Aspectos socioespaciais	129
2.2. Infraestrutura	132
3. O TURISMO NA HISTÓRIA DE FOZ DO IGUAÇU (influências do Brasil e do mundo)	140
CONCLUSÃO	159
REFERÊNCIAS	164
APENDICES	170
ANEXOS	173

INTRODUÇÃO

Desde o final do século passado, diante das mudanças que estão ocorrendo efetivamente no mundo, algumas tendências foram verificadas, tais como: a globalização entre as nações e as suas infinitas possibilidades, a trajetória econômica com picos de prosperidade e crises alternadas, a construção do ser individualizado em meio à sociedade e o desenvolvimento acelerado das tecnologias da informação que atingem a população de várias partes do mundo de forma rápida e intencional. Entre essas tendências está o turismo, consolidando um paradigma comportamental da sociedade moderna, que é o direito de ir e vir, apoiado por uma economia em desenvolvimento, pelo avanço das comunicações e pela evolução inerente dos meios de transporte.

O turismo internacional rompe as fronteiras e estimula a movimentação de milhares de pessoas pelo mundo em busca do passado, do novo, do desconhecido, provocando um encontro e reencontro entre desiguais. Os turistas decidem sobre os lugares a serem conhecidos, e essa situação reflete um paradoxo que quanto maior e mais competitivo se torna o fenômeno, mais autêntico e real tende a ser o produto turístico, na tentativa de atrair o olhar desse visitante sobre o destino. Não existem limites geográficos para o turismo. Quanto mais conectado o mundo estiver, mais diferenciadas serão as experiências turísticas.

A atividade turística tem se destacado no mundo e no Brasil. Várias localidades chamam atenção dos turistas através dos atrativos que possuem. Foz do Iguaçu é um desses locais que atrai os olhares de milhares de pessoas, consolidando-se como um polo turístico de âmbito nacional e internacional, devido à localização das cataratas em seu território, sua posição geográfica delimitando o território brasileiro com o argentino e paraguaio e, também, a Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional, uma obra monumental construída pelo homem.

O interesse por este tema surgiu a partir de conversas e debates em sala de aula, bem como de minhas observações como docente. E, além disso, pela curiosidade

em investigar a forma como se deu o desenvolvimento do turismo no município, de aprofundar os conhecimentos a cerca dos levantamentos realizados pelos órgãos públicos ligados ao turismo em Foz do Iguaçu, tais como: o inventário do município que sempre utiliza como base de dados os ciclos econômicos da cidade, não sendo raros os momentos em que estes mesmos ciclos usados como referência no turismo do município não correspondem ao desenvolvimento do mesmo na região. Diante deste quadro, observa-se, *a priori*, que o tema em tela não tem recebido tratamento científico dos órgãos dedicados à área de turismo.

Considerando-se a temática exposta, surgem as seguintes questões-problema norteadoras da pesquisa: Quais as ocorrências históricas significativas que marcaram o processo de desenvolvimento da cidade de Foz do Iguaçu desde o século XVI até a sua fundação do município no início do século XX? Qual a relação existente entre as diferentes etapas do desenvolvimento histórico do município e a evolução das atividades turísticas? As Cataratas do Iguaçu tiveram influência no desenvolvimento do turismo no município? Qual o papel da Usina Hidrelétrica de Itaipu na expansão do turismo local? E para o desenvolvimento do turismo no município de Foz do Iguaçu, qual a importância da Tríplice Fronteira (Argentina, Paraguai e Brasil)?

Essas ponderações definiram o objetivo geral deste trabalho, que busca analisar a origem e a evolução do município de Foz do Iguaçu, detectando a influência do turismo para o seu desenvolvimento. Essa abordagem estará apoiada no processo da historiografia de Foz do Iguaçu.

O estudo pretende contribuir para a ampliação do conhecimento sobre o fenômeno turístico, recuperando e sintetizando a evolução histórica do município de Foz do Iguaçu, caracterizando o cenário turístico do município nos diferentes períodos de seu desenvolvimento, informando sobre o panorama do turismo em cada momento da história, desde sua primeira cogitação, até os dias atuais, apresentando as vantagens e desvantagens que ocorreram no município ao se transformar em um dos destinos mais procurados nacional e internacionalmente. Apresentará uma

reflexão sobre a influência do turismo em Foz do Iguaçu no tempo e no espaço e, finalizará com a contextualização da história do turismo no município.

Dentro dessa linha de observação é que a pesquisa pretende traçar um paralelo, mostrando o que estava ocorrendo no município, no País e no Mundo nos momentos marcantes do turismo na história de Foz do Iguaçu, pontuando suas ações e correlações com a colonização, a urbanização, a economia, a política, a cultura, a sociedade e outras influências que durante a pesquisa afloraram, nem sempre completas em todos os momentos, mas fiéis ao trabalho que se propõe.

O turismo é uma atividade socioeconômica, que provoca uma prática social entre os grupos envolvidos e movimenta vários setores da economia (BARRETTO, 2003), gerando empregos diretos e indiretos, proporcionando uma melhor distribuição de renda para as localidades emissoras e receptoras, obtendo reflexos concretos na melhora do poder aquisitivo e qualidade de vida da população, quando bem orquestrado pelo Estado, setor privado e sociedade.

As consequências, origens e definições do turismo, sempre demandaram tempo em discussões e análises do assunto, buscando uma melhor compreensão sobre a atividade turística. Certos autores conjecturam que tudo começou na Grécia (MASINA, 2001), os gregos seriam os primeiros viajantes, tendo Heródoto, como protagonista principal. Já outros sugerem os sumérios, que inventaram a moeda e o comércio (GOELDNER *et al.*, 1999). Há, ainda, uma linha de investigação histórica frequentemente utilizada por estudiosos, que fundamenta a origem da atividade no século XVI, na Inglaterra, como resultado da necessidade da nobreza de complementar os estudos adquiridos, visitando lugares diferentes e mantendo contato com culturas distintas. Esse movimento foi intitulado de “*Grand Tour*”¹.

O que nos chama atenção e, é importante informar, que boa parte das publicações oficiais envolvendo esse tema provém de relatos de fontes orais, que serviram de base para a construção histórica dos costumes e hábitos envolvendo viagens. Hábitos estes que se difundiram no início do século XIX com base no turismo de

¹ Inskip 1991.

lazer e termalismo, acompanhando a evolução da comunicação e dos transportes (PERROT, 1991).

Declarado como uma das principais forças econômicas do século XX, muitos países consideram o turismo como a “indústria sem chaminés”, devido à quantidade de indústrias de transformação interligadas e a evolução expressiva da atividade, evidenciada a partir da década de 1950.

Certos autores contestam a ideologia² do termo indústria, todavia, o paradigma já está inserido popularmente na área. As diversas visões promovem novas contestações acerca do fenômeno. Em uma discussão contemporânea, pensadores trabalham com distintas linhas de investigação, buscando desvendar os vestígios históricos do setor turístico na sociedade. Arrillaga (1976, p. 18) compartilha com essa ideia ao escrever: “existem autores que consideram tarefa difícil e vã, dar uma definição do turismo porque este é um fenômeno tão grande e complexo, que é impossível expressá-lo em poucas linhas”.

É correto interpretar o turismo como uma atividade econômica e eminentemente social, cujo conhecimento pode e deve ser interligado a outras ciências importantes, que atuam de forma interdisciplinar; com o intuito de compreender e ordenar esta circulação que é exercida dentro de uma temporalidade. Contudo, escrever sobre turismo não é tarefa fácil, ao contrário, a complexidade do tema está exigindo muita aplicação de estudos e pesquisas a serem elaboradas e publicadas. Rejowski (2000, p. 17) ratifica essa abordagem ao comentar:

Portanto, o turismo, uma prática antiga, só aparece como área científica de estudos recentemente, e sua evolução foi notável, levando-se em conta o curto período de sua ocorrência. Mesmo considerando que importantes bases de seu estudo foram assentadas antes da Segunda Guerra Mundial, seu desenvolvimento científico só ocorreu após a mesma.

Vários autores³ vêm ressaltando o crescimento do turismo e sua importância como fenômeno econômico e social, especialmente quando se trata da melhora significativa da qualidade de vida da população local.

² Lickorish, Jenkins, 2000.

³ TRIGO, 2005; KRIPPENDORF, 2001; RUSCHMANN, 1999; entre outros.

Já Beni (2007, p. 43) nos apresenta que

No Brasil, vários estudiosos têm se debruçado sobre esse tema, contribuindo para o esforço universal de construir uma nova ciência.

É preciso, antes de mais nada, tocar em alguns aspectos da ciência em geral e mostrar como o Turismo vem se firmando como ciência humana e social, ainda que seus efeitos econômicos sejam os que mais se destacam, merecendo não só a atenção maior de pesquisadores e empreendedores, como também maior e melhor tratamento estatístico.

Embora suas variáveis e métodos de análise sejam tomados de empréstimo de outras ciências já consolidadas, seu objeto de estudo é próprio, situando-se além de todas elas, como que as carregando, as incorporando e as transformando - em suas aplicações - em algo novo, isto é, no conceito moderno de ciência da expressão do homem no mundo global, competitivo, e que quer se transcender rumo a uma nova visão de valores universalistas.

O autor apresenta o turismo como uma relação sistêmica, que traz à destinação turística benefícios econômicos, ao gerar empregos diretos e indiretos, abrindo novas perspectivas de evolução social, ou seja, melhora da qualidade de vida, o que se destaca em função do crescimento econômico e cultural da região. Devido a tais impactos positivos, muitos países têm na atividade turística não só uma atividade complementar, mas sim sua principal fonte de renda.

Desta forma, o crescimento do turismo - enquanto fenômeno econômico e social - vem chamando, nos últimos tempos, a atenção de autoridades dos mais diferentes países. Há que se considerar, no entanto, que o fenômeno turismo pode causar também uma série de impactos econômicos, sociais, culturais e ambientais negativos, caso não seja devidamente planejado (RUSCHMANN, 1999).

Para escrever sobre o turismo no município de Foz do Iguaçu, que é o cerne da presente pesquisa, será necessário recorrer ao processo histórico, enfocando a evolução da cidade e da sociedade, buscando um diálogo multidisciplinar entre a história e o turismo.

Braudel (1990, p. 9) auxilia o historiador na decisão sobre o recorte temporal, escrevendo que o estudo histórico: “decompõe o tempo passado e escolhe as suas realidades cronológicas, segundo preferências e exclusões mais ou menos conscientes”. Para desenvolver este estudo foram feitas escolhas, delimitando o espaço temporal a ser exposto, diante da reflexão dirigida sobre o período 1914-

2008. A seleção desse recorte está relacionada à fundação do município e ao fluxo turístico nacional e internacional que imprimiram características especiais à cidade. Esse momento específico ofereceu subsídios para uma análise estrutural do setor, através da tentativa de reconstrução da sua evolução histórica, por se entender que os fatos da história passada podem e devem ser recuperados para a compreensão do presente.

O processo de colonização da região oeste do Paraná, onde se situa o município de Foz do Iguaçu, foi tardio, se comparado ao descobrimento do Brasil em 1500, no início do século XVI. O município fundado no início do século XX apresentou no decorrer dos anos um contingente populacional mais denso, enquanto seu espaço territorial se reduziu. O que nos leva a utilizar as ideias de Santos (1997a, p.49), ao afirmar que:

Um conceito básico é que o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O espaço impõe sua própria realidade; por isso a sociedade não pode operar fora dele. Conseqüentemente, para estudar o espaço, cumpre aprender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para a nossa compreensão da produção de espaço.

Dessa forma, poderemos analisar o que ocorreu na sociedade, em cada fase de sua história, os fatos que levaram à redução do espaço territorial do município de Foz do Iguaçu, bem como ao aumento da migração de diversos povos para a região, e suas consequências.

Além da pesquisa bibliográfica visando ao aprofundamento dos conhecimentos sobre a região e a cidade em particular, bem como a definição do referencial teórico, foram também consultados documentos escritos, tais como os planos do governo, documentos produzidos por organismos oficiais, relatórios de organizações internacionais, deliberações normativas e decretos leis. As informações divulgadas pela mídia, jornais e revistas, englobando cronologicamente todo o recorte temporal, servirão como um vetor entre o discurso da história e a realidade do município, apontando as modificações advindas. Esse material foi eleito de modo a contribuir para elucidar os diversos aspectos pertinentes ao contexto histórico.

Desta forma, a metodologia para este trabalho está fundamentada na análise de conteúdo, uma técnica que busca interpretar os textos, recolhendo vestígios e possibilidades, não explícitas abertamente, de modo a fazer inferências, produzir conjecturas, identificando a articulação do texto com a realidade proposta pelo fato passado. Na opinião de Constantino (2002, p. 7): “De acordo com a técnica, a análise de conteúdo inicia por um conjunto de documentos – o *corpus* da análise, resultado de rigorosa seleção. Tratando-se de história, a organização é sempre uma prática”. O estudo proposto tem como base a busca de fundamentos teóricos no intuito de possuir um conjunto de conceitos, de princípios e de técnicas para um norteamento específico; por meio de fontes documentais que visam compreender o processo de desenvolvimento do turismo no município de Foz do Iguaçu; a análise do conteúdo deverá iniciar com a interpretação dos documentos pesquisados, fazendo inferências e produzindo conjecturas concernentes com as observações; em pesquisa descritiva com o intuito de identificar e analisar em profundidade processos interativos pelo contato da pesquisadora com a situação pesquisada (objeto de estudo).

Como estratégia de pesquisa, foi utilizado um estudo do histórico do turismo categorizando cronologicamente o mundo, o Brasil e a área de estudo – o município de Foz do Iguaçu. Pretende-se compreender o fenômeno turístico por meio da pesquisa qualitativa valorizando os aspectos de conteúdo dos relatos dos atores envolvidos no processo de criação do município.

Bardin (1977, p. 33-34) comenta sobre a utilização dessa técnica como recurso de pesquisa para o historiador:

Análise de conteúdo pode vir a ser, para o historiador, um eficiente conjunto de técnicas de pesquisa, em abordagem interdisciplinar, muito desenvolvido pelos recentes avanços no campo da comunicação. Tem como primeiro objetivo buscar sentido ou sentidos no texto e fundamenta-se nos pressupostos da concepção dinâmica da linguagem, entendida como construção real de cada sociedade e como expressão da existência humana; elaborando e desenvolvendo representações, em todos os momentos históricos.

Conforme é exposto por Bardin, na citação acima, somos levados a analisar o desenvolvimento do turismo na história do município de Foz do Iguaçu, interferindo que suas fases diferem das econômicas utilizadas pelos órgãos públicos do

município, o que por diversas vezes dificulta e não corresponde ao desenvolvimento do turismo no mesmo espaço e tempo.

Ainda a autora expõe, nas técnicas de análise de conteúdo, a análise categorial:

No conjunto das técnicas da análise de conteúdo, é de citar em primeiro lugar a análise por categorias; cronologicamente é a mais antiga; na prática é a mais utilizada. Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos directos (significações manifestas) e simples. (BARDIN, 1977, p. 199).

Através desta pesquisa pretende-se resgatar e analisar a forma como se desenvolveu o turismo em Foz do Iguaçu, buscando o seu potencial turístico, em diferentes momentos históricos do município, identificando os atrativos turísticos desde seu descobrimento, bem como a ampliação da oferta dos mesmos durante sua história. São diversas as razões que levaram a pesquisadora a realizar este trabalho: primeiramente, a coleta de dados junto aos órgãos públicos ligados ao turismo em Foz do Iguaçu que realizam anualmente, o inventário do município e, sempre, utiliza como base de dados os ciclos econômicos da cidade; segundo, diversos trabalhos acadêmicos da área de turismo e hotelaria que utilizam os mesmos ciclos econômicos como base de pesquisa, o que muitas vezes acaba dificultando o desenrolar dos trabalhos já que os ciclos citados não correspondem ao desenvolvimento do turismo na região.

O trabalho pretende expor a relação entre o progresso do turismo e o desenvolvimento do município de Foz do Iguaçu. Sendo assim, a pesquisa está desmembrada em três partes: na primeira encontra-se a fundamentação teórica que apresenta uma retrospectiva conceitual e histórica, conceituando o turismo e expondo os principais fatos históricos que marcaram a evolução do turismo no município, no país e no mundo, como forma de introduzir o tema, contextualiza globalmente o assunto tratado, expondo o enfoque metodológico, onde contempla a conjuntura das questões que levaram a autora a realizar a pesquisa, os objetivos e a justificativa; na segunda parte apresenta-se o município e suas atuais características socioespaciais; na terceira parte aborda-se especificamente do tema do trabalho, fazendo um enlace da história entre o município e as influências do Brasil e do mundo, com uma retrospectiva de como o município seguiu para a linha

do turismo, avaliando a situação do fluxo turístico em analogia com o país e o contexto mundial.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Turismo

O tema turismo incita inúmeras interpretações sobre a sua origem e quem foram os seus precursores. Estudiosos atuam em diferentes frentes, sugestionando novos discursos sobre o assunto, cujo resultado transparece nas publicações. As linhas antológicas, utilizadas pelos acadêmicos para explicar as origens do turismo no processo cronológico, estão associadas à história da humanidade e ao seu desenvolvimento ao longo dos séculos.

Pesquisas apontam que os primórdios do turismo estão vinculados aos primeiros deslocamentos humanos sobre a terra. Outras correntes contrapõem essa ideia e apontam que o fenômeno começou com os viajantes na Idade Antiga, pois essa fase incorporava o 'retorno a casa', que para os especialistas é o sentido único e principal do fazer turismo, cuja raiz etimológica provém da palavra *tour*⁴, usualmente utilizada para indicar o sentido de giro. (CASTELLI, 2001). Existem ainda, outras versões em que o turismo efetivamente se desenvolveu através da revolução industrial (século XVIII) e do avanço dos meios de transportes, o que facilitou o deslocamento de uma grande massa da população, que até então era facultado a uma minoria. (BENI, 2003).

Buscando compor uma discussão adequada foram reunidas diversas ideias sobre a definição e conceito do turismo, que contemplam a dimensão da complexidade acerca do tema e, ao mesmo tempo em que se completam, são antagônicas, divergindo sobre o tempo e os motivos dos deslocamentos. Neste momento, o importante é reunir conhecimento, não descartando nenhum pensamento, com o firme propósito de entender melhor este fenômeno que transcende o estudo da

⁴ *Tour*, etimologia francesa, adaptada para o inglês, derivada do latim "*tornare*" e do grego "*tornos*", significa um giro ou um círculo. O significado mudou no inglês moderno passando a representar especificamente um giro (BARBOSA, 2002).

relação história-sociedade-economia, e se debruça sobre o personagem central do movimento turístico, que é o ser humano.

As considerações sobre o turismo, como estudo científico, sucederam, em sua grande maioria, o pós 2ª Guerra (1939-1945), quando os países envolvidos se mobilizaram na busca pela normalização das relações comerciais e diplomáticas, com o objetivo de reconstruir as sociedades arrasadas por este período obscuro da história.

1.1.1. Conceitos e definições

De acordo com Barreto (2005, p.9), o economista austríaco Hermann Von Schullern zu Schattenhofen, já estudava este movimento das pessoas rumo ao desconhecido e inusitado mundo das viagens. A autora expõe sobre as pesquisas de Schullern, que tentava dar entendimento ao desejo de fuga ao conceituar a ação em 1911 como: “turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado”. Este conceito limita fenômeno a uma direção econômica.

O austríaco foi o precursor de outras definições posteriores, decorrentes de observações de estudiosos, baseado nos reflexos dos deslocamentos humanos que aumentavam, junto com a expansão do capitalismo e com o crescimento das linhas férreas, da indústria automotiva e das empresas de aviação, que foram facilitadoras desse desenvolvimento.

Foi descrito por Ignarra (2003, p.12), o pensamento de Arthur Bormann, professor da Escola de Berlim que, em 1930, manteve a corrente de pesquisa de Schullern, na direção econômica, difundindo um estudo sobre o que ele considerava ser a teoria do turismo:

O conjunto de viagens que tem por objetivo o prazer ou motivos comerciais, profissionais ou outros análogos, durante os quais é temporária sua ausência da residência habitual. As viagens realizadas para locomover-se ao local de trabalho não constituem turismo.

Em 1935, Robert Glücksmann (*apud* FÚSTER, 1974, p. 24), teórico da Escola de Berlim, conceituou o turismo como: turismo é “a soma das relações existentes entre as pessoas que se encontram passageiramente em um lugar de destino e os nativos do lugar”, definindo ou caracterizando o turismo como um fenômeno social.

A italiana Michele Troisi (*apud* BARRETO, 2005, p.11), em 1942 declarou o turismo como um “conjunto de viagens temporárias de pessoas, motivadas por necessidades de repouso, de cura, espirituais ou intelectuais”.

Os professores suíços Hunziker e Kraph (*apud* WAHAB, 1977, p.24) relacionam o turismo a um fenômeno social, ao definir o turismo como:

“um complexo de relações e fenômenos relacionados com a permanência de estrangeiros em uma localidade, pressupondo-se que estes não exerçam uma atividade principal, permanente, temporária ou remunerada”.

Essa definição foi aceita e incorporada pela associação suíça Aiest⁵, como o principal conceito da atividade turística.

Luis Fernández Fúster (1974, p. 25), espanhol, em 1973, definiu uma compreensão maior do envolvimento do turismo com a sociedade, agregando toda uma gama de participações importantes, afirmando que a sua conceituação compreende o turismo como um fenômeno holístico:

Turismo é, de um lado, conjunto de turistas; do outro, os fenômenos e as relações que esta massa produz em consequência de suas viagens. Turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias-intérpretes que o núcleo deve habilitar para atender às correntes [...]. Turismo é o conjunto das organizações privadas ou públicas que surgem para fomentar a infra-estrutura e a expansão do núcleo, as campanhas de propaganda [...]. Também são os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras.

Barreto (2005, p. 12), explana sobre o estudo do pesquisador Lundberg, integrante da Escola Americana, onde o entretenimento do turista é considerado fundamental como facilitador da interação social entre os homens:

O turismo é a atividade de transporte, cuidado, alimentação e entretenimento do turista; tem um grande componente econômico, mas suas implicações sociais são bem mais profundas. Estimula o interesse no passado, na arquitetura e na arte.

⁵ Aiest – Associação Internacional dos Experts Científicos de Turismo

O conceito de Fernández Fúster foi condensado por Arrillaga (1976, p.25), em uma síntese bem elaborada:

O turismo é o conjunto de deslocamentos voluntários e temporais determinados por causas alheias ao lucro; conjunto de bens, serviços e organizações que determinam e tornam possíveis estes deslocamentos e as relações e fatos que entre aqueles e os viajantes têm lugar.

Uma das definições mais recentes é defendida pelo mexicano Oscar de La Torre (1994, p. 19), que afirmou:

O turismo é um fenômeno social, que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente, por motivo de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

A OMT⁶ (2007), em suas publicações, conceitua o turismo de uma maneira formal e objetiva, não excluindo outras sínteses que possam existir descritas por pesquisadores em nível mundial. Essa avaliação serve como base, para o aprimoramento dos estudos na área a partir do texto publicado. A definição fala sobre:

O turismo se descreve como as atividades que realizam as pessoas, durante as suas viagens e estadas em lugares distintos da sua residência habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano para lazer, negócios ou outros objetivos (OMT, 2003, p. 18).

Estas definições foram sendo elaboradas com base no desenvolvimento e crescimento do turismo na civilização, fundamentadas nas experiências empíricas dos fluxos turísticos, que auxiliaram os pesquisadores em seus estudos científicos sobre o tema. Inicialmente a visão economicista prevaleceu: o turismo é um negócio. Entretanto, no decorrer do tempo, outras contribuições importantes foram sendo construídas, com o intuito de compreender o movimento complexo de ir e vir, com a participação do poder público, com as motivações dos turistas para o deslocamento, com as relações intrínsecas que acontecem entre o viajante e o autóctone, com a sustentabilidade social e ambiental e com as associações do turismo com outros segmentos: como o setor dos transportes, hotelaria, entretenimento e serviços correlatos. Nos dias atuais, o estudo do fenômeno turístico está aberto a inúmeras

⁶ Organização Mundial do Turismo, fundada em Londres em 1946, sob a alcunha original de International Union of Official Travel Organisations (IUOTO). Em 27 de setembro de 1970, na conferência realizada no México, alterou seu nome para Organização Mundial do Turismo (WTO) órgão vinculado às Nações Unidas.

possibilidades, englobando outras áreas das ciências humanas, devido à formação de uma consciência sobre a importância desta atividade em âmbito local, regional, nacional e mundial.

Na literatura, as definições de turismo encontradas, trazem a marca de tempos vários e seus motivos distintos de formulação. Conforme Wainberg (2003, p.13),

[...] processos econômicos – Herman Von Schullern zu Schattenhofen -, deslocamento para lugares onde não se tem residência fixa – Robert Glucksman -, ou que determinam o abandono do lugar de residência – Schwink -, e fixação no estrangeiro por certo tempo – Lesczyck – são alguns elementos capazes de definir o fenômeno, segundo estes autores. Outros listam a satisfação de prazeres do luxo – Josef Stradner -, o consumo de bens econômicos e culturais – Mongenroth – e viagens para repouso e cura – Michele Troisi -. As definições da Organização Mundial de Turismo são citadas a exaustão – a primeira: “soma de relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporário e voluntário motivado por razões alheias a negócios ou profissionais”. A segunda: “visitante temporário, proveniente de um país estrangeiro, que permanece no país mais de 24 horas e menos de três meses, por qualquer razão, exceção feita de trabalho”.

A complexidade do fenômeno turístico se traduz pelas formulações que refletem no número e na variedade da necessidade de compreendê-lo.

Conforme expõe acima o autor, três fatores são decisivos para o entendimento dos conceitos: a existência da fronteira, a diferença entre os lados da fronteira e o movimento de um lado da fronteira ao outro.

Pelo lado de indústria e comércio, o turismo vende o “estranho”. A fronteira delimita as diferenças. As variedades de roteiros se adequam, assim, à variedade dos “paladares” turísticos.

1.2. O turismo no século XIX

Para o crescimento e desenvolvimento do turismo moderno como atividade socioeconômica, em sua base, aconteceram momentos históricos importantes a destacar, como: A Revolução Industrial no século XVIII (INSKEEP, 1991), que alterou o modo de produção, fazendo surgir uma nova classe social – a burguesia,

provocando uma urbanização em larga escala, melhores condições para a educação e oportunizando uma demanda por lazer e recreação; e as grandes descobertas nos meios de transporte (TORRE, 2002) – a máquina a vapor, em 1807 e o trem, em 1814, que incorporaram ao turismo características essenciais tais como, maior velocidade, comodidade e aumento na capacidade de transporte de passageiros e carga, estabelecendo os primeiros indícios da estrutura organizacional do turismo, promovendo uma acessibilidade aos deslocamentos e uma mobilidade turística ascendente.

Todavia, Barreto (2005, p.53), nos aponta outros fatores importantes para o progresso do turismo, no período que compreende o final do século XIX e início do século XX, como:

[...] segurança, salubridade e alfabetização crescente. A segurança foi propiciada pelo estabelecimento de polícia regular; a salubridade, pelo tratamento das águas e a instalação de esgoto em várias cidades européias, diminuindo o risco de cólera e tifo. O maior índice de alfabetização do povo levou à maior leitura dos jornais que, informando, estimulavam o desejo de viajar.

O sistema educacional tornou-se fator decisivo para o desenvolvimento econômico, um facilitador para o crescimento da indústria. Nesse período, a educação foi considerada uma peça chave para os países alcançarem a condição de economia moderna e o “capitalismo industrial produziu duas novas formas de viagens de prazer: turismo e viagens de verão para a burguesia, e pequenas excursões mecanizadas para as massas em alguns países como a Inglaterra” (HOBBSAWM, 1977, p. 216).

As transformações econômicas e sociais provocaram a implantação do turismo como um negócio promissor, estabelecendo novos hábitos por viagens, cujas motivações nessa época envolviam, principalmente, o termalismo, o cassinismo, o montanhismo e o paisagismo. Essas mudanças acabaram criando demandas por serviços correspondentes, como meios de hospedagem, alimentação e entretenimento (FÚSTER, 1974, p.590).

Com a evolução do mercado, surgiram os pioneiros que revolucionaram o segmento das viagens, personagens de fundamental importância que atuaram com visão de

negócio, empreendendo em um setor até então desconhecido na época, implantando uma nova consciência sobre o turismo, na sociedade que estava sendo invadida por inúmeras transformações e descobertas, a que, de certa forma, facilitou a aceitação por parte da população. Os principais nomes que fizeram história foram:

- Bernardo de Abreu - fundou a Agência Abreu, em 1840, em Portugal, comercializava passagens de trem e de navio, inclusive para a América do Sul (REJOWSKI, 2002, p.55);
- Thomas Cook - foi o precursor do agenciamento das viagens, ao organizar uma viagem para um congresso antialcoólico em 1841, reunindo pela primeira vez os serviços de hospedagem e transporte (LICKORISH; JENKINS, 2000);
- Henry Wells e William Fargo – fundaram, em 1850, a American Express Company, nos Estados Unidos, criando mais tarde, em 1882, os conhecidos travelers checks⁷ (GOELDNER *et al.*, 1999);
- George Pullman - criou em 1860, nos Estados Unidos, o vagão-dormitório e o vagão-salão nos trens, incorporando maior conforto e qualidade nas viagens ferroviárias (TORRE, 2002);
- É aberto o Canal de Suez no mediterrâneo em 1868, facilitando a navegação da Europa à Ásia (YOUELL, 2002);
- César Ritz - promoveu em 1880 uma revolução nos serviços de hotelaria quando implantou o quarto individual com banheira de mármore, modernizou as instalações de diversos hotéis, criou uma concepção de requinte para os restaurantes. Foi responsável por incorporar o luxo como novo conceito em hotelaria (FÚSTER, 1974).

Thomas Cook destacou-se entre inúmeros empresários que começaram a perceber que o turismo poderia gerar lucros. De acordo com Youell (2002, p.23), em 15 anos,

⁷ Cheques de viagem.

Cook colocou em funcionamento uma empresa de viagens comerciais 'com todos os serviços incluídos' para a Exposição Internacional de Londres e para a Exposição Internacional de Paris. Também com a conclusão do Canal de Suez em 1869 viu oportunidade de organizar suas primeiras viagens ao Egito.

Decorrente da rápida expansão das ferrovias na Europa e Estados Unidos, as companhias marítimas estimulavam com vigor as viagens intercontinentais no hemisfério norte, causando inovações no mercado das viagens com respeito à segurança, regularidade, conforto, rapidez e economia, condicionando esses progressos à evolução de outros serviços vinculados à atividade, como a hotelaria e os serviços de alimentos e bebidas, destinados aos viajantes. Toda essa inovação possuía um forte aliado: a comunicação (ARRILAGA, 1976).

Neste momento da história, segundo Boyer (2003, p. 33) o turismo era exclusivo da classe de maior poder aquisitivo, que usualmente difundia destinações turísticas:

Os jornais da estação davam uma visão destes turistas elitistas do século XIX: eles eram em 80% pessoas que viviam de rendas; 15% tinham uma condição que fazia deles homens da justiça ou militares. Os turistas eram uma minoria privilegiada, ao menos até 1929. A extensão do turismo a novas categorias não favorecidas é habitualmente datada a partir da década de 1930.

Complementando esse pensamento, Arrillaga (1976, pág. 48), ao escrever que este turismo aristocrático, figurado em sua maioria pelos capitalistas, que favorecidos pela estabilidade da moeda, durante quase um século, formava um grupo social permanente e importante na sociedade europeia do século XIX, exercendo grande influência no modo de vida europeu: "Naquela época o capitalista dominava tanto a vida econômica como a vida pública e a social, ele era o mundo, a sociedade e o modelo. Seus gostos são objetos de admiração e de imitação e, entre seus gostos, se encontrava o turismo".

Justificaram-se novas relações sociais e econômicas nas sociedades organizadas durante este processo evolutivo do turismo, em que prevaleceu à frente das ações a figura do capitalista, ou mesmo, dos pequenos empresários burgueses que buscavam o progresso e o desenvolvimento econômico.

O “Estado, por muito tempo, não interveio; as grandes fases da economia não explicam os progressos do turismo nem suas estagnações. Os empresários ou agentes de turismo não podem ser apresentados como capitalistas conquistadores” (BOYER, 2003, p.31).

Para Arrilaga (1976, p.52), “a competência em matéria turística corresponde às autoridades locais: governadores, prefeitos e chefes de sanidade⁸”. Datam desse tempo algumas poucas disposições legais sobre águas termais, balneários, parques naturais⁹ e lugares de interesse turístico¹⁰.

O turismo começa a se estruturar, no final do século XIX, quando ocorre a inauguração do 1º parque nacional do mundo, o Yellowstone National Park nos EUA, o 1º carro é inventado por Karl Benz em 1887. Neste mesmo momento é criada na França a 1ª lei para ordenar e classificar lugares turísticos; e, antes de terminar o século XIX, no ano 1896, os Jogos Olímpicos são retomados em Atenas, por iniciativa do francês Pierre de Fredy, conhecido como Barão de Coubertin. (COLLI, 2004). Nesta primeira Olimpíada da Era Moderna, conforme Colli participam 285 atletas de 13 países, disputando provas de atletismo, esgrima, luta livre, ginástica, halterofilismo, ciclismo, natação e tênis. Os vencedores das provas foram premiados com medalhas de ouro e um ramo de oliveira.

Fernández Fúster (1974) descreveu que no século XIX o turismo se caracterizou por uma total alienação do poder público, cujas ações e intervenções foram determinadas unicamente pelas organizações privadas, que vislumbravam um futuro promissor para a atividade. Segundo o autor, essa situação se modificou somente no começo do século XX, quando ocorreram as primeiras estatísticas para o setor de turismo com números favoráveis para a economia local, dessa forma a atividade passa a existir como força econômica, sendo valorizada pelos governos que lançaram campanhas de propaganda, como principal ação na promoção de seus destinos turísticos.

⁸ Chefe de sanidade significa sanitarista, técnico em sanidade pública.

⁹ O *Yellowstone National Park* foi o primeiro parque nacional declarado nos Estados Unidos, em 1877 (ARRILLAGA, 1976).

¹⁰ Em 1887 é criada a lei francesa, cuja finalidade era ordenar e classificar lugares considerados turísticos (ARRILLAGA, 1976).

Antes de darmos continuidade à cronologia do turismo no Mundo é importante relatar sobre a Guerra do Paraguai, a maior guerra da história da América Latina. E, apesar de ter ocorrido antes da fundação do município de Foz do Iguaçu, insere grande influência na história econômica e política do extremo Oeste paranaense.

A Guerra do Paraguai, a mais longa e devastadora da história da América do Sul, resultou na ruína do Paraguai, o mais desenvolvido país de toda a América Latina até o início do confronto (CHIAVENATTO, 1979). Os combates se realizaram entre 1864 e 1870 e envolveram as forças armadas do Brasil, da Argentina, do Uruguai e do Paraguai; com o apoio financeiro do Império Inglês. É importante relatar é, que desde o início da ocupação do território conhecido hoje como América do Sul, a área da Bacia do rio da Prata – formada pelo Brasil, pela Argentina, pelo Uruguai e pelo Paraguai, e banhada por rios consideráveis como o Paraná, o Paraguai e o Uruguai – foi sempre muito disputada. A navegação marítima e fluvial predominava sobre os demais meios de transporte. Daí a importância da Bacia Platina: dela dependia o comércio da Argentina, do Uruguai, do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná e, principalmente, do Paraguai e do Mato Grosso, que não dispunham de outro meio para alcançar o oceano.

Em resumo, de acordo com Chiavenatto (1979), em meados do século XIX havia um país diferente na América do Sul: o Paraguai. Livre da influência econômica inglesa que dominava seus países vizinhos, o Paraguai havia criado formas únicas de sobrevivência. Sem dívidas externas e nem escravidão, oferecia terras para quem quisesse trabalhar. Politicamente os paraguaios viveram sob ditaduras próprias: a de José Gaspar Rodríguez de Francia, a de Carlos Antonio López e, finalmente, a partir de 1862, a de Francisco Solano López.

O Paraguai era um desafio à Inglaterra, que predominava seu imperialismo na América do Sul. Além disso, tinha problemas fronteiriços com o Brasil e a Argentina. Essa situação se agrava com a extrema sensibilidade nacionalista de Francisco Solano López, o que levou à guerra.

Os aliados da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) defenderam mais os interesses do capital inglês do que os seus próprios, mas ganharam territórios conquistados do Paraguai. Em contrapartida, endividaram-se para custear a guerra e tornaram-se ainda mais dependentes dos capitais britânicos. Ao fim da guerra o Paraguai estava destruído; mas os vencedores ficaram com uma dívida externa que nunca conseguiriam pagá-la e que foi determinante das dificuldades que iriam, no Brasil, apressar a abolição dos escravos, a queda do Império e a proclamação da República. Além desses fatos, houve grande número de perdas humanas durante o longo tempo do conflito.

A guerra teve consequências funestas para o Paraguai. As estatísticas sobre as perdas são extremamente variáveis, indo de 8,7% a 69% da população. Grande parte dos mortos pereceu em função das doenças, da falta de alimentos e das péssimas condições de higiene. De toda a forma, o conflito arrasou o país, que teve de convocar, nos últimos anos, idosos e mulheres e até mesmo crianças para a linha de frente de combate. O país teve sua economia destruída, perdeu territórios que estavam em disputa com os países vizinhos e a reorganização e o crescimento levariam décadas e décadas para acontecer.

Argentina e Uruguai sofreram menos com as consequências da guerra. O governo nacional argentino saiu fortalecido do conflito porque conseguiu reprimir e unificar as rebeliões federalistas, legitimando-se no poder. Além disso, as compras de cereais, gado e outros produtos que o Brasil fez durante a guerra fortaleceram o comércio e os produtores argentinos.

Para o Império brasileiro, a guerra do Paraguai demonstrou a fragilidade militar das forças armadas e expôs o esgotamento tanto do regime escravista, como do modelo monárquico. Apesar da vitória militar, o Império saiu definitivamente derrotado em sua campanha, tendo esvaziado os cofres públicos para alimentar o conflito, contraindo enorme dívida com a Inglaterra e abrindo possibilidades para que as críticas ao Império se avolumassem. O republicanismo fortaleceu-se e a participação do exército foi fundamental para que o Brasil iniciasse outro período de sua história, a República.

Ao Brasil restou a vergonha de ter chassinado mulheres e crianças, destruindo uma nação, o que nos faz lembrar quando é assinado o Tratado de cooperação na construção de Itaipu, na divisa dos dois países, exatamente no município de Foz do Iguaçu.

1.3. O turismo no século XX

O princípio do século XX foi marcado pela primeira grande guerra que veio a estagnar o turismo em todo mundo. As competições de ordem econômica, favorecidas por um nacionalismo belicoso, conduziram o mundo à Primeira Guerra Mundial, embora os desenvolvimentos das ciências e das ideias democráticas tivessem dado ao século XIX uma posição ímpar na história do turismo, do desenvolvimento social e cultural da humanidade.

No velho mundo, na França, em Paris ocorreram as II Olimpíadas, no ano de 1900; em 1904, as olimpíadas ocorreram em Saint-Louis, nos EUA. Em função de sua visibilidade na mídia, serviram de palco para manifestações políticas, desvirtuando seu principal objetivo de promover a paz e a amizade entre os povos. Os III jogos olímpicos tiveram 11 países participantes. Esses números foram sensivelmente inferiores aos da olimpíada anterior em razão das dificuldades de mandar equipes para o outro lado do Atlântico. Os norte-americanos deixaram as competições coincidirem com a Feira Mundial de Saint-Louis. Os jogos ficaram assim em segundo plano, o que não impediu que tivessem momentos heróicos e até insólitos. Os IV jogos olímpicos, em 1908, tiveram 22 países participantes, realizados em Londres na Inglaterra. Muita chuva durante a maior parte das competições, mesmo assim, superaram os números de turistas que se deslocaram para assistir os jogos anteriores. Os V jogos olímpicos, em 1912, tiveram 18 países participantes e foram realizados em Estocolmo na Suécia. Foram os mais bem organizados até então. Os suecos souberam como divulgá-los e cuidaram de todos os detalhes técnicos necessários ao êxito de cada prova. A olimpíada de Estocolmo é a primeira a ter países representados em cinco continentes com 2.541 atletas inscritos (COLLI, 2004).

A primeira Lei orgânica do turismo no mundo se deu através da França, de M. Milerand, criando o *Office National Du Tourisme*, pela Lei de 8 de abril de 1910. Esta lei centraliza e coloca ao público toda a informação que se refere ao turismo em suas formas e setores; pesquisa todos os meios para o desenvolvimento do turismo; provoca e toma medidas para melhorar condições de transporte, circulação e estadias (BADARÓ, 2003). A França, como pioneira, também criou a 1ª estrutura nacional do turismo, a *Chambre d'hôtellerie*, em 1917.

O turismo foi prejudicado nesse momento da história por causa do liberalismo econômico e da busca agressiva por novos mercados de consumo. Nesse ínterim de disputas, na França e na Inglaterra foram divulgadas diversas propagandas que visavam o desaquecimento de viagens de lazer à Alemanha.

Os resultados do conflito da 1ª Grande Guerra puderam ser sentidos na sociedade, muitas mudanças ocorreram inclusive nas motivações de viagens. Na opinião de Lickorish e Jenkins (2000, p. 34):

As viagens se recuperaram rapidamente após a Primeira Grande Guerra, com o retorno da prosperidade. A guerra trouxe uma mudança nas atitudes, grandes expectativas, um aumento nos padrões de vida, um interesse pela paz e pelo entendimento mútuo, e uma ordem social menos rígida, com um papel mais ativo das mulheres na sociedade. Outro fator importante foi o rápido avanço dos adiantos técnicos para atender às necessidades da guerra. Os carros e ônibus não apenas se tornaram mais eficientes, mas houve também um maior número de ônibus utilizados pelas forças armadas, e que depois da guerra se tornaram ociosos. Desta forma um grande número de operadoras oferecia transporte barato para fins de turismo. A empresa britânica Framers Tours iniciou-se no ramo levando diversos turistas para visitar os túmulos da guerra na França e na Bélgica.

Em 1920 ocorrem as olimpíadas da Antuérpia, dois anos após o fim da Primeira Guerra Mundial sendo a Bélgica o local escolhido pelo Comitê Olímpico Internacional para sediar as próximas Olimpíadas. Em um cenário de destruição, a Antuérpia teve dificuldades para abrigar o evento. O adiamento devido ao cancelamento das olimpíadas de 1916 deu ao Brasil a chance de se preparar melhor para conseguir uma boa campanha na sua estreia nas Olimpíadas. Os brasileiros alcançaram um desempenho que parecia promissor, com a conquista de três medalhas: uma de ouro, uma de prata e outra de bronze. Em 1924 aconteceram as olimpíadas de Paris na França. O número de países participantes chegou a 44,

recorde até então. Mesmo assim, a política, outra vez, interferiu no esporte, e o COI não convidou a Alemanha para participar dos Jogos. Além disso, o presidente do conselho deu instruções ao consulado da França, em Berlim, para não conceder visto a atletas alemães que desejassem ir a Paris. Apenas um ano antes do início dos Jogos, a França tinha decidido invadir o Vale do *Ruhr*, região que pertencia à Alemanha. Outro incidente envolvendo política ocorreu quando a equipe italiana de ginástica deixou a competição cantando o hino fascista, uma prévia do que estava por vir. Paris-24 marcou também as primeiras transmissões radiofônicas, ao vivo, para a Europa. Algumas dessas transmissões foram feitas de um balão em pleno ar. O evento contou ainda com a cobertura de aproximadamente mil jornalistas do mundo todo. O número de espectadores também foi marcante - cerca de 625.000 em toda a competição. Cambistas chegaram a revender os ingressos com lucro de até quatro vezes. (COLLI, 2004).

Em 1925, Mussolini incorporou o *Dopo lavoro* na Carta do Trabalho. Preencher o tempo livre dos trabalhadores com lazer foi amplamente usada pelos regimes totalitários. Frisa-se que, na Itália, o dever de introduzir o lazer e o turismo como garantia dos trabalhadores ficou exclusivamente a cargo do partido e dos sindicatos fascistas. O turismo e o esporte foram vistos pelo povo como uma das grandes realizações do regime (BADARÓ, 2003).

É notória a importância do *Dopo lavoro* para os trabalhadores, sendo que, em pouco mais de dez anos de sua criação, ele angariava cerca de três milhões e quinhentas mil pessoas para suas atividades, que eram concentradas no esquí, nos passeios de bicicleta e nos balneários.

Ainda Badaró nos expõe que a Alemanha de Hitler imitou o modelo fascista do turismo de massa em 1933 com o *Kraft durch Freude*. Desta maneira, Hitler almejava a “mobilização cultural do povo que trabalhava”. Diversas colônias de férias foram organizadas para os trabalhadores na região da Bavária e litoral. Os alemães são convidados de maneira direta a não deixarem seu país durante as férias, para evitar uma possível “contaminação ideológica dos produtos culturais dos judeus”. Na França, a intervenção estatal com a regulamentação das férias pagas

em 1936 foi uma condição necessária para a difusão do turismo, todavia, não foi o suficiente. Seguiu então, os exemplos da Itália e Alemanha, criando o programa “*L’ère des loisirs*”, que estudava meios do lazer nas atividades laborais, buscando maior produtividade e alegria no ambiente de trabalho.

No período entre - guerras, as férias remuneradas passaram a ser uma realidade para uma grande parte da população europeia, permitindo que outras classes sociais menos favorecidas economicamente começassem a viajar e ao mesmo tempo surgindo o anseio por parte de todos a uma viagem de férias.

Em 1928 aconteceram as Olimpíadas de Amsterdã, no aspecto esportivo, os Jogos registraram o retorno dos países que não vinham sendo convidados desde 1920 por causa da Primeira Guerra Mundial (Alemanha, Áustria, Hungria, Turquia e Bulgária). Apesar de 16 esportes inscritos, o Brasil não teve um atleta sequer participando do evento, que contou com 2.883 atletas inscritos (2606 homens e 277 mulheres). Pela primeira vez na história, pombas brancas foram soltas pelo ar para representar a paz no mundo. (COLLI, 2004).

A segunda Grande Guerra representou novo freio para o turismo mundial. Toda a atividade do turismo foi paralisada porque a Europa, centro-mor do turismo, até então, era palco de uma das maiores atrocidades ocorridas até hoje. (TRIGO, 2003). Com o fim da segunda guerra mundial, a internacionalização da economia ocidental, através dos investimentos feitos pelos Estados Unidos visando à reconstrução da Europa (plano *Marshall* e outros), bem como a adoção do “*fordismo*” como sistema de produção, trouxeram à tona os mercados de consumo de massa globais, incrementando, pois, diversas atividades internacionais, entre elas o turismo. (BADARÓ, 2003).

A indústria automobilística revolucionou o turismo individual, marcando esse século com seu invento: o automóvel. Um dos principais mentores foi Henry Ford, que, em 1908, começou a produção em massa de um carro econômico e acessível à grande parte da população, provocando uma mudança radical nos meios de transporte. A aceitação foi imediata por parte da sociedade, que incorporou rapidamente o hábito

das viagens ao seu cotidiano, forçando investimentos pesados na construção de rodovias, pontes e sinalização, principalmente no mercado americano. Essa inovação auxiliou também no desenvolvimento da rede hoteleira ao longo das rodovias, que facilitou ainda mais esses deslocamentos e a consolidação desse fenômeno (INSKEEP, 1991).

A guerra, indiretamente, impulsionou a utilização do automóvel, valorizando a sua difusão como um meio de transporte alternativo, conferindo importância aos veículos automotores. Esse fato transformou as décadas entre 1920 e 1940 na era do automóvel e do transporte terrestre em geral, incitando à prática do turismo rodoviário doméstico em larga escala (BARRETTO, 2003).

Barretto (2003, p. 55) comenta essa mudança nos padrões de empreendimentos hoteleiros, com a disseminação do turismo sobre rodas:

A hotelaria passou por uma modificação. Antigamente os melhores hotéis estavam nos centros das cidades, mas com o crescimento do turismo automotor, sobretudo nos Estados Unidos, onde o turismo interno¹¹ foi sempre significativo, construíram-se hotéis com estacionamento, a princípio na beira das estradas [...].

Em 1921, aproximadamente uma década mais tarde surgiu o primeiro protótipo do ônibus como meio de transporte coletivo nos Estados Unidos, conduzindo a uma evolução ainda mais significativa do turismo rodoviário, que nos anos seguintes não tardou a inovar com o aumento na capacidade de transporte, o espaço para as bagagens e a introdução do ar-condicionado, aperfeiçoando os serviços oferecidos aos passageiros (FÚSTER, 1974).

As linhas férreas prosseguiram em expansão até o final dos anos 30, atingindo todos os continentes, incrementando os serviços prestados com aumento de velocidade, devido à eletrificação das redes, frequência, conforto e comodidade dos viajantes.

¹¹ Turismo nacional ou doméstico representa o movimento turístico de cidadãos e residentes estrangeiros dentro de um país (WAHAB, 1977).

Despontam nessa mesma época “novas construções de funiculares¹² e outros meios de remonte mecânicos como telecabines e teleféricos, principalmente para regiões montanhosas aprimorando o turismo de inverno” (ARRILLAGA, 1976, p. 54).

O desenvolvimento da tecnologia aplicada aos meios de transporte era uma realidade no pós-guerra, prestando grande contribuição, principalmente, para a aviação civil comercial que iniciou suas atividades em 1920. Mas, devido ao alto custo e à baixa capacidade de transporte de passageiros e carga, limitou o acesso a uma minoria, sendo o serviço usufruído apenas pela classe de maior poder aquisitivo, não gerando naquele momento, grande impacto na sociedade (INSKEEP, 1991).

Em 1930 é lançado o torneio de futebol mais importante em nível mundial. A Copa do mundo, depois da Olimpíada de 1928, com divergência quanto à condição do amadorismo dos jogadores e sabendo que o futebol não seria parte dos Jogos Olímpicos de 1932, a FIFA decidiu realizar sua própria competição internacional de futebol fora das Olimpíadas reunindo atletas profissionais. Nascia assim a Copa do Mundo de futebol. O país escolhido para receber a Copa do Mundo em 1930 foi o bicampeão olímpico Uruguai, que celebraria também o centenário de sua independência. A longa viagem transatlântica assustou os Europeus, que foram representados por apenas quatro seleções: Bélgica, França, Romênia e Iugoslávia. No total apenas 13 países participaram da Copa do Mundo em 1930¹³. Em 1932, ocorrem as Olimpíadas em Los Angeles nos EUA. A crise da bolsa de 1929 fez o mundo duvidar do poderio econômico dos EUA e a economia norte-americana só começaria a se recuperar em 1933. No esporte, porém, a resposta veio já em 1932, com os Jogos Olímpicos de Los Angeles. Apesar do *crash* da bolsa de valores de Nova York em 1929, não faltou dinheiro para organizar os Jogos. Graças ao patrocínio da prefeitura de Los Angeles e o apoio da iniciativa privada, várias instalações foram construídas ou reformadas. (COLLI, 2004). Em pleno período fascista a Itália organizou a segunda edição da Copa do Mundo. A Copa do Mundo de 1934, que teve a campeã Itália fazendo a saudação fascista em seus jogos, reuniu 16 seleções em disputa do estilo "mata-mata". Se a participação em 1930 foi

¹² Um funicular é um carro de cabos que circula sobre carris; a sua principal função é o transporte de passageiros ou carga ao longo de encostas.

¹³ Dados obtidos em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA – Adquiridos em 15 de set. de 2009.

ruim, o Brasil na Copa do Mundo foi pior ainda: eliminado no primeiro jogo com uma derrota para a Espanha. O futebol brasileiro na época passava por divergência e disputas com a guerra entre amadores e profissionais, e muitos clubes não estavam liberando jogadores¹⁴.

Berlin foi eleita para receber os Jogos Olímpicos de 1936 cinco anos antes, quando o nazismo ainda não tinha chegado ao poder na Alemanha. Com a ascensão do 3º Reich, porém, o Comitê Olímpico Internacional (COI) tentou tirar os Jogos dos alemães, sem sucesso. Os norte-americanos, inclusive, programaram os Jogos Alternativos em Barcelona, cancelados devido à Guerra Civil Espanhola. Os nazistas não pouparam esforços para fazer das Olimpíadas propaganda do regime. Os melhores engenheiros do Reich projetaram o estádio Olímpico. Todas as grandes indústrias alemãs colaboraram, visando fazer dos Jogos um momento histórico para a glória de Adolf Hitler. (COLLI, 2004).

As Olimpíadas de Berlim, conforme Colli (2004) obteve grande êxito popular, com mais de três milhões de espectadores nas arquibancadas. O evento também pôde ser acompanhado por meio de uma novidade: a televisão. Berlin foi também à última Olimpíada antes da Segunda Guerra Mundial. Na época, já se ouvia na capital da Alemanha rumores de uma luta que acabaria por devastar a Europa. O conflito eclodiria em 1939, e as duas edições seguintes dos Jogos, programadas para Tóquio-40 e Londres-44, foram canceladas.

Um ano antes de Berlim-36, o Brasil ainda não sabia qual a entidade responsável pela organização da equipe que iria à Alemanha.

Após todo esse conflito, o Brasil foi para a Alemanha com 95 atletas (sendo seis mulheres), o maior número até então. Nas competições, os brasileiros mais uma vez ficaram sem medalha. Foi à última vez que o Brasil saiu de uma Olimpíada sem nenhuma conquista. (COLLI, 2004).

¹⁴ Dados obtidos em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA – Adquiridos em 15 de set. de 2009.

Depois da Itália em 1934, a Copa do Mundo voltaria a ser disputada na Europa em 1938, na França. Isso causou revolta aos sul-americanos, que achavam que deveria haver rodízio entre a Europa e América do Sul. Isso levou Uruguai e Argentina a não participarem da competição. Outros países das Américas também desistiram de participar das eliminatórias e como resultado o continente foi representado apenas pelo Brasil e Cuba. O sistema de disputa da Copa do Mundo de 1938 foi igual ao de 1934 em "mata-mata"¹⁵.

Em 1945 foi aprovada a Carta das Nações Unidas que estabeleceu a ONU - Organização das Nações Unidas. Com o advento da ONU, o turismo passou a desempenhar papel deveras importante, sendo visto como forma de intercâmbio cultural, ficando, em primeiro plano, a cargo da UNESCO as searas turísticas, sendo posteriormente criada em 1975 a OMT – Organização Mundial de Turismo. (BARRETO, 2005).

As Olimpíadas de Londres, em 1948, foram à resposta do Movimento Olímpico para a Segunda Guerra Mundial. Após um intervalo de 12 anos, um conflito mundial que deixou um saldo de 20 milhões de mortos, os Jogos Olímpicos só renasceram graças ao entusiasmo de alguns membros do COI (Comitê Olímpico Internacional). Tóquio ainda não tinha condições de organizar os Jogos e deixou a disputa. Londres herdou o direito de organizar os Jogos após vencer, em fevereiro de 1946, em votação pelo correio, a suíça Lausanne e quatro cidades norte-americanas: Baltimore, Los Angeles, Minneapolis e Filadélfia. (COLLI, 2004). Ainda, segundo o autor, muitos atletas que tinham participado dos Jogos de 1936 morreram na Guerra. Várias nações pediram ao COI a exclusão dos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), como já havia acontecido com os perdedores da Primeira Guerra Mundial. A Itália foi o único país que competiu. A ausência de um governo reconhecido foi à alegação oficial para a Alemanha não ser convidada. Os japoneses, convidados, preferiram não ir.

A União Soviética manteve sua política de isolamento, iniciada em 1917, e não participou. Novos países comunistas, como a Tchecoslováquia, resolveram

¹⁵ Dados obtidos em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA – Adquiridos em 15 de set. de 2009.

participar. Depois de três Olimpíadas sem conquistar medalha, o Brasil finalmente voltou ao pódio com a seleção masculina de basquete, que ganhou a medalha de bronze. Foi a primeira medalha do Brasil em esportes coletivos. (COLLI, 2004).

Em 1949 foi vendido o primeiro pacote aéreo, e, já em 1957 o turismo aéreo tornava-se o preferido em detrimento do turismo náutico, tendo em vista o tempo de deslocamento e também pela introdução das tarifas turísticas e econômicas pelas empresas aéreas. (BENI, 2003).

O turismo gradativamente se consagrou na sociedade como uma oportunidade ímpar de evasão, se distanciando das antigas motivações que envolviam na sua maioria, educação, religião ou saúde, e partindo na busca por lazer e autoconhecimento, consolidando alguns destinos (Balneários e as Águas Termais), criando novos fluxos turísticos (de praias na Costa Azul e Riviera Francesa) e popularizando o turismo urbano das grandes capitais europeias como: Praga, Moscou, San Petersburgo, Viena, Paris e Roma (VALLS, 1996).

Além dos meios de transporte e de comunicação, outras contribuições foram importantes para a evolução do turismo de massa como: a vitória dos trabalhadores que conquistaram as férias remuneradas¹⁶, a redução da jornada de trabalho com um aumento do tempo livre, e por fim a implantação do sistema de crediário que facilitou a aquisição das viagens. Outro destaque foi o grande incremento da aviação civil, que no pós II Guerra (1939-1945) floresceu e prosperou através dos avanços tecnológicos, quebrando paradigmas ao inaugurar a era do jato na década de 1950, possibilitando uma maior segurança e rapidez na viagem entre os destinos, o que favoreceu a popularização do turismo internacional¹⁷. Vale destacar também o desenvolvimento e o crescimento industrial que consolidou a classe média, proporcionando um aumento significativo do poder aquisitivo por parte da população (ARRILLAGA, 1976; BARRETTO, 2003; BOYER, 2003; REJOWSKI, 2002).

¹⁶ O processo de conquista coletiva dos trabalhadores iniciou-se na Europa em 1901, quando um terço das empresas alemãs proporcionava férias remuneradas para seus funcionários. Esta reivindicação seguiu tendo progressos através de países na Europa, América, Rússia e por último atingiu os Estados Unidos que instituiu as férias remuneradas em 1944 (BOYER, 2003).

¹⁷ Turismo Internacional diz respeito ao movimento turístico entre diferentes países do mundo (WAHAB, 1977).

Em 1950, o Rio de Janeiro foi escolhido como sede da Copa do mundo. Depois de 12 anos, devido à interrupção por causa da Segunda Guerra Mundial, a Copa do Mundo voltava a ser disputada, e desta vez no Brasil. Para a Copa do Mundo 1950, que contou com a participação de 13 seleções, foi construído o Maracanã, o maior estádio de futebol do mundo, na época. A Argentina, que achava que deveria ser a anfitriã da segunda Copa do Mundo na América do Sul, não participou em protesto.

Também é importante relatar, conforme Colli (2004), que nas Olimpíadas de 32, em Los Angeles, EUA, inspirados pela realização dos primeiros Jogos Centro-Americanos, alguns representantes de países latino-americanos no Comitê Olímpico Internacional (COI) propuseram a criação de uma competição entre todos os países das Américas, com o intuito de desenvolver o esporte na região. Esse espírito acabou dando origem ao I Congresso Esportivo Pan-americano, em Buenos Aires, 1940. A princípio, foi definido que os primeiros Jogos seriam realizados em 1942, na própria capital argentina, o que acabou não acontecendo devido à II Guerra Mundial. Com o fim do conflito, um segundo Congresso, agora em Londres, durante as Olimpíadas de 1948, confirmou Buenos Aires como a primeira sede dos Jogos Pan-Americanos, que se realizariam, por fim, no ano de 1951.

Os Jogos Pan-americanos foram crescendo de tamanho e importância a cada edição. Menos de cinquenta anos depois, o evento dobrou os países participantes, atletas e modalidades, tornando-se uma das principais competições do calendário esportivo mundial.

Diversos torneios e campeonatos começam a fazer parte da vida mundial, a partir de meados do século XX, como seguem: em 1952, a cidade de Helsinque, na Finlândia, tinha apenas 367 mil habitantes na época, quando recebeu os Jogos Olímpicos. (COLLI, 2004). Nunca uma cidade tão pequena abrigou o evento. Exemplo da grandiosidade olímpica em relação às pequenas proporções da capital finlandesa é o estádio Olímpico: com 70 mil lugares, o local poderia acolher um quinto dos habitantes da cidade sede; em 1954, a Copa do Mundo na Suíça que não teve como campeã a seleção considerada melhor, a Hungria de Puskas. De forma surpreendente, a Alemanha derrotou a Hungria na final no chamado "milagre de

Berna". A Copa do Mundo 1954 foi a primeira a ter cobertura pela televisão, e foram cunhadas moedas comemorativas do evento; em 1955, o Pan-americano no México; em 1956, as olimpíadas em Melbourne, na primeira Olimpíada do Hemisfério Sul, fora do eixo Europa-América do Norte, o Comitê Olímpico internacional violou pela primeira vez a carta olímpica. A lei australiana impôs uma quarentena de seis meses a todo cavalo procedente de outro país. O COI decidiu mandar para Estocolmo, na Suécia, as provas de hipismo.

Os problemas dos Jogos, porém, não pararam aí. O contexto político internacional da época era preocupante. A intervenção franco-britânica no canal de Suez (Egito), o segundo conflito árabe-israelense, a violência na África do Norte, motivada nas lutas pela independência, e a intervenção dos tanques soviéticos em Budapeste criaram dúvidas sobre a disputa dos Jogos.

Egito, Iraque e Líbano boicotaram os Jogos em protesto ao conflito árabe-israelense. Israel enviou uma delegação de três atletas, por causa da convocação para servir o exército. Holanda, Espanha e Suíça não foram aos Jogos para protestar contra a invasão à Hungria. A China popular não participou por causa da presença de Formosa (atual Taiwan). Com a distância, o alto custo da viagem e o cenário internacional incerto, apenas 48 brasileiros disputaram os Jogos. Em Helsinque-1952, a delegação verde-amarela teve 107 representantes; em 1958, a Suécia foi escolhida para realizar a Copa do Mundo, mas foi derrotada pelo Brasil na partida final. O Brasil conquistou sua primeira Copa do Mundo, a única disputada na Europa vencida por uma seleção não europeia, encantando o mundo com jogadores como Pelé e Garrincha; em 1959, o Pan-americano em Chicago nos EUA; em 1960 as Olimpíadas em Roma na Itália – a decepção de 1908, quando Roma teve de abdicar de organizar os Jogos Olímpicos por causa da erupção do Monte Vesúvio aumentou ainda mais a importância dos Jogos de 1960. Para celebrar a volta das Olimpíadas, os italianos usaram seus principais pontos turísticos para receber provas. (COLLI, 2004).

A chegada da Maratona, por exemplo, foi no Arco de Constantino. A competição de luta livre, na Basílica de Constantino, nas ruínas do Fórum Romano, e a ginástica,

nas *Termas de Caracala*. Tudo para lembrar que Roma recebeu as Olimpíadas da antiguidade, até a proibição do imperador Teodósio em 393.

Apesar da opção pelo clássico, Roma investiu para organizar a competição. Para construir novas instalações e infraestrutura necessárias, o comitê organizador gastou US\$ 30 milhões. O aeroporto internacional de *Fiumicino*, por exemplo, foi construído para os Jogos.

Os belos cenários dos Jogos marcaram também a primeira edição olímpica com transmissão mundial pela televisão. A rede inglesa *Eurovision* transmitiu 93 horas e 40 minutos de programação. Cerca de 100 canais exibiram imagens para a Europa, ao vivo para 18 países.

Também foi a primeira vez que uma Olimpíada foi retransmitida para os Estados Unidos. A rede ABC pagou 400 mil dólares pelos direitos, mas as imagens chegavam com atraso, já que as fitas de vídeo eram enviadas de Roma para Nova York por avião. (COLLI, 2004).

A grande estrela do time brasileiro foi à seleção de basquete do técnico Kanela, campeã do mundo de 1959. Considerada por muitos o melhor time de basquete do Brasil de todos os tempos, a seleção era formada por Algodão, Amaury, Wlamir, Mosquito, Édson, Fernando, Jathyr, Rosa Branca, Sucar, Moyses, Waldemar e Waldyr.

Na década de 1960 surgiram as primeiras operadoras turísticas, com pacotes partindo do norte europeu, Escandinávia, Alemanha Ocidental para a costa do Mediterrâneo.

Na década de 1970, a preocupação com o meio ambiente tornou-se evidente, sendo necessário o cuidado e a preservação dos recursos naturais. Ao mesmo tempo surgiram às primeiras discussões sobre a poluição por turismo (REJOWSKI, 2002).

Nesse período, o Estado participou ativamente, principalmente através da expansão dos meios de transporte por via indireta, subsídios e facilidades no financiamento das redes hoteleiras, pela legislação trabalhista e a inclusão do direito ao lazer para o trabalhador, com projetos de turismo social para os menos favorecidos (INSKEEP, 1991).

Concomitantemente, começou a formação de parcerias entre os pilares da atividade turística (transporte, meios de hospedagem e agência de viagens), que buscavam formatar o turismo como negócio, implantando um novo paradigma comercial. É dessa época, como citado anteriormente, a criação dos principais organismos internacionais¹⁸, cujo foco era promover o turismo entre os países com base em acordos comerciais com equidade, promovendo o incremento econômico e social.

Para comprovar essa importância, a OMT começou a divulgar os primeiros números do turismo internacional, com o firme propósito de provocar um debate e uma reflexão sobre essa evasão mundial, na intenção de compreender esse processo e ao mesmo tempo auxiliar os países receptivos a assimilar esse fluxo de uma forma positiva. Percebendo, assim, o real significado de acolher o turista internacional, juntamente com os ganhos econômicos e sociais que advém com esse viajante. (BENI, 2003).

Entre 1950 até 1980, os dados apontaram uma evolução inicial vertiginosa, sendo que para muitos autores essa fase é considerada como o *tourism boom*¹⁹, além do esperado pela própria Organização, superando as expectativas, principalmente pelas receitas geradas. Esses índices comprovaram o imenso e longo trabalho a ser desenvolvido pela OMT, cujo comprometimento estabelecido e propagado foi o foco na compreensão da paz entre os povos, no desenvolvimento pleno da atividade e na erradicação da pobreza, principalmente nos países subdesenvolvidos, através de um turismo consciente e de respeito para com o ser humano e o meio ambiente. (PIRES, 2002).

¹⁸ Organização Mundial do Turismo (OMT), Associação Internacional da Aviação Civil (IATA) e Organização Internacional da Aviação Civil (ICAO).

¹⁹ *Tourism boom* - Expansão do turismo.

A Copa do Mundo de 1962 ocorre no Chile, os Jogos Pan-americanos em São Paulo no Brasil, em 1964 as olimpíadas em Tóquio no Japão, em 1966 a Copa do mundo na Inglaterra, em 1967 os Jogos Pan-americanos em Winnipeg, no Canadá, em 1968 as olimpíadas no México, em 1970 a Copa do Mundo no México, em 1971 os Jogos Pan-americanos em Callé, na Colômbia, em 1972 as olimpíadas ocorrem em Munique na Alemanha (houve atos terroristas conhecidos como Setembro Negro), em 1974 a Copa do Mundo ocorre na Alemanha, em 1975 os Jogos pan-americanos no México – Neste ano é criada a OMT – em 1976 as olimpíadas em Montreal no Canadá, em 1978 a Copa do Mundo na Argentina; em 1979 os Jogos Pan-americanos em Puerto Rico; em 1980 as Olimpíadas em Moscou – URSS; em 1982 a Copa do mundo na Espanha; em 1983 os Jogos Pan-americanos na Venezuela; em 1984 as olimpíadas em Los Angeles nos EUA.

O que se observa, no mundo, é que há um deslocamento de pessoas em virtude dos jogos; em 1986 a Copa do mundo no México; em 1987 os Jogos Pan-americanos em Indianápolis nos EUA; em 1988 as olimpíadas em Seul na Coreia. (COLLI, 2004).

A década de 1980 trouxe profundas alterações na relação entre governo e sociedade. O Estado passou a diminuir a sua participação no turismo, promovendo uma mudança lenta e gradual ao retroceder em sua postura intervencionista, abrindo espaço para uma economia voltada para o mercado. Esta modificação permitiu investimentos significativos do setor privado no turismo, uma área que estava florescendo e se consolidando com o passar do tempo (JENKINS e LICKORISH, 2000).

Na década de 90 até o século 21, no mundo continuam os jogos: em 1990 a Copa do Mundo na Itália, em 1991 os Jogos Pan-americanos em Havana – Cuba, em 1992 as olimpíadas de Barcelona – Espanha; em 1994 a Copa do Mundo nos EUA, em 1995, os Jogos Pan-Americanos em Mar del Plata na Argentina, 1996 as olimpíadas em Atlanta nos EUA (novos atos de terrorismo assolam as olimpíadas), em 1997 ocorre a crise econômica na Ásia; em 1998 a crise econômica na Rússia e

a Copa do Mundo na França, em 1999 os Jogos Pan-Americanos no Canadá e a Crise na Bolsa de Valores de Nova Iorque.

O século XXI apresenta o turismo com características de extrema sensibilidade para com toda alteração situacional, sendo por demais retráteis às oscilações de taxa de câmbio, flutuações sazonais da demanda, riscos meteorológicos, convulsões sociais, instabilidade política, terrorismo e riscos epidêmicos que comprometam a saúde pública, como o surto de SARS (Síndrome da Imunodeficiência Respiratória Aguda ou Gripe asiática) (BENI, 2003, p.73).

Esse início de século foi marcado intensamente por grandes acontecimentos internacionais, como o ataque terrorista ocorrido em Nova Iorque, em 2001, a Guerra do Iraque, em 2003, e um desastre natural de grandes proporções, o *tsunami*, que atingiu a Indonésia, em 2004. Estes fatos, além de alterarem o fluxo turístico internacional, também provocaram o aumento da segurança em meios de transporte, prédios públicos e grandes centros de entretenimento e lazer (TRIGO e PANOSSO NETO, 2003 p. 53; SOLHA *in* REJOWSKI, 2002, p.157).

Sobre o assunto, Beni expõe:

É óbvio que o desconforto, o estresse, o temor, o clima de verdadeira paranóia acabaram tirando o prazer de viajar. Os atentados de setembro de 2001 representaram, certamente, o maior desafio ao turismo em toda a história, exigindo agora esforços redobrados dos profissionais do Setor para reequilibrar o sistema.

Mas não foi só nos EUA que esses efeitos foram negativos. No mundo inteiro, desde o George V e o Meurice, em Paris, até o Savoy e o Claridge, em Londres, chegando ao Imperial e ao Okura, em Tóquio, a cena foi a mesma: os americanos foram-se, deixando os hotéis semivazios. Em alguns dos mais luxuosos, até metade do faturamento depende dos turistas e executivos americanos (BENI, 2003, p.74).

Badaró acrescenta:

O significado dessa situação para o turismo internacional não pode, ainda, ser rigorosamente avaliado. As pendências de uma crise dependem da decorrência negativa que lhe são atribuídas. A própria história mostra o vigor da demanda turística, sua resistência às crises e sua grande capacidade de ultrapassar situações desfavoráveis provocadas por uma instabilidade político-econômica ou geradas por catástrofes naturais (BADARÓ, 2003, p. 83).

Em 2000 as olimpíadas em Sydney na Austrália, em 2002 a Copa do Mundo é realizada na Coreia e no Japão, em 2003 os Jogos pan-americanos na República Dominicana, em 2004 as olimpíadas em Atenas na Grécia, neste mesmo ano a Indonésia sofre com o Tsunami, em 2006 a Copa do mundo na Alemanha, em 2007 os Jogos Pan-Americanos se realizam no Rio de Janeiro no Brasil, e em 2008 as olimpíadas são realizadas em Pequim na China. É interessante observar no Apêndice 1, que há uma tendência dos jogos se repetirem nos últimos países infraestruturados aos jogos anteriores.

Turismo é, acima de tudo, prazer. E, prazer é o mais alto grau da satisfação humana. Esse prazer não pode ser egoísta ou isolado de outras dimensões da vida humana, não pode ser negado por elas como aconteceu muitas vezes ao longo da história, especialmente nas perversões motivadas por patologias religiosas. O judaísmo já foi, no passado, uma religião que negava o prazer aos seus seguidores. O cristianismo, durante séculos, reprimiu e torturou aqueles que não se submetiam à neurose de alguns de seus líderes seculares. O islamismo hoje apresenta um pequeno grupo de seguidores tentando reviver o horror de um passado que julgávamos ter sido enterrado. Mas a *barbárie* sempre pode ressurgir, geralmente quando há miséria, exploração e ignorância. Em meio à complexidade do mundo e das características conflituosas de nossa espécie, entre o que nos foi legado pela biologia e o que ansiamos pela cultura, há espaço para o sonho e a esperança. Sociedades livres, ricas e organizadas sempre podem oferecer melhores frutos aos seus membros. (BENI, 2003).

1.4. O turismo no Brasil

A dissertação do desenvolvimento histórico do turismo em nosso país ainda carece de mais informações. Grande partes das fontes está em relatos de diários de estrangeiros, que visitaram o Brasil em viagens exploratórias, entre os séculos XVI e XIX. Alguns autores foram incutidos de organizar e publicar essas histórias com o intuito de difundir esse conhecimento, imortalizando a história do turismo brasileiro.

Trigo (2000) pesquisa e escreve sobre o fenômeno na cronologia do turismo brasileiro, descrevendo as viagens exploratórias, que serviram de base para a construção da história turística brasileira. Das principais citações, destacam-se as publicações envolvendo a formação do Brasil no que diz respeito ao povo, aos costumes, à fauna e à flora brasileira. Todas escritas pelos inúmeros viajantes que aportaram em terras brasileiras e descobriram um país rico e belo por natureza.

O interesse dos europeus pelo Brasil vai sendo revelado, através dos inúmeros períodos de ocupação dos franceses, espanhóis e holandeses, além dos portugueses. Esses momentos propiciaram a vinda de muitos cientistas, escritores e artistas, que buscavam desvendar os mistérios do novo mundo:

Esse progresso urbano era ocorrência nova na vida brasileira, e ocorrência que ajuda a melhor distinguir, um do outro, os processos colonizadores de “flamengos” e portugueses. Ao passo que em todo o resto do Brasil as cidades continuavam simples e pobres dependências dos domínios rurais, a metrópole pernambucana “vivia por si”. Ostentavam-se nela palácios monumentais como o de Schoonzicht e o de Vrijburg. Seus parques opulentos abrigavam os exemplares mais vários da flora e da fauna indígenas. Neles é que os sábios Piso e Marcgrave iam encontrar à mão o material de que precisavam para a sua *Historia naturalis brasiliae* e onde Franz Post se exercia em transpor para a telas cores magníficas da natureza tropical [...]. (HOLANDA, 1995, p. 63).

A crônica do alemão Hans Staden, de 1557, chamou a atenção pelos detalhes bombásticos em relação ao Brasil, no qual ele retratou a colônia como uma “[...] terra de selvagens, nus e ferozes povos comedores de homens [...]” (SKIDMORE, 2003, p. 31).

De acordo com Skidmore (2003), as figuras que ilustravam o livro, xilogravuras, que mostravam enormes membros humanos cozidos em caldeirões ferventes, o que provocou uma associação do Brasil com a prática do canibalismo por muito tempo. Estas imagens acabaram permanecendo no imaginário europeu durante os séculos XVI e XVII, criando uma ideia estereotipada da colônia portuguesa.

Para firmar a identidade e importância do turismo individualizado no cenário nacional, como forma de promover o crescimento e desenvolvimento do país, é necessária a reconstrução histórica do período colonial brasileiro, que se tornam fontes fundamentais para preservar os acontecimentos ocorridos nesta fase,

contribuindo para o estudo do passado do turismo brasileiro, fortalecendo a busca consciente para a reorganização dos fatos, de um setor que interage com diversas áreas (história, antropologia, ciência política, economia, geografia, comunicação e sociologia).

A hipótese explorada, até o presente momento, por vários autores é que o turismo iniciou realmente no país, com a chegada da família real em 1808. Momento em que houve a abertura dos portos a nações amigas, originando uma rápida internacionalização, influenciando o aumento do fluxo comercial e desenvolvimento social, econômico e urbano (PIRES, 2002).

A família real protagonizou um momento ímpar ao desembarcar no porto de Salvador quando de sua chegada, encarando pela primeira vez a situação desoladora de sua principal colônia, mantenedora do seu reino, cuja condição de vida, material e moral, eram impensáveis para um europeu:

É de se imaginar a improvisação, pois uma cidade que, embora sendo a capital, estava absolutamente mal preparada para receber 15 mil pessoas, boa parte delas fidalgas, teve de se transformar, quase que da noite para o dia, na sede do Império Português.

O caráter de emergência e a total improvisação fizeram com que, nos primeiros tempos, nada houvesse de sofisticado. Humilde era a residência real e mais humildes se mostravam as condições em que a família real se apresentava. (PIRES, 2002, p.40,41).

Essa condição era fortemente manifestada pelos estrangeiros, que não tardavam em retratar a visão de submundo da colônia portuguesa aos olhos da elite europeia, divulgando as péssimas condições de hospedagem, dos serviços de alimentação, higiene e conservação das cidades brasileiras. Dois momentos descritos por Trigo (2000), em sua cronologia, merecem atenção especial:

1703 - Um anônimo viajante francês, de passagem pelo Rio de Janeiro no dia 10 de julho, deixou relatado que foi obrigado a dormir a bordo de seu navio por que não havia “como em França, hospedarias nem quartos mobiliados para alugar”. Essa situação perdurou por muito tempo.

1787 - O cirurgião inglês John White, cansado de percorrer com outros passageiros de seu navio as ruas estreitas do Rio de Janeiro, considerou o maior incômodo não achar “café ou hotéis onde pudéssemos tomar refresco ou passar uma ou duas noites em terra”. A mesma situação ocorria em outras cidades brasileiras como Salvador. (TRIGO, 2000, p.153).

Com a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, começam as imigrações: mais de 3.700.000 pessoas chegaram ao Brasil neste período²⁰, entre elas portugueses, espanhóis, negros, italianos, alemães e menos expressivamente judeus, árabes, sírios, turcos, entre outros.

Ao transferir-se para a capital administrativa – Rio de Janeiro - a corte provocou grandes modificações no cotidiano, no comportamento, na economia e na infraestrutura da cidade. A coroa portuguesa incorporou o hábito dos banhos em água salgada para questões de saúde, afirmando que: “além do modismo dos banhos de mar e dos benefícios da água para a saúde, as condições de higiene na capital eram bastante precárias” (PIRES, 2002, p. 58).

A família real buscava modernizar a cidade do Rio de Janeiro, com ações que visavam instaurar um estilo europeu à nova capital administrativa, criando uma orquestra, inaugurando um teatro e abrindo espaço para uma larga atividade editorial, não desprovida de censura.

Contudo, a grande extensão territorial da colônia, fomentava forte contraste em solo brasileiro, favorecendo ao estigma de exótico, selvagem e pitoresco, que acompanhou o país por muito tempo. Essa imagem está associada aos relatos dos estrangeiros, perpetuados na memória europeia: “muitos participantes de expedições de reconhecimento se sentiram em condições de escrever sobre diversos temas, como a fauna e a flora, os escravos e o rigor dos castigos a eles infligidos, em praça pública” (REJOWSKI, 2002, p. 128).

Com relação ao Brasil escravocrata, Skidmore (2003) comenta que o Brasil foi um dos últimos países da América Latina, juntamente com Cuba, a abolir a escravidão. E que esse fato prejudicou negativamente, a imagem do país junto à comunidade internacional por um longo período.

Embora o país insistisse em não abdicar do sistema escravocrata, pois a economia brasileira nesta época estava pautada na mão de obra escrava e a oligarquia não

²⁰ Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000 - <http://www.ibge.gov.br/brasil500/index.html> - Adquirido em 12. Set. 2008.

queria mudanças, mesmo neste ínterim a corte ansiava em forjar ares de modernidade na colônia portuguesa. Solha (2002 *in* REJOWSKI, p. 126) relata que “os meios de hospedagem, antes poucos e precários, também sofreram intensas modificações”, por parte da nova era que representava a efervescência urbana em alta, com a presença de vários estrangeiros em terras brasileiras. A implantação de alguns poucos hotéis iniciou a trajetória no Brasil em 1820, cuja finalidade era propiciar uma maior comodidade e conforto aos comerciantes que chegavam ao país para negócios, influenciados pela abertura dos portos (TRIGO, 2000).

Com o desenvolvimento, foi intensificada também a construção de estradas de ferro, visando facilitar as linhas de comércio, principalmente na região sudeste, representadas pela zona cafeeira de São Paulo, e nos centros de interesse termal, representados pelas cidades de Caxambu e Poços de Caldas (SOLHA *in* REJOWSKI, 2002, p.127).

O início do fluxo turístico, considerado eminentemente emissivo²¹, ocorreu na metade do século XIX, através do movimento da elite cafeeira com destino à Europa, para desfrutar das belezas e tomar ciência dos avanços culturais e tecnológicos. Pires (2002, p.32) afirma que:

Embora não se tenha informação estatística sobre a quantidade de brasileiros que viajavam à Europa, sabe-se, pelos relatos deixados por aqueles que empreenderam viagens, principalmente de obras biográficas, que a elite do café criou um fluxo emissivo sem precedentes até então na história do Brasil.

O sentimento de europeização tomou conta da aristocracia brasileira a partir do século XIX. Iniciando um movimento contrário, o de brasileiros em visita ao velho continente. Os barões do café, preocupados com as novas diretrizes mundiais de industrialização, enviaram seus filhos para complementação dos estudos em Coimbra (SOLHA *in* REJOWSKI, 2002).

Skidmore (2003) sintetiza essa necessidade de evasão ao escrever que mesmo a classe abastada não possuía condições de um estudo mais avançado, pois o país, nessa época, oferecia o aprendizado somente até a escola secundária, forçando

²¹ Compreende os residentes que viajam como visitantes para outro lugar distinto da sua residência habitual (OMT, 2003).

uma saída rumo a Portugal, para finalização dos estudos em Direito ou Medicina na Universidade de Coimbra. Juntamente ao desejo de incorporar a cultura europeia, existia a indispensável formação cultural para os jovens abastados da sociedade brasileira. Os mais afortunados seguiam rumo à França, onde o iluminismo estava fermentando suas ideias.

A preocupação com a integração do imenso território nacional era constante no Império (1822-1889) e, mesmo depois, com a República. Os governantes tinham ciência do quanto eram imprescindíveis uma rede de comunicação e um sistema de transportes eficiente, com vistas a unificar verdadeiramente as províncias brasileiras.

Engenheiros nacionalistas, na época, tinham a firme certeza de que a ausência de comunicação e transportes era um empecilho para a economia brasileira, e que a sua implantação, por certo, favoreceria o crescimento e o desenvolvimento do país (GALVÃO, 1996).

O governo ansiava por incluir o país no rumo do desenvolvimento, mas tinha à frente muitos desafios, como transportes, comunicação e saneamento básico.

Dom Pedro II é um visionário e apresenta na época muito interesse no desenvolvimento do país, instala o telégrafo no Brasil em 1852. Em 1853 é inaugurada a 1ª ferrovia brasileira pelo Barão de Mauá, em 1857 já é integrado o sistema de esgoto do Rio de Janeiro. Em 1869 os hotéis em São Paulo e Rio de Janeiro começam a apresentar comodidades dignas da corte, em 1879 é instalado o telefone no Brasil, em 1853 Dom Pedro II desmembrou o Paraná do estado de São Paulo e, em 1888, criou através do Ministério da Guerra no Rio de Janeiro, a Comissão Estratégica que deveria abrir uma estrada até a foz do rio Iguaçu, comissão essa que consolidou o povoamento na região oeste do Paraná. Neste clima de desenvolvimento em 1888 é lançada a Lei Áurea, o que não agrada aos grandes proprietários de terras e termina por incentivar a queda do trono português e, ainda antes de terminar o século é proclamada a República, em 1889, por Marechal Deodoro da Fonseca²².

²² Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000 - <http://www.ibge.gov.br/brasil500/index.html> - Adquirido em 12. Set. 2008.

Com a escravidão abolida²³, tarde, mas banida da sociedade, o poder público iniciava uma longa caminhada para incorporar o país na comunidade mundial. Pois o respeito e a estima de outros povos, eram de vital importância para o desenvolvimento social e econômico do Brasil. Os obstáculos eram imensos, a começar pela capital administrativa:

O ambiente do Rio de Janeiro repelia muitos visitantes estrangeiros. A cidade tinha uma reputação de moléstias, especialmente febre amarela. Linhas marítimas italianas chegavam a anunciar suas viagens à Argentina como “sem escalas no Brasil”. O traçado das ruas do Rio pouco mudara desde o século XVIII [...]. Elas eram estreitas, apinhadas, sem higiene e de difícil circulação. O saneamento era primitivo e o fornecimento de água suspeita. Em suma, o Rio era uma propaganda fraca para um país que desejava unir-se à marcha do Atlântico Norte rumo à modernidade (SKIDMORE, 2003, p. 110).

Segundo Pires (2002), foi somente a partir de 1870, que os hotéis no Rio de Janeiro e em São Paulo começaram a mostrar uma fisionomia moderna, própria da Corte, oferecendo quartos ricamente mobiliados, banhos salubres e uma cozinha francesa requintada.

No final do século XIX e início do século XX, o país almejava implantar as novas descobertas em produção e tecnologia nas áreas da saúde, comunicação e transportes.

O governo teve ativa participação na expansão do setor hoteleiro nacional no início do século XX:

Na década de 1920, surgiram as primeiras ações governamentais no sentido de incentivar a construção de grandes hotéis, a fim de que pudessem ser recebidas e adequadamente instaladas autoridades governamentais e personalidades em visita às principais cidades brasileiras (TRIGO, 2000, p. 153).

A cidade de Santos foi alçada à condição de balneário das elites, e Petrópolis respondia pelo refúgio no inverno. Fazendeiros e comerciantes usufruíam suas casas ou dos hotéis localizados nessas regiões. Rio de Janeiro era considerado o polo do turismo nacional, para a região sul e sudeste. O hotel Copacabana Palace, inaugurado em 1922, imprimiu luxo e extrema sofisticação ao setor, alçando a hotelaria nacional ao patamar de primeiro mundo (SOLHA *in* REJOWSKI, 2002).

²³ A abolição da escravatura, no país, ocorreu em 13 de maio de 1888 (SKIDMORE, 2003).

Com o desenvolvimento do transporte ferroviário no país, várias cidades interioranas foram beneficiadas com os deslocamentos progressivos. A busca pelas estações termais e de cura, acompanhadas pela tendência de culto ao corpo e à saúde aumentaram nesse período em que a Europa estava em guerra, o que estimulou o turismo interno e a adoção de uma nova moda da época: o cassinismo, promovendo grandes construções de hotéis cassinos²⁴. Essa época áurea perdurou até o final da década de 1940, quando o então presidente Eurico Gaspar Dutra, proibiu os jogos de azar no país, acarretando incontáveis prejuízos aos hoteleiros e aos funcionários ligados à área (SOLHA *in* REJOWSKI, 2002).

A região de Foz do Iguaçu, com o passar dos anos se dedicou, também a acolher o turista que viaja para jogar (cassinismo), com sua posição estratégica de Tríplice Fronteira, onde o turista fica durante o dia no país vizinho (Argentina ou Paraguai) e a noite dorme na hotelaria do município.

Um país eminentemente agrícola. Esta era a face do Brasil na virada do século XX, com fortes concentrações na produção cafeeira e na extração da cana-de-açúcar. Essa situação foi paulatinamente sendo diversificada, a partir da década de 1920, com a criação de um parque industrial, através de investimentos estrangeiros²⁵ maciços. O governo brasileiro buscava alterar este perfil, utilizando os “ganhos da exportação para financiar as importações necessárias à industrialização, diversificando sua economia e afastando-se da dependência da agricultura”.

Conforme Skidmore (2003) o período que sucedeu ao grande “*crash*”²⁶ de 1929, o governo programou medidas econômicas radicais, estimulando a expansão monetária e promovendo a demanda geral no país, o que possibilitou uma recuperação mais rápida que os Estados Unidos. Contudo esse renascimento

²⁴ Destacam-se os famosos cassinos Quitandinha (Petrópolis), Parque Balneário e o Atlântico (Santos), Grande Hotel (Araxá) e o Urca (Rio de Janeiro) (SOLHA, 2002).

²⁵ Segundo Skidmore, neste período, os Estados Unidos e a Alemanha detinham os grandes investimentos na industrialização do país (2003).

²⁶ A economia capitalista mundial entrou em colapso em 1929, causando um momento de depressão econômica durante os três anos subsequentes (SKIDMORE, 2003).

econômico provocou o surgimento da desigualdade econômica e social, que persiste até os dias atuais:

A diversificação econômica que se seguiu à Primeira Guerra Mundial teve efeitos extremamente desiguais. A industrialização se concentrou no Sul e Sudeste, especialmente no triângulo formado pelos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. [...] Enquanto o Sudeste e o Sul progrediam economicamente, o Nordeste e o Norte sofriam um declínio nas décadas de 1920 e 1930. O açúcar, que tinha sido a base econômica do Nordeste, foi-se tornando cada vez menos competitivo no mercado internacional, e nenhuma outra cultura surgiu para substituí-lo em quantidade suficiente. [...] Apesar da diversificação e maior crescimento econômico nas regiões urbanas do Sul e Sudeste, o país permanecia predominantemente rural. No censo de 1940, por exemplo, menos de um terço (31,2%) do Brasil era urbano. O transporte era difícil e lento, com menos de 3 mil quilômetros de estradas pavimentadas no país inteiro. A comunicação rápida tinha de ser feita por telégrafo ou por rádio, o qual, desde a década de 1920, tornara-se a principal forma de comunicação de massa. A imprensa escrita existia apenas para os brasileiros alfabetizados mais ricos das cidades grandes (SKIDMORE, 2003, p. 144).

Esse panorama reforçou a ideia de um governo ausente e omissivo, no que diz respeito à instauração de uma política adequada de infraestrutura nacional, de uma educação de qualidade, de incentivos que facilitassem o amplo desenvolvimento do país, agregados a uma fiscalização eficiente. As ações eram tomadas, em grande parte, pelo poder privado, que devido à falta de iniciativa do poder público, em muitas ocasiões, resolveu agir para maximizar seus investimentos, pois a escassez:

[...] de recursos humanos, dificuldades de infraestrutura de acesso, de suprimentos, entre outras, conjugados com a pretensão de absorver todos os rendimentos possíveis do empreendimento, levavam os empresários a procurar deter em suas mãos desde a exploração das fontes, a construção e exploração dos balneários, hotéis, restaurantes, cassinos, parques de diversões até a exploração das linhas de transporte e o mercado imobiliário de compra e venda de lotes (RODRIGUES, 1985 *apud* SOLHA *in* REJOWSKI, 2002, p. 125).

Trigo (2000, p. 154) contrapõe o pensamento de Skidmore ao escrever que:

“apesar das grandes disparidades existentes, a economia brasileira, a partir da década de 1930, expandiu-se geograficamente fazendo surgir as grandes cidades, com edificações de porte, os primeiros aeroportos e as primeiras grandes obras de engenharia urbana”.

A hotelaria nacional, já tendo adquirido um valor como atividade econômica, progrediu em uma espécie de continuísmo colonial, por toda a costa litorânea brasileira. O país travava um grande desafio para formar uma identidade nacional, em meio às grandes diversidades étnicas.

A nação se propiciou a aceitação pública de ser uma sociedade afro-brasileira. Essa postura acabou por se refletir fortemente no esporte e na cultura, com o governo promovendo a seleção principal de futebol, o samba e o carnaval (SKIDMORE, 2003), fortalecendo um novo senso de identidade, através de instrumentos poderosos como o esporte, a música e a dança.

O progresso dos transportes aéreos acompanha essa fase de prosperidade no país, que diplomaticamente usufruiu de acordos, cujos investimentos foram provenientes de países concorrentes: Alemanha e Estados Unidos. Para o governo brasileiro, o país necessitava investir massivamente no transporte aéreo e em sua infraestrutura de base, devido a sua grande extensão territorial e aos obstáculos existentes nos meios de comunicação interna. Desta forma, era premente que a população pudesse utilizar esse rápido meio de transporte, facilitando o deslocamento dentro do território nacional. Esse período viu surgir várias companhias aéreas²⁷: Varig e o Sindicato Condor (1927), Panair (1930), Vasp (1933), entre outras. As políticas do governo também promoveram a criação do DAC²⁸, o Código Brasileiro de Aeronáutica, o CAM (Correio Aéreo Militar) e o Ministério da Aeronáutica (1941), amplamente alinhados com a regulamentação da aviação internacional estabelecida pela convenção de Chicago, ocorrida em 1944, no pós-guerra (FAY, 2001).

Para Solha (*in* REJOWSKI, 2002, p. 127), à parte o momento eufórico que atravessava a economia brasileira e os investimentos crescentes,

os problemas existentes com relação aos meios de transportes eram críticos, e estavam relacionados aos equipamentos e também à conhecida falta de infraestrutura nacional:

- Havia uma decadência da malha ferroviária, em razão da falta de investimento no período de guerras e, também pelo desinteresse da Inglaterra em recuperar ferrovias cujos contratos de exploração estavam vencendo;
- A malha rodoviária tinha pouca extensão, encontrando-se em estágio inicial de desenvolvimento;
- Os portos marítimos e fluviais estavam estruturados para o transporte de cargas;
- A infraestrutura aérea ainda era bastante precária, embora já existisse o DAC.

Historicamente, de acordo com Galvão (1996), o país ensaiou várias alternativas envolvendo um eficiente sistema de transportes que pudesse integrar e unificar o território nacional. Os principais relacionavam ao transporte ferroviário, de

²⁷ Atualmente a Varig pertence à outra companhia aérea (GOL) e as demais não existem mais.

²⁸ Departamento de Aviação Civil, atualmente representado pela criação da ANAC, Agência Nacional da Aviação Civil.

cabotagem, fluvial e rodoviário. Inúmeros planos e estudos foram apresentados por engenheiros com propostas pragmáticas, às vezes ambiciosas, para ordenar e implantar no país um sistema de transporte multimodal. Contudo, o país enfrentou problemas de toda ordem, incluindo:

[...] dificuldade econômica em gerir um eficaz sistema de cabotagem com uma infraestrutura portuária, resistência dos grandes latifundiários em ampliar a rede ferroviária para além do escoamento de suas *plantations*, a manutenção do *status* colonial e a dependência da exportação de uns poucos produtos primários marcaram profundamente o padrão e a evolução dos sistemas de transporte no Brasil até a metade do século XX, culminando em uma baixa produção interna reduzida, não sustentando a idéia de um sistema de transportes integracionista multimodal (GALVÃO, 1996, p. 194).

Ao final, o país acabou por adotar o sistema rodoviário como principal meio de transporte a partir de década de 1950, acreditando na sua mobilidade técnica e econômica para unir o país em comparação com os outros meios de transporte.

Com o apoio do governo federal, a cidade do Rio de Janeiro ganhou visibilidade internacional por sediar a Copa do Mundo em 1950, entretanto “o turismo ainda não era prioridade na esfera governamental, pois os assuntos relacionados ao tema eram tratados por diferentes setores da administração pública” (SOLHA *in* REJOWSKI, 2002, p.127). As décadas seguintes foram um grande desafio para o país. O turismo era usufruído por uma elite. Apesar do estabelecimento da classe média estar estabelecida, as viagens ainda não consistiam em um hábito familiar brasileiro. Turismo era uma atividade para os ricos. O setor teve na mídia um grande aliado, que começou a incluir gradualmente pequenas matérias sobre viagens em suas publicações. A Folha de São Paulo foi o primeiro veículo de comunicação a editar um caderno de viagens no país, em 1968 (SOLHA *in* REJOWSKI, 2002).

A despeito das dificuldades, o setor privado investiu pesadamente no setor aéreo nacional:

em 1947 o Brasil liderava a aviação comercial na América Latina, sendo o país com a maior rede aeroviária depois dos Estados Unidos, da União Soviética, do Reino Unido e da Austrália, tanto que em 1951 o país contava com 5242 empresas aéreas²⁹ (TRIGO, 2000, p. 200).

²⁹ Segundo o autor, esse setor entra em regressão com o passar dos anos, pois muitas empresas foram absorvidas pela concorrência, e outras decretaram falência, devido aos altos custos de manutenção, reposição de peças para as aeronaves e a baixa demanda. O país termina a década de 1970 com apenas quatro grandes companhias aéreas: Vasp, Varig, Transbrasil e Cruzeiro do Sul.

Paradoxal, essa era a posição do governo na metade do século XX que apostava alto na consolidação de um parque industrial, atraindo o capital estrangeiro, a fim de incluir o país definitivamente na modernidade, e por outra ordem, não contemplou com investimentos adequados setores considerados prioritários como educação, saúde e infraestrutura de base. O foco era desfazer a imagem rural, que perpassou por muitos anos na comunidade internacional, pois, de certa forma, o poder público alcançou parte das metas propostas, integrando o país através do sistema rodoviário:

Em 1961 [...] o Brasil tinha uma indústria de veículos motorizados (criada praticamente do nada) e estava a caminho de instituir muitas indústrias subsidiárias vitais à produção de veículos. Havia também impressionantes avanços na geração de eletricidade e construção de estradas (SKIDMORE, 2003, p. 204).

Com a ascensão da aviação civil em nível mundial, principalmente pelo surgimento do avião a jato que diminuiu radicalmente o tempo dos voos transcontinentais com rapidez e segurança, o avião assumiu a liderança no transporte de passageiros internacionais, ultrapassando os navios na década de 1955 (TRIGO, 2000). No Brasil, assim como em outros países, as companhias marítimas precisaram reinventar o seu negócio, assumindo rotas requintadas, oferecendo luxo e sofisticação aos passageiros (SOLHA *in* REJOWSKI, 2002). No país esse papel coube, inicialmente, aos navios da empresa nacional Lloyd Brasileiro, fretados por grandes agências de viagens como Agaxtur, cujos roteiros variavam entre 5 a 26 dias na costa brasileira e possuíam uma capacidade para 450 passageiros. Eles navegaram até 1968, sendo substituídos pela empresa italiana Costa *Crociere*, com os navios Eugenio C e Enrico C, que operou viagens marítimas até o final da década de 1980, marcando uma época áurea do turismo brasileiro (TRIGO, 2000). Em 1982 foi proibida a navegação por cabotagem de navios estrangeiros na costa brasileira, devido à assinatura do Tratado de *Montego Bay*³⁰, que contou com a adesão das principais nações mundiais, resultando no fim das viagens entre as cidades litorâneas, mantendo um ou outro porto brasileiro na rota dos cruzeiros, apenas como ponto de embarque e desembarque.

³⁰ IBAMA. Tratado de Montego Bay. Disponível em: http://www.ibama.gov.br/ambtec/lista_legislacao.php?cds=65&ctemaesp=1&ctipo=0¶ms_Q=marinhos&tp - Acesso em: 10.ago.2007.

A evolução do turismo nos principais mercados internacionais ao final da década de 1960, já exibiu proporções mundiais, mas a complexidade do tema exigia por parte do mercado brasileiro uma ação mais eficaz e organizada, pois essa atividade não se desenvolvia a contento no país. O governo desconhecia o assunto e estava sendo pressionado pela classe empresarial a participar efetivamente, principalmente pelos agentes de viagens, que em 1953 fundaram uma associação nacional, a ABAV³¹, buscando incentivar e fortalecer o turismo nacional³². (BENI, 2003).

Dessa forma, em 1958, surge a Combratur³³, vinculada à Presidência da República, responsável por coordenar, planejar e supervisionar a atividade turística no país. Essa pode ser considerada a primeira política pública do Estado a serviço do turismo brasileiro, em que o governo enquadrou o turismo pelo viés econômico, trabalhando o fenômeno com uma visão limitada e estreita, uma fonte de receita econômica (FERRAZ, 2000).

O órgão foi extinto em 1962, quando foi criada a “Divisão de Turismo e Certames do Ministério da Indústria e Comércio, com a finalidade de promover, organizar e fiscalizar exposições, feiras, certames no território nacional” (SOLHA *in* REJOWSKI, 2002, p. 131), o que resultou na difusão das bases para o turismo nacional a partir dessa data.

O crescimento continuado da atividade expunha o país frente as suas carências setoriais em infraestrutura (rodovias, ferrovias, comunicação, energia e saneamento), transportes e logística (aeroportos, portos e terminais rodoviários), qualificação dos recursos humanos e apoio institucional ao setor privado. O governo mantinha uma linha econômica para o turismo, abusando da conotação “indústria”, com o qual o segmento foi nominado inúmeras vezes. Em seu discurso, Silveira³⁴ (s/d, p. 17-18) descreveu essa ideia:

³¹ Associação Brasileira das Agências de Viagens.

³² Foi fundada no Brasil em 1901 pela Família Cinelli, a primeira agência de viagens na cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <www.abav.com.br>. Acesso em: 20.ago.2007.

³³ Comissão Brasileira de Turismo (FERRAZ, 2000).

³⁴ Joaquim Xavier da Silveira foi o primeiro presidente da Embratur, de 1966 a 1971. Ele é autor do livro: Turismo uma prioridade nacional, no qual narra o período de criação e consolidação da empresa no território nacional (SILVEIRA, s/d).

[...] o turismo como indústria, como atividade econômica, já oferece resultados no contexto da economia nacional, ampliando dia a dia o seu volume, criando mercados de trabalho, e apresentando índices de crescimento que permitem prever sua consagração em médio prazo, como importante indústria do País.

Contraopondo o discurso governista, Pereira (1999) fez uma profunda reflexão sobre as condições do país entre 1956 até 1961, mencionando que este tempo marcou o fim da revolução industrial brasileira e que apesar do desenvolvimento obtido, o Brasil apresentava sérios problemas em relação aos transportes com um sistema ferroviário arcaico e mal equipado, voltado exclusivamente para a exportação; o setor de navegação estava à mercê com empresas estatais deficitárias e burocratizadas; e a área da energia, onde os estrangeiros dominavam 80% dos negócios, não recebia investimentos adequados em resposta às baixas tarifas impostas pelo governo.

Para o mercado, a necessidade de mudanças era visível, e a partir desse momento o governo decidiu ampliar a sua participação na atividade turística nacional, criando com o decreto-lei n. 55 de 18/11/1966 a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) e o Conselho Nacional de Turismo (CNTUR):

Em 1966, uma observação saltava aos olhos: a de que o Governo Federal não podia continuar com suas atividades no campo do turismo circunscritas aos estreitos limites de uma divisão, órgão burocrático subordinado a um departamento da Secretaria de Comércio, do Ministério da Indústria e do Comércio. Apesar dessas limitações, algo tinha sido feito, independentemente da carência de recursos orçamentários e da falta de pessoal especializado. O quadro que se apresentava na época não satisfazia em absoluto às necessidades. O turismo demandava ações mais objetivas do Governo. Existia apenas, no âmbito federal, a Divisão de Turismo e Certames, e no estadual, duas Secretarias de Estado, a da Guanabara e a de São Paulo. Em outros estados, departamentos e serviços autônomos exerciam suas atividades, notadamente o SETUR do Rio Grande do Sul, o mais antigo órgão estadual de turismo do Brasil. Alguns municípios, por iniciativa das Câmaras Municipais, possuíam Serviço de Turismo para atendimento das necessidades locais. Em âmbito nacional uma entidade particular fazia sentir sua presença no campo turístico; O Touring Club do Brasil, a quem o turismo nacional deve, pelo seu pioneirismo e eficiência, uma incontável soma de realizações (SILVEIRA, s/d, p. 19).

Essa atitude, considerada um ato embrionário por parte da classe empresarial, propiciou novos investimentos na área e estabeleceu uma ideia de política nacional para o turismo. O CNTUR era presidido pelo Ministério do Estado em cooperação com setores da iniciativa privada (hoteleiros, transportadores e agentes de viagens),

e tinha por objetivo a formulação das políticas, criação das diretrizes, estipulação de normas e regulamentos. À EMBRATUR³⁵ cabia a “tarefa de execução e aplicação das determinações” (SILVEIRA, s/d, p. 20).

Contraopondo as primeiras iniciativas do governo, a atividade segue um ritmo lento no país, apesar dos fluxos turísticos internacionais trilharem o caminho inverso da história nacional com uma ascensão intensa e contínua. Houve algumas melhorias “nos equipamentos e no sistema de transportes (principalmente no setor rodoviário), na ampliação dos sistemas de comunicação, na urbanização das cidades e no crescimento de uma classe média propensa a viajar” (SOLHA *in* REJOWSKI, 2002, p. 133).

Para Skidmore (2003, p.249), o país mergulhou no:

[...] milagre econômico forjado pelo autoritarismo³⁶, a inflação fora reduzida de 92% em 1964 para 28% em 1967. Boa parte da dívida externa fora renegociada e os alicerces estavam postos para o crescimento renovado. Este crescimento veio em 1968 e abriu caminho para um *boom* de seis anos, durante o qual a expansão econômica teve uma taxa média altíssima de 10,9%. [...] O ministro da fazenda facilitou o crédito em 1967, e a economia brasileira respondeu com saudável crescimento, centrado basicamente no setor industrial.

Esse milagre econômico proporcionou alguns investimentos importantes na atividade turística, principalmente no setor hoteleiro, através da implantação de novos paradigmas de administração, proporcionando modernização nos sistemas de gestão:

A criação da EMBRATUR, em 1966, trouxe a regulamentação e a normatização da hotelaria, pelo critério de classificação por estrelas, propondo um trabalho de uniformização na venda dos estabelecimentos existentes. A partir de 1970, houve expansão significativa das indústrias aeroviária e rodoviária e o governo federal voltou a incentivar investimentos na área hoteleira, com a criação de novas linhas de financiamento por programas como o Fundo Geral de Turismo – Fungetur, o Fundo de Investimento do Nordeste – Finor e o Fundo de Investimento da Amazônia – Finam. Surgiram com isso os pequenos e médios hotéis particulares do litoral brasileiro. A procura por novos hotéis permitiu a expansão das redes e o aparecimento de empresas fortes, que começaram a colocar o Brasil na esteira do turismo internacional. Surgiu em 1971 o primeiro hotel internacional do país, o São Paulo Hilton, marco na hotelaria brasileira (TRIGO, 2000, p. 155).

³⁵ Silveira relata, em seu livro, que a criação da Embratur, uma empresa pública, foi uma experiência ainda inédita no Brasil (s/d, p. 20).

³⁶ Em 1964 o país sofreu o golpe militar, que permaneceu 21 anos no poder (SKIDMORE, 2003).

A formação do CNTUR e da EMBRATUR, assim como a abertura de crédito através do Fungetur, criou um clima propício ao desenvolvimento do turismo do Brasil, marcando a efetiva participação do Estado nas políticas públicas do turismo.

Apesar do cenário promissor e com o turismo sendo uma atividade econômica do futuro, as expectativas renderam menos do que o esperado e, o país não atingiu um resultado exponencial e contínuo da atividade até o final da década de 1990, demonstrado através dos resultados irregulares nas chegadas internacionais e no turismo interno, ficando muito aquém do que a sua extraordinária oferta turística³⁷ poderia proporcionar ao turista.

Os números questionáveis do turismo brasileiro e a atuação da EMBRATUR formam a base de uma crítica vigorosa de Santos Filho (2005)³⁸, que escreve sobre a condução ineficaz do turismo no país. Para o pesquisador, desde a sua fundação, a empresa foi utilizada pelo governo para uma política positivista colonialista vinculada aos padrões americanos, visando um modelo onde a lógica do capital determinava as ações e as vantagens econômicas, em detrimento dos interesses nacionais. A abertura do mercado nacional ao capital estrangeiro, o foco no turismo receptivo internacional, o tratamento secundário proporcionado ao turismo interno, a utilização da EMBRATUR como instrumento político de trocas e a campanha de marketing vendendo um Brasil sensual na figura da mulher brasileira, contextualizam as ações desconexas com que o poder público planejou e ordenou a política nacional de turismo durante muito tempo.

O autor não descartou avanços na gestão da EMBRATUR, entretanto questionou os números que traduzem os resultados inexpressivos, propondo mudanças na formulação e implementação de políticas públicas que priorizem a realidade nacional, enaltecendo as riquezas e a cultura brasileira, viabilizando o turismo para a população brasileira e, por consequência, para os estrangeiros.

³⁷ A oferta turística é representada pela gama de atrações naturais, culturais, serviços e equipamentos e infraestrutura básica: energia, redes de comunicação, saneamento, rodovias, ferrovias, portos, aeroportos (WAHAB, 1977).

³⁸ João dos Santos Filho, professor da Universidade Estadual de Maringá, coordenador e professor do Curso de Turismo da Faculdade Nobel e da Universidade Norte do Paraná. Disponível em: Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/048/48jsf.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2005.

A história do turismo brasileiro envolve uma análise da realidade nacional, tomando por base os resultados obtidos frente à política econômica e social vigente no país, que está sujeita à crítica quando evidencia um efeito sem expressão ou, o contrário, quando avança positivamente. O Estado brasileiro até o final da década de 1980, ao que parece, não conseguiu coordenar, planejar e implantar ações pragmáticas que valorizassem o turismo brasileiro. Os resultados obtidos³⁹ apontaram irregularidades constantes tanto no fluxo nacional quanto no receptivo internacional. Entretanto nos discursos políticos de norte a sul do país, o turismo permaneceu sendo propalado como uma panaceia para o desenvolvimento e crescimento econômico e social. (BENI, 2003).

Os primeiros anos da década de 90 foram de grandes esperanças e decepções, muitas mudanças na política, um novo governo e com ele novos planos de estabilização econômica. Entre as prioridades do governo aparecia o turismo (CRUZ, 2002).

Com a abertura da economia e a estabilização da democracia ao longo do processo de impedimento do presidente Fernando Collor, sendo substituído por Itamar Franco e, depois com o governo de Fernando Henrique Cardoso, duplamente eleito, em pleitos diretos e democráticos, o turismo encontrou condições propícias para uma segunda onda de crescimento, desta vez mais bem estruturada e provavelmente duradoura. Pela primeira vez em 1996, a EMBRATUR embasou a política nacional de turismo; investimentos nacionais e estrangeiros jorraram em hotéis, parques temáticos e projetos ligados a entretenimento; a privatização das telecomunicações e de várias rodovias proporcionou melhoras da infraestrutura; houve o crescimento da formação profissional em todos os níveis (superior médio e básico); novos cursos, como hotelaria, gastronomia e lazer somaram-se aos cursos de turismo como formadores de profissionais qualificados; e vários estados, municípios, empresas privadas e ONG's compreenderam a importância do fenômeno turístico como um possível fator de desenvolvimento e inclusão social. Infelizmente as políticas públicas não atingiram todos os resultados esperados e os índices sociais brasileiros, apesar de algumas melhoras no governo de Fernando Henrique Cardoso

³⁹ Estes resultados estão disponíveis nos relatórios da Embratur referente às pesquisas do movimento turístico doméstico e receptivo internacional do Brasil

(1995 – 2002), ainda precisam de investimentos para chegar ao patamar dos países desenvolvidos (TRIGO e PANOSO NETTO, 2005).

Os limites desse decréscimo foram sendo sentidos ao longo de novas crises mundiais e nacionais. A crise asiática de 1997 e a crise Russa de 1998 prepararam as condições que provocaram a crise cambial brasileira de janeiro de 1999.

Solha nos informa que:

O Brasil ainda não é um dos grandes destinos internacionais. Todavia, o fluxo de turistas internacionais, que decaiu para 1.091.067 visitantes em 1990, iniciou uma retomada lenta e gradual, chegando a 5.107.169 em 1999⁴⁰. Os principais mercados emissores de turistas para o país eram os países que compõem o MERCOSUL, como a Argentina, o Uruguai e o Paraguai, seguidos pelos países europeus (Alemanha, Itália, França, Inglaterra) e Estados Unidos (SOLHA *in* REJOWSKI, 2002).

A crise mundial das bolsas de valores, especialmente da Nasdaq em 2000, ajudou a abalar o entusiasmo global na chamada “nova economia”. O ano de 2001 foi marcado pelos atentados terroristas mais espetaculares da história nas cidades de New York e Washington, fato que, juntamente com os problemas econômicos em vários lugares do planeta, causaram uma pequena redução do turismo global. Finalmente, o ano de 2002 viu recrudescer a crise de confiança nas empresas norte-americanas, graças às fraudes contábeis de algumas das importantes empresas-símbolo do capitalismo financeiro e 2003 começou com a Guerra contra o Iraque. (TRIGO e PANOSO NETTO, 2005).

Ainda os autores explicam que evidentemente tudo isso não foi bom para o Brasil. Apesar do discurso oficial triunfalista (do governo e de alguns empresários), o turismo nacional continua a ter problemas conjunturais e estruturais. Houve um crescimento real da área e melhorias muito significativas em diversos setores, mas o turismo brasileiro ainda precisa melhorar para atingir os níveis de excelência internacionais. A verdade é que o turismo não pode ser desvinculado de uma realidade nacional maior e de uma realidade global. No caso da realidade nacional, os problemas são graves e bem delimitados.

⁴⁰ Dados da EMBRATUR: Instituto Brasileiro de Turismo. Estudo da demanda turística internacional. Distrito Federal, 2000.

De acordo com Gorini e Mendes (2005) ao analisarem dados da OMT,

(...) em 2004 o Brasil foi o 35º país com maior fluxo turístico do mundo, apresentando um grande potencial de crescimento, tendo recebido em torno de 4.725 milhões de turistas estrangeiros, o que significou um incremento de cerca de 15.5% em relação ao ano anterior, (...) (GORINE e MENDES, 2005, p. 126).

Apesar de haver desenvolvido sobremaneira em infraestrutura, tecnologia, opções de lazer, comodidade, serviço e atendimento humano, inclusive com a entrada de diversas bandeiras hoteleiras internacionais, o Brasil ainda está a dever em diversos itens fundamentais para que seja considerado um destino à altura dos turistas mais exigentes (estrangeiros): como segurança, infraestrutura, limpeza urbana, informação turística e pessoal habilitado à comunicação em línguas estrangeiras.

O desempenho do Brasil como receptor de turistas internacionais encontra-se ainda muito aquém do seu potencial, Gorini e Mendes, destacam, entre outros aspectos desfavoráveis:

a) o fator geográfico – a distância dos grandes países emissores poderia ser em parte, mitigada pelo aumento do fluxo aéreo⁴¹; b) o fator sazonal – parte expressiva do turismo mundial ocorre entre junho e agosto, enquanto no Brasil o maior fluxo de chegada de turistas internacionais se dá entre dezembro e fevereiro, o que justificaria a promoção mundial do país (a Índia vem atuando dessa forma) como um destino turístico factível no ano inteiro (GORINE e MENDES, 2005, p. 131).

A diversificação dos equipamentos e serviços turísticos, a segurança e a rapidez nos transportes, os preços diferenciados permitiram que, para muitos, o “sonho de viajar a lazer” se tornasse realidade. Todavia, quando a análise considera os 150 milhões de habitantes no país, percebe-se que o turismo ainda é uma atividade “elitizada”, ou seja, ainda não é direito de todo cidadão brasileiro. Ainda parece faltar consciência de parte da classe empresarial e política brasileira que se assenta na exploração do turismo massivo, sem atentar para as suas consequências que são danosas, principalmente relacionadas à qualidade de vida dos residentes (SOLHA *in* REJOWSKI, 2002).

⁴¹ Cabe destacar o bom desempenho das companhias aéreas de baixo custo para dinamizar o setor, com a introdução de novos destinos. Na Europa, por exemplo, essas companhias expandiram suas rotas e passaram a voar para a Europa Central e Oriental, assim como para as regiões Ásia, Pacífico e Oriente Médio (ver OMT, 2005).

1.5. O município de Foz do Iguaçu no contexto do Oeste paranaense

Inicialmente as terras paranaenses pertenciam à Capitania de São Vicente; eram percorridas esporadicamente, durante o século XVI, por europeus exploradores da madeira de lei existente na região. A partir do século XVII teve início a colonização, sendo fundada a Vila de Paranaguá em 1660 (WACHOWICZ, 1977).

Os dados históricos da região, hoje denominada Foz do Iguaçu, ainda estão sendo pesquisados no decorrer dos anos. É um município jovem, pode-se dizer que a cidade está completando 95 anos em 2009, por ter sido ela fundada em 1914, mas até que ponto esta é a “idade” do território? Santos (1997a, p.46), responde a essa pergunta:

Pode-se falar em “idade” de um lugar? A propósito desta ou daquela cidade nascida com a colonização é freqüente ler que foi fundada em tal ou tal ano. [...] Esta é sua data de nascimento jurídico e, daí por diante, sua data cívica de aniversário.

Será possível falar da idade de um lugar segundo outro critério? Por exemplo, será possível um critério propriamente “geográfico”? Os geomorfólogos o fazem. A observação da incidência local dos processos naturais lhes permite datar áreas inteiras, segundo a disposição das camadas que revelam as fases da história natural.

Neste trabalho buscaremos resgatar as principais características naturais, bem como os fatos humanos relacionados ao processo de evolução da cidade de Foz do Iguaçu.

A formação geológica das Cataratas do Iguaçu data de 120 milhões de anos, numa sequência de erupções vulcânicas⁴² e, pesquisas arqueológicas realizadas pela Universidade Federal do Paraná no espaço brasileiro do reservatório de Itaipu, antes de sua formação, situaram em 6.000 a.C. os vestígios da mais remota presença humana na região; vários grupos humanos sucederam-se ao longo dos séculos. Os últimos que precederam os espanhóis e portugueses foram os índios caingangues que chamavam a região de “*Ara’puka*”, devida a sua geografia acidentada. As margens do rio Iguaçu eram utilizadas pelos indígenas para o culto ao Deus M’Boy e a Tupã. (CAMPANA e ALENCAR, 1997).

⁴² Dados fornecidos pelo SIGEP - Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos – Disponível em : [HTTP://www.unb.br/ig/sigep/sitio011.pdf](http://www.unb.br/ig/sigep/sitio011.pdf) - Adquirido em 16 de setembro de 2008.

O enfoque espaço-temporal deve-se ao entendimento de que o município de Foz do Iguaçu precisa ser encarado numa perspectiva histórica, assim como qualquer outra realidade sócio-espacial. Neste ínterim Santos e Souza (1986 p. 205) escreve:

Tudo o que existe articula o presente e o passado, pelo fato de sua própria existência. Por essa mesma razão, articula igualmente o presente e o futuro. Desse modo, um enfoque espacial isolado ou um enfoque temporal isolado são ambos insuficientes. Para compreender uma qualquer situação necessitamos de um enfoque espaço-temporal.

O processo de colonização da região em que se situa a cidade de Foz do Iguaçu foi tardio, se comparado ao descobrimento do Brasil em 1500, início do século XVI. O município só foi fundado no início do século XX, mais precisamente em 14 de março de 1914 e seu contingente populacional foi se tornando mais denso em relação ao seu espaço, o que nos leva a utilizar as ideias de Santos (1997a, p. 49), quando ele destaca que:

Um conceito básico é que o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O espaço impõe sua própria realidade; por isso a sociedade não pode operar fora dele. Conseqüentemente, para estudar o espaço, cumpre aprender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita à compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para a nossa compreensão da produção de espaço.

Dessa forma, poderemos analisar o que ocorria na sociedade, em cada fase de sua história, bem como os fatos que levaram a redução do espaço territorial do município de Foz do Iguaçu, bem como o aumento da migração de diversos povos para a região, e suas consequências.

Não estendendo demais o assunto, afirmamos que, a dimensão dessa maneira foi à existência e marcante influência do sistema de *obrages*⁴³ em toda essa região. Nesse sentido, foram à presença dessas propriedades e/ou explorações, já típicas desde o século XIX no território argentino, que determinou sobremaneira nossos horizontes geográficos de pesquisa. (COLODEL, 1988).

⁴³ *Obrages* eram extensas propriedades e/ ou explorações típica das regiões cobertas pela mata subtropical na Argentina e no Paraguai. Seu principal objetivo era a extração da madeira e erva-mate, abundante na mata subtropical.

As *obrages*, como se expõem no transcorrer deste texto, não representavam uma forma de exploração meramente econômica⁴⁴. Igualmente, elas carregavam em si e manifestavam todo um universo sócio-cultural específico. Desta forma, as *obrages* aparecem nesta região como um elemento histórico diferenciado, único dentro da própria história do Paraná. Em resumo, são os seus limites máximos de expansão que nos darão os contornos da região a ser estudada.

Como nos é relatado por Colodel (1988, p.54):

A sua presença no Oeste paranaense por mais de cinqüenta anos deixou marcas fortíssimas – e não poderia ser diferente. As áreas de terras adquiridas pelas companhias colonizadoras a partir da década de 1940 e os territórios dos futuros municípios que seriam criados teriam como uma primeira base geográfica as antigas *obrages*. Foram as *obrages* a maior demonstração da falta de interesse que a região despertava junto às autoridades estaduais e federais e também foram elas as responsáveis pela nacionalização das áreas de fronteira, levada a efeito por Getúlio Vargas logo após ter sido vitorioso com a chamada Revolução de 1930. Alguns anos antes, em 1924-25, as tropas revolucionárias que dariam origem à Coluna Prestes combateram na região e juntamente com os repórteres que a acompanhavam fizeram *in loco* uma radiografia nada alentadora da presença das *obrages* nos sertões oestinos. As *obrages* ficaram conhecidas a nível nacional, e isso era o que os *obrageros* não queriam!

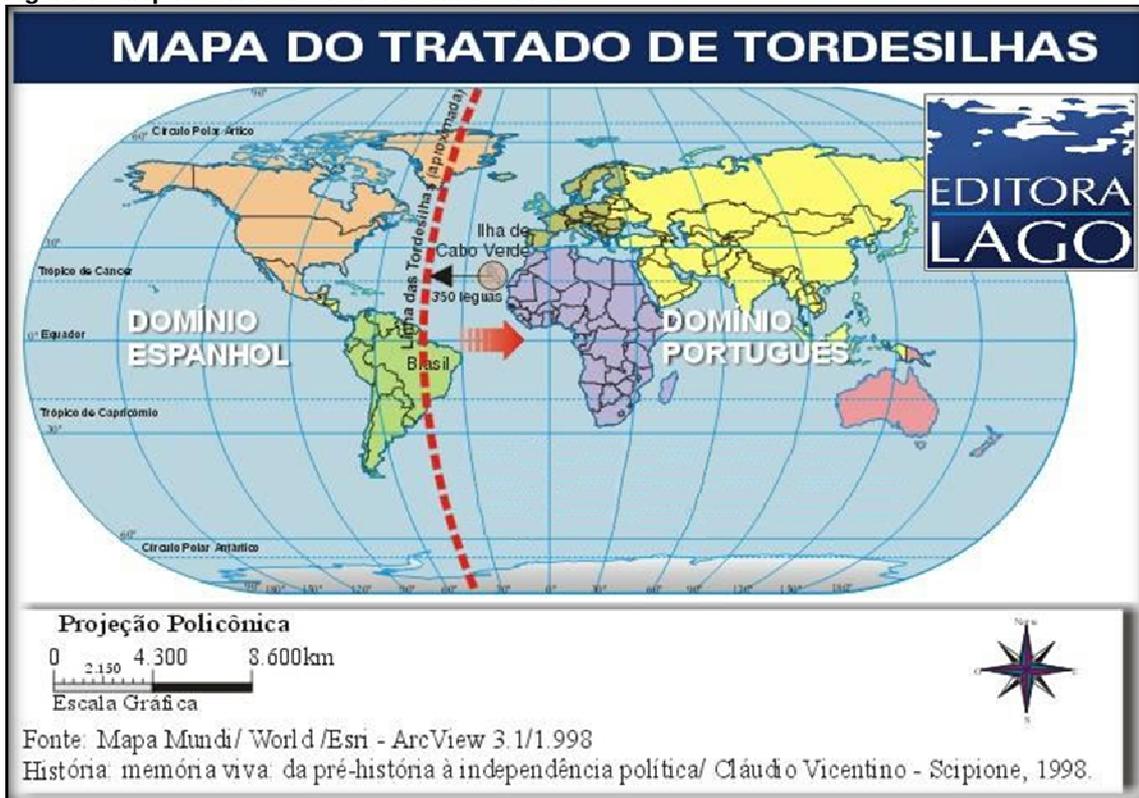
Esta é a representação da presença espanhola no oeste paranaense, mais especificamente. A presença argentina, através das *obrages* se pode contar à história que remonta ao século XVI, quando o Tratado de Tordesilhas definia que mais de 90% do atual território do Estado do Paraná pertencia à Coroa Espanhola. Os reinos da Espanha e Portugal decidiram, no final do século XV, dividir entre si os domínios que haviam descoberto na América. Desse acordo resultou o Tratado de Tordesilhas, assinado formalmente em 7 de junho de 1494 na cidade espanhola de mesmo nome. Este acordo se fez com o traçado de uma linha imaginária de Norte a Sul da América (Figura 1) onde esperavam resolver os problemas e desavenças diplomáticas que vinham tendo desde que colocaram os seus pés nesse continente.

De acordo com esta linha imaginária, coube à Espanha toda a região que atualmente é o território paranaense, incluindo toda a Região Oeste. Desta forma,

⁴⁴ Salientamos que também governo argentino contribui para a decadência das *obrages* no Oeste paranaense e mato-grossense, a partir do momento em que incentivou e até subsidiou o plantio científico de ervais no território de *Misiones*. Assim o fez para diminuir sua dependência da erva-mate brasileira. A partir da década de 1930 o governo argentino dobrou a carga tributária para a importação da erva-mate. Assim, quando se inicia a nacionalização da região pelas autoridades brasileiras, as *obrages* já mostravam claros sinais de inviabilidade econômica.

explica-se, que desde o início do século XVI, os espanhóis resolveram levar a efeito suas primeiras viagens de exploração aos territórios que lhes pertenciam pelo Tratado de Tordesilhas. (WACHOWICZ, 1977).

Figura 1 - Mapa do Tratado de Tordesilhas - 1494



Fonte: [HTTP://www.lago.com.br/acervo/Mapas/imagens/TRATADO%20DE%20TORDESILHAS.jpg](http://www.lago.com.br/acervo/Mapas/imagens/TRATADO%20DE%20TORDESILHAS.jpg) – adquirido em 14 de novembro de 2008.

O historiador, José Augusto Colodel (1988, p. 23), em sua pesquisa⁴⁵ expõe que:

Já durante os primeiros meses de 1516 o aventureiro espanhol João de Solís penetrou no Estuário do Prata. Tendo desembarcado nas costas da atual República do Uruguai, sofreu violento ataque indígena da nação Guarani. Não resistiu e ali mesmo morreu juntamente com a maioria dos soldados que compunham essa expedição pioneira. Os sobreviventes retornaram pelos domínios portugueses. O azar os perseguia e no litoral de Santa Catarina uma das caravelas que compunha a esquadra naufragou. Os naufragos tinham o comando de Aleixo Garcia e nos contatos que mantiveram com os indígenas tomaram conhecimento de um suposto império no oeste onde a prata era abundante. Em 1521 voltaram em busca desse império de prata.

Nesta volta, exposta pelo autor, o caminho utilizado pelos espanhóis, de nome *Peabiru*⁴⁶, um dos caminhos da antiga rede de caminhos indígenas.

⁴⁵ As linhas a seguir baseiam-se em COLODEL, José Augusto. Portugueses, espanhóis e indígenas: os conflitos pela posse da Região Oeste manifestam-se desde cedo. Capítulo I. Obrages & companhias colonizadoras: Santa Helena na história do Oeste paranaense até 1960. Cascavel: Assoeste, 1988. p. 21-50.

Fazendo essa exaustiva caminhada, os espanhóis cortaram o *Chaco* e o rio Paraguai, chegando aos Andes, onde conseguiram reunir porções de ouro e prata das tribos indígenas ali radicadas. As notícias destas expedições logo se alastraram.

Enquanto que exploradores espanhóis faziam as primeiras investidas e penetrações no território platino, os seus rivais portugueses não se mantiveram alheios ao que vinha acontecendo. Por volta de 1531, expedições portuguesas iniciam por conta própria sua corrida particular ao Prata, tendo como ponto de partida o rio Amazonas, o rio da Prata e também por longos e quase insuperáveis caminhos terrestres.

As investidas portuguesas ao oeste do Paraná inquietaram os espanhóis, que não queriam dividir de maneira alguma os saques em ouro e prata que poderia encontrar naqueles territórios que estavam sob sua jurisdição pelo Tratado de Tordesilhas. Procuraram consolidar definitivamente a bandeira espanhola naqueles domínios através da fundação de um aglomerado urbano que servisse como polo comercial e centro irradiador das expedições que para lá se deslocavam. Este polo deveria servir também como um aquartelamento militar que oferecesse proteção segura aos súditos do Reino de Espanha. Assim, ficaria claro aos ambiciosos portugueses que toda aquela porção do território americano estava firmemente em mãos espanholas. O que mais adiante ficará claro que não deu certo.

Procurando esses metais preciosos e estando sempre atentos aos rumores que denunciavam a sua presença que os espanhóis estruturaram um novo núcleo populacional, chamado de Vila Rica do Espírito Santo.

A conquista das terras do Prata não se dava de maneira pacífica, João *Ayolas*⁴⁷ continuava a história sanguinária de seu antecessor. Os naturais da terra se

⁴⁶ Caminhos de *Peabiru*: Partindo da Capitania de São Vicente, em São Paulo, essa vasta rede de caminhos que possuía uma direção geral Leste-Oeste, atravessava todo o território paranaense indo dar no rio Paraná na altura da foz do rio Piquiri. Saindo do atual território brasileiro, ele cortava o *Chaco* paraguaio até chegar aos planaltos peruanos e dali ao Oceano Índico.

⁴⁷ Sucessor de Pedro de Mendonza - Sua especialidade era o saque e a destruição. Fizera fama e fortuna na Europa, chegando a ganhar o título de Dom como recompensa pelos saques que cometera em terras italianas, notadamente em Roma. Também fundou duas novas povoações: *Corpus Christi* e *Nuestra Señora de Buena Esperanza*. Iniciava-se, assim, a presença definitiva da gente espanhola em terras da Bacia do Prata. Após ter fundado Buenos Aires, Pedro Mendonza achou por bem retornar à Espanha. Morre na viagem de volta.

revoltaram e passaram a combater desesperadamente os invasores de além mar. O próprio *Ayolas* foi vitimado pela violência que trouxe para a região. Foi emboscado e morto em terras paraguaias.

Domingos Martinez de Iralas, companheiro e braço direito de *Ayolas*, fixou acampamento em Candelária por algum tempo e depois rumou para o Sul onde fundou um novo acampamento, estrategicamente localizado num terreno que oferecia excelentes condições de defesa aos possíveis ataques indígenas. Esse local recebeu muitos aventureiros, cresceu e deu origem à cidade de Assunção.

Com sua capacidade administrativa, *Iralas* deu início a todo um trabalho de melhorias nos núcleos urbanos que sobreviveram aos ataques indígenas, sendo: Buenos Aires, *Corpus Cristi* e Boa Esperança. Usando de métodos violentos logrou impor rígida disciplina. Fixou na agressividade tanto a lei como a ordem espanhola. Com a união feita com a nação Guarani, que a ele aliaram-se porque estavam envolvidos em mais de uma das suas incontáveis guerras com as tribos vizinhas, logrou de êxito. O *Adelantado*⁴⁸ do Rio da Prata tem um novo comandante-supremo.

O soberano espanhol, Carlos V, demonstra sua força em relação ao novo mundo, designa um novo *Adelantado* para capitanear o governo de Assunção, destituindo *Iralas* de seu cargo, que ainda não completara nem uma década no mesmo. A escolha do imperador é pelo cavaleiro conhecido como *Alvar Nuñez Cabeza de Vaca*⁴⁹.

Cabeza de Vaca empreendeu viagem ao Rio da Prata, no intuito de conhecer seus súditos e domínios.

⁴⁸ *Adelantado* – entendia-se como um governo, ou um estado, equiparando-se às Capitânicas portuguesas.

⁴⁹ Segundo Miller (1987: 01), "*Alvar Nunez Cabeza de Vaca* foi um homem intrépido e incomum. Em 1527, depois de participar de muitas batalhas na Europa, rumou para a Flórida como membro de uma das expedições mais fracassadas da história. Comandada por *Pánfilo de Narváez*, a aventura custou a vida de mais de quinhentas pessoas sem alcançar nenhum resultado prático. Com *Andrés Dorante*, *Allonso del Castillo* e o escravo mouro *Estevan* foram os únicos a resistirem a inúmeros naufrágios, vários combates com indígenas a alguns anos de escravidão entre os povos que tinham vindo conquistar. Quando finalmente conseguiram escapar, *de Vaca* e seus companheiros caminharam dezoito mil quilômetros, descalços e nus, desde a Flórida até a Cidade do México, onde chegaram em 1537, tornando-se os primeiros homens de outro lado do Atlântico a cruzar o sudoeste dos Estados Unidos. Em 1541, nomeado governador do Prata, *Cabeza de Vaca* aportou na ilha de Santa Catarina onde viveu alguns meses e dali partiu, também a pé, rumo a Assunção, no Paraguai, onde chegou em 1542. Durante toda sua vida na Flórida, no México, no Brasil e no Paraguai lutou em favor dos povos indígenas. E pagou caro por isso: foi preso e enviado para o exílio".

O pesquisador, Colodel (1988, p. 68-70), apresenta trecho do livro de Lima Figueiredo (1937), que transcreve a viagem de *Cabeza de Vaca*:

Iniciou a marcha a 18 de Outubro de 1541 [...] depois de dezenove dias de marcha por florestas e montanhas, chegaram às aldeias dos índios Guaranis [...] no dia 1º de Dezembro a expedição varou o Iguassú ou Água Grande e, dois dias depois, o Tibagi [...] levava, portanto, a caravana na direção Noroeste [...] resolveu, então, marchar para o Sul, chegando a 14 de Janeiro de 1542 às margens do Iguassú [...] poucos dias depois chegavam à Foz do Iguassú, atravessando o rio Paraná, auxiliado pelos Guaranis [...] no dia 11 de Março de 1542 entrou em Assunção após uma peregrinação de seis meses.

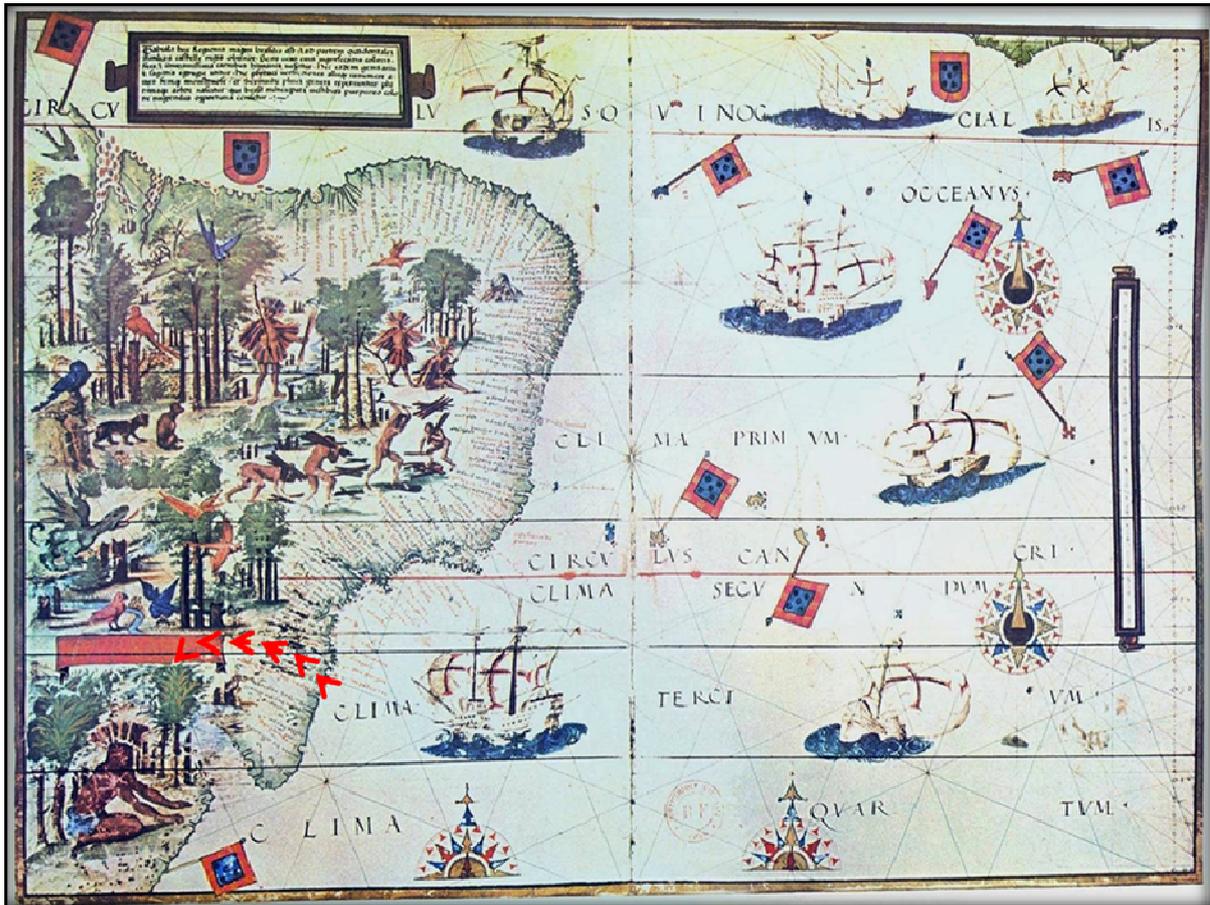
Já o governo argentino expõe em seus cadernos de turismo:

“Em uma mañana de Diciembre de 1541 um intrépido caminante, El adelantado Alvar Nuñez Cabeza de Vaca avistaba por vez primera El más deslumbrante espectáculo que pudiera imaginar: Las Cataratas Del Iguazú.”
(ARGENTINA – SECRETARIA DE TURISMO DE LA NACION, Provincia de Misiones, sd).

Não queremos discutir aqui, qual foi a real data do descobrimento das Cataratas do Iguaçu, mas sim que neste período *Alvar Nuñez Cabeza de Vaca* já se encontrava na região e que, ele foi o primeiro homem branco a ver as cataratas, denominando-as como “Saltos de Santa Maria”.

Cabeza de Vaca seguiu viagem pelo Paraguai, sem deixar rastro de qualquer forma de ocupação da área da foz do rio Iguaçu. Dele na região ficou apenas o registro da descoberta das quedas d’água. Pode-se observar no mapa seguinte, da época, que fora do litoral pouco se sabia acerca da geografia brasileira. (STECA, 2002).

Figura 2 - Terra Brasilis, 1519 - Adaptação da autora, com o traçado em vermelho, que mostra o caminho feito por Alvar Nuñez Cabeza de Vaca entre 1541-1542.



Fonte: [HTTP://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa25.htm](http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa25.htm) - Adquirido em 20 de maio de 2008.

Depois dele sucedem-se fatos ligados aos índios⁵⁰, missões jesuíticas e disputas entre espanhóis e portugueses pela posse do território, numa saga que se arrastaria até fins do século XIX, quando enfim teria início o processo de colonização.

Em meio a todo esse processo de reconhecimento, penetração, exploração e povoamento rarefeito efetuado na região do Guairá⁵¹ (figura 3), a Igreja Católica, através da ação da Companhia de Jesus⁵², foi protagonista de ações muito

⁵⁰ primeiros habitantes foram os índios Cainguanges pertencentes ao ramo *Gê* ou *Tapuia* e foram os que mais se mesclaram com o europeu. Alguns pertenciam a uma fase bem adiantada de aculturação: falavam o português, eram católicos e assimilavam todas as manhas e malícias do dito civilizado (*Kaingang*), língua do Oeste *Suyá*. (STECA, 2002).

⁵¹ O termo, Guará ou Guairá, foi retirado do nome de um cacique que exerceu forte influência nessa região à época da fundação da *Ciudad Real*.

⁵² A Companhia de Jesus constituiu-se numa sociedade missionária que foi fundada no ano de 1534 por Santo Inácio de Loyola. Seu objetivo primordial era a defesa do catolicismo diante da Reforma Protestante e também difundi-lo nas novas terras descobertas no Ocidente e Oriente. No Brasil, os primeiros jesuítas chegaram em 1549, comandados pelo padre Manoel de Nóbrega. Em 1759 são expulsos pelo marquês de Pombal sob a alegação de que a Companhia havia se tornado quase tão poderosa quanto o Estado. O envolvimento dos jesuítas nos conflitos ocorridos nas reduções jesuíticas da região do Guairá serviu como pretexto para expulsá-los do Brasil. (STECA, 2002).

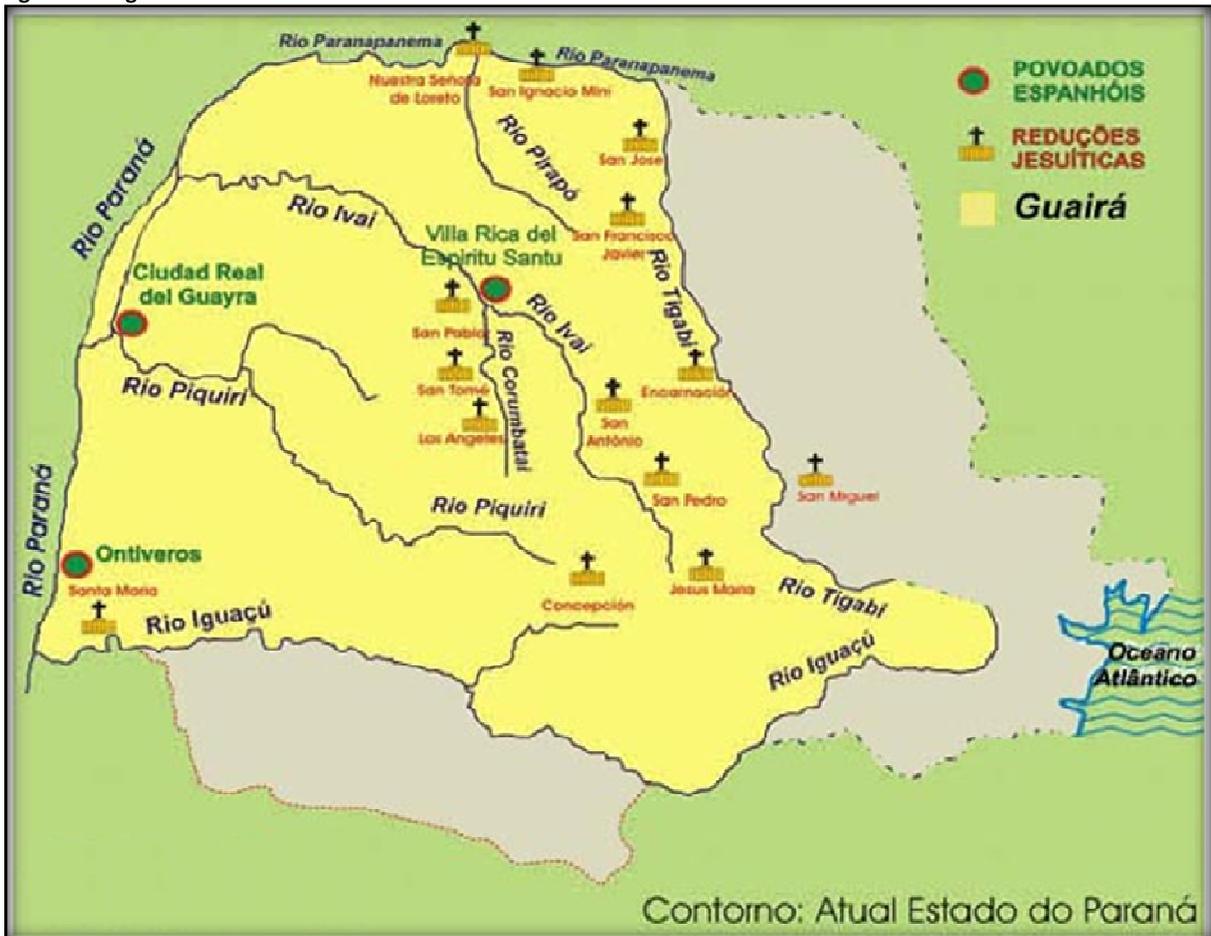
importantes. Os religiosos ambicionavam a conquista espiritual dos nativos, levando-os para o caminho da fé cristã ocidental. Já os aventureiros espanhóis, tinham planos diferentes para os nativos. Além de tirarem suas riquezas, sequestrarem suas mulheres, violarem seu legado cultural, utilizavam os índios como mão de obra nos trabalhos mais pesados e ainda os forçavam como soldados sem remuneração para conquistar tribos que ainda lhe eram hostis. (STECA, 2002).

Com as divergências crescentes, os religiosos deliberaram afastar-se das comunidades espanholas e montar seu projeto catequizador em outros lugares. Embrenharam-se mata adentro e organizaram e fundaram aldeamentos totalmente administrados por padres da Companhia de Jesus, auxiliados por civis. São esses aldeamentos que ficaram conhecidos pelo nome de Reduções Jesuíticas (Figura 3). (COLODEL, 1988).

É através da Província *del Guairá* e pela atividade missioneira dos jesuítas, que a Coroa espanhola denota sua presença e o seu campo de atuação no atual Oeste paranaense. O trabalho dos jesuítas ocorre num ritmo frenético que em menos de vinte anos mais de uma dezena de Reduções Jesuíticas foram criadas por todo o Oeste do Paraná, tendo como limite máximo de expansão o rio Tibagi. (CIGOLINI, 1998).

As Reduções haviam se estabelecido e se firmado como concorrentes comerciais dos mais fortes e atuantes. Centralizavam grandes contingentes de mão de obra indígena, que preferiam ficar sob a guarda dos padres a ficar sobre a chibata dos aventureiros-militares espanhóis. Esses, que se consideravam os verdadeiros súditos do Rei de Espanha, não se conformavam com a situação e logo tomaram medidas drásticas a respeito.

Figura 3 - Região do Guairá



Fonte: http://www.probst.pro.br/images/mapas/guairaa_final.jpg

A necessidade de mão de obra por parte dos espanhóis e portugueses era superior à demanda de escravos provenientes da África, o que levou a escravização de indígenas em ambos territórios. Os lusitanos não demoraram a passar por cima da linha imaginária conhecida como Meridiano de Tordesilhas e lançar mão aos milhares de índios que habitavam toda a porção ocidental do atual território brasileiro – com o Oeste paranaense incluído. (STECA, 2002). No século XVII bandeirantes⁵³ oriundos de terras de São Vicente internaram-se nos domínios espanhóis com o firme propósito de aprisionar os indígenas que encontrassem para depois vendê-los aos senhores fazendeiros paulistas.

A presença de aventureiros portugueses na região do Guairá alarmou as comunidades espanholas. Mais temerosos ainda ficaram os missionários da

⁵³ Responsável pela incorporação de cerca de dois terços do atual território nacional à Coroa portuguesa, o bandeirantismo pode ser dividido, em linhas gerais, em duas fases: até meados do século XVII, as expedições bandeirantes dirigiram-se ao Sul à cata de indígenas para serem escravizados; daí para frente seu interesse maior foi à busca de metais e pedras preciosas.

Companhia de Jesus. As queixas espanholas desaprovando essas invasões territoriais são cada vez mais veementes. O Governo da Capitania de São Paulo responde que também as desaprova, mas que por falta de recursos materiais e humanos não pode fazer muita coisa. Na verdade, as autoridades paulistas davam total apoio às expedições bandeirantes. Os interesses comerciais e políticos falavam bem mais alto do que a obediência de meras formalidades diplomáticas expostas num tratado que tinha tudo para ser descumprido. (STECA, 2002).

Os portugueses, em vez de refrear seu ímpeto pela captura de mão de obra escrava, aumentam-no cada vez mais. Colodel (1988, p. 33), conta:

Os jesuítas, atacados violentamente pelas expedições portuguesas e não contando com o apoio integral dos espanhóis que ali habitavam, viram suas Reduções serem devastadas num ritmo incrivelmente veloz. Comandadas pelo bandeirante Antônio Raposo Tavares, as expedições portuguesas lograram destruir todas as Reduções do Guairá no espaço de tempo de apenas quatro anos! De 1629 a 1632. Dos quarenta mil índios aldeados na Província do Guairá, restavam somente doze mil em 1631!

Com os avanços lusitanos, as Reduções jamais foram restauradas e os indígenas que delas sobreviveram fugiram ou foram transferidos pelos jesuítas cada vez mais para o interior. Inúmeros indígenas atravessaram o rio Iguazu. Outros rumaram para o território paraguaio, onde estabeleceram novo povoamento. (WACHOWICZ, 1977).

Agindo de maneira tempestuosa e destruidora, as Bandeiras serviram como fator decisivo para a desarticulação e rompimento da expansão espanhola rumo ao Oceano Atlântico – expansão que tinha como ponta de lança as Reduções Jesuíticas. Viram-se obrigados a abandonar toda a região compreendida pela margem esquerda do rio Paraná, os espanhóis deixaram o caminho livre para que se estabelecesse a posse portuguesa naquelas terras ainda diplomaticamente pertencente ao Reino de Espanha. (STECA, 2002).

A presença portuguesa por toda esta região vai se impondo com os anos. O Meridiano de Tordesilhas há muito que foi ultrapassado e vai perdendo sua magnitude delimitatória. Mas os portugueses limitaram-se à conquista e não ocuparam efetivamente o território, que assim permaneceu esvaziado de população e livre de qualquer exploração.

Em 1750 é celebrado o Tratado de Madri (figura 4), o mais importante e significativo instrumento legal dos limites das possessões espanholas e portuguesas na América Latina.

O difícil problema do equilíbrio entre as duas soberanias disputantes encontrou, neste Tratado, uma solução harmoniosa, que se baseia numa fórmula legal e na evolução histórica da colonização na América do Sul. Não há má fé que possa denegrir de um lado o Rei da Espanha e seu Ministro, D. José de Carvajal, e, de outro, o Rei de Portugal e Alexandre de Gusmão, pela obra de ajustamento que o Tratado promoveu. D. Maria Bárbara⁵⁴ ocupou um importante papel na corte espanhola, especialmente como mediadora entre o rei de Portugal e seu esposo D. Fernando, Rei da Espanha.

Fatos internos e externos tornavam necessária e urgente uma solução estável para o problema dos limites do Brasil com a América Espanhola. No fim do século XVIII, quase todo o interior do Brasil ainda estava despovoado, e a própria expansão da pecuária não excedia as zonas próximas ao litoral. O descobrimento do ouro e dos diamantes, em fins daquele século provocou súbita exploração e o povoamento do território, com o enorme afluxo de imigrantes. A descoberta de ouro em Cuiabá e Goiás provocou não apenas seu esparsa povoamento, como o estabelecimento da estrada das Monções, que baixava o Tietê e o Paraná, subia o Pardo, varava Camapuan, baixava o Cochim e Taquari, até o Paraguai, por onde prosseguia, subindo o São Lourenço e o Cuiaba (RODRIGUES, 1995, p. 87).

Devido a estes fatos, ao firmar o Tratado de Madri, o Oeste paranaense é ratificado como português, sendo o rio Paraná a fronteira natural com as possessões espanholas.

⁵⁴ No dia 20 de janeiro de 1729, em Badajoz, D. Maria Bárbara desposou o então príncipe das Astúrias, D. Fernando. A jovem princesa das Astúrias era uma mulher culta, agradável, fluente em seis línguas e grande amante das Belas-artes, em especial a música. D. Maria Bárbara e D. Fernando eram realmente apaixonados um pelo outro e viveram isolados durante o reinado de Filipe V, por vontade de Isabel Farnésio. Entretanto, o casamento não gerou filhos. Em julho de 1746, com a morte do sogro, Filipe V, Fernando ascendeu ao trono e D. Maria Bárbara tornou-se a rainha da Espanha. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_B%C3%A1rbara_de_Bragan%C3%A7a,_Rainha_de_Espanha – adquirido em 12.05.2010)

Figura 4 - Mapa da Cortes, 1749 - Utilizado para delimitar os domínios dos Reinos de Portugal e Espanha fixados pelo Tratado de Madri em 1750.



Fonte: [HTTP://www.scielo.br/pdf/vh/v23n37/v23n37a04.pdf](http://www.scielo.br/pdf/vh/v23n37/v23n37a04.pdf) - Alterado pela autora.

Com a destruição das Reduções Jesuíticas e das demais povoações espanholas no Guairá, a margem esquerda do Paraná vê-se num estado de quase completo abandono. Afinal de contas os portugueses tinham interesses nos indígenas que podiam escravizar e esses abandonaram aquela área. (STECA, 2002).

Uma tentativa de ocupação foi feita em 1765 ao ser sugerida a criação de um estabelecimento militar na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina para

garantir o domínio português sobre a área. A proposta não se concretizou e a região continuou relegada e esquecida.

As dificuldades de fixação do território do Paraná – mesmo depois de desmembrado da Província de São Paulo e constituído em província emancipada por carta imperial, em 1853 – não terminaram com a solução dos problemas internacionais. (PADIS, 2006, p. 40).

Somente depois de mais de um século depois, em 1876, o capitão Nestor Borga montou uma espécie de expedição redescobridora com a pretensão de incorporar ao território nacional uma província considerada perdida, o oeste do Paraná. Foi apenas um ensaio de ocupação, que não se consumou. (COLODEL, 1988).

No século XIX, com a retomada de interesses pela região Oeste do Paraná, o foco de atração econômica foi substituído por outros produtos que durante longos anos praticamente foram o sustentáculo da economia deste território: a erva-mate e a madeira. A presença estrangeira no Oeste do Paraná trouxe como consequência, a organização de um universo social típico, com formas de exploração e dominação específicas, alicerçadas no mandonismo local e tendo como centros verdadeiros impérios de extração da erva-mate e da madeira – as *obrages*. (LIMA, 2001).

Cada uma dessas *Obrages* passa a ter portos próprios no rio Paraná e Piquiri. O que realmente interessava aos argentinos era a presença da erva-mate existente no alto do Paraná, que lhes rendia muito lucro. Este era o motivo crucial para se continuar com as *Obrages* no período do governo colonial.

Um marco temporal nítido tem se apresentado na história da ocupação do Oeste paranaense na modernidade, que pode ser percebido a partir da Segunda metade do século XIX. O grande acontecimento desse período é a deflagração da Guerra do Paraguai, que se prolongará sangrentamente de 1865 a 1870. (COLODEL, 1988).

Milhares de mortos, feridos e mutilados são o saldo desse conflito que pintou de vermelho a Bacia do Prata. Após o seu término, o Paraguai, completamente arrasado, viu-se derrocado pela Tríplice Aliança, formada pelo Império do Brasil, Argentina e Uruguai. (STECA, 2002).

A autora ainda informa que nem terminou a guerra e já se cogitava no Império a necessidade da formação de uma Colônia Militar no Extremo-Oeste paranaense. Entendiam que esta região tinha um valor estratégico muito grande e não podia ficar desguarnecida. Deveria ser criada e funcionar como marco da defesa nacional nessas fronteiras. O prolongado conflito contra o Paraguai havia demonstrado cabalmente o quanto era temerário deixar nossas fronteiras abandonadas. Além disso, entendia-se que essa Colônia Militar deveria abrigar sob a sua jurisdição um núcleo urbano, ponto inicial da colonização e povoamento da região.

Neste período, foram assinados tratados de navegabilidade fluvial com a Argentina e o Paraguai, a fim de que brasileiros pudessem chegar à província do Mato Grosso. Em contrapartida, a Argentina obteve do Brasil a permissão de navegar o rio Paraná, de Foz do Iguaçu até as Sete quedas. Desta maneira, a região Oeste do Paraná ficou mais exposta à penetração Argentina, via fluvial, do que a ligação terrestre com os grandes centros brasileiros. (COLODEL, 1988).

Por esta via fluvial e, alheio ao que vinha ocorrendo na Corte, em 1881 a região do Iguaçu recebeu seus dois primeiros habitantes, o brasileiro Pedro Martins da Silva e o espanhol Manuel Gonzáles. Pouco depois chegaram os irmãos Goycochéa, que começaram a explorar a erva-mate. Enquanto isso, o Ministério da Guerra, no Rio de Janeiro, continuava a discussão da necessidade de fundar uma colônia militar e um destacamento da Marinha na foz do rio Iguaçu. Preocupava ao Ministério da Guerra, o crescimento da população argentina e paraguaia na região e a exploração predatória da erva-mate e da madeira⁵⁵. Não havia nenhuma infraestrutura instalada na região capaz de cobrar impostos de exportação, e, foi à comprovação de exploração intensiva e predatória das riquezas naturais em nível de contrabando que as enormes reservas nativas sofriam tanto, de erva-mate como de madeira. (CAMPANA e ALENCAR, 1997).

A ideia de criar a Colônia Militar na foz do rio Iguaçu mofava no Ministério da Guerra. Em 1888, o então ministro da Guerra, ao invés da simples Colônia, optou por algo mais ambicioso. Criou a Comissão Estratégica do Paraná com o objetivo de

⁵⁵ A extração da madeira e da erva-mate foram as principais riquezas econômicas no início de ocupação da região do Iguaçu.

desbravar e ocupar o Oeste do Estado, em particular a fronteira. A comissão não foi muito longe com seus projetos, mas fundou a Colônia Militar, que é o marco da ocupação efetiva do lugar por brasileiros e do que seria a cidade de Foz do Iguaçu. Chefiada pelo Capitão Belarmino de Mendonça, a Comissão Estratégica do Paraná se instalou em Guarapuava. Para a missão de chegar à fronteira e dar início à instalação militar, designou como chefe o engenheiro e tenente José Joaquim Firmino, que faria a viagem do "descobrimento" da localidade. Com um grupo de soldados e operários, enfrentando de tudo, chegou a Foz do Iguaçu em julho de 1889. Fez um levantamento da população do lugar e identificou 324 pessoas, sendo sua maioria paraguaios 212, argentinos 95, brasileiros 09, franceses 05, espanhóis 02 e 01 inglês (destes 220 eram homens e 104 mulheres). Povo este que já era dedicado à extração da erva-mate e madeira, exportadas via rio Paraná. Firmino deixou ordens e instruções aos moradores do local e voltou com a expedição para Guarapuava um mês depois de haver chegado. A Comissão Estratégica formou então outra expedição que voltaria a Foz do Iguaçu para estabelecer definitivamente a Colônia. Para a chefia da nova missão foram nomeados os tenentes Antônio Batista da Costa Junior e o sargento José Maria de Brito. (STECA, 2002).

1.5.1. A fundação do município e seu desenvolvimento

Já de conhecimento da região onde deveria ser futuramente fundada a Colônia Militar, retorna para Guarapuava, em 1889, a expedição comandada por Firmino, que envia relatório para o Ministério da Guerra, no Rio de Janeiro. Em resposta, vem a ordem para que a Colônia Militar seja fundada o mais breve possível por uma segunda expedição. Brito (1938, p. 44), expõe:

Como ordens são ordens, esta expedição partiu de Guarapuava no dia 13 de setembro de 1889, comandada agora pelo 1º tenente Antônio Batista da Costa Júnior, sendo composta por “34 soldados, 12 operários civis, 3 mulheres casadas com soldados, 4 tropeiros encarregados da tropa com 34 cargueiros, carregados com víveres, material, bagagem, etc.”.

O período compreendido entre a fundação do município e o término da Guerra do Paraguai foi marcado por acontecimentos que a tornaram obscura. Estes anos são cruciais para o movimento abolicionista, finalmente vitorioso com a Lei Áurea de

1888, e para os entraves entre militares e civis, os quais culminariam com a Proclamação da República, em 1889. (COLODEL, 1988).

A criação da Comissão Estratégica⁵⁶ agradou em muito os militares que defendiam abertamente, desde o fim da Guerra do Paraguai, a fundação de uma Colônia Militar na foz do rio Iguaçu e a retomada dos interesses nacionais no Oeste paranaense.

A chefia da Comissão Estratégica foi entregue ao capitão Belarmino de Mendonça Lobo, que achou por bem escolher a cidade de Guarapuava⁵⁷ como o centro nervoso dos trabalhos da Comissão. Dentro desse quadro de pessoal, foi nomeado o engenheiro militar e 2º tenente José Joaquim Firmino para a tarefa de comandar o destacamento que teria a honra de descobrir a foz do rio Iguaçu. (BRITO, 1938).

Como se todos os percalços da natureza não bastassem, a expedição foi a responsável por uma descoberta inesperada e muito desagradável para os militares que a comandavam. Aquele sertão não era de maneira alguma inexplorado e desabitado como se supunha. Acontece que a expedição deparou-se com uma série inequívoca de vestígios que denunciavam a presença estrangeira naquelas paragens. Mais do que isso, provas concretas da existência de exploração comercial e ilícita tanto da erva-mate como das madeiras nativas, aliás abundantes e ricas em variedade na região. (COLODEL, 1988).

Compunha esta expedição um sargento vindo do Rio de Janeiro, de nome José Maria de Brito. Testemunha ocular dessa descoberta inesperada deixou-nos escrito o espanto e a excitação que tomaram conta da turma que abria a picada até o rio Paraná.

Constatada a existência da picada [...] os homens da turma que estavam presentes, experimentaram tanta emoção, tão forte, tão viva que não puderam falar.

- Que caminho é este diziam uns.

- D'onde vem diziam outros

Todos estavam dominados por uma ânsia sem limite. (BRITO, 1938, p. 59).

⁵⁶ Dentre outras tarefas, caberia a essa Comissão Estratégica a construção de uma estrada de rodagem ligando as cidades de Porto União a Palmas; ligar Palmas até Guarapuava; de Guarapuava abrir uma estrada até atingir o rio Cobre; seguir por este rio até a confluência com o rio Piquiri; seguir o curso deste rio até o rio Paraná; atravessar este rio e chegar ao Estado do Mato Grosso. Naquele Estado deveria proceder à construção de estradas estratégicas que facilitassem a sua interação com o restante da região explorada e, o que mais nos interessa neste texto, descobrir a foz do rio Iguaçu e ali iniciar a fundação de uma Colônia Militar.

⁵⁷ A escolha de Guarapuava era porque esta cidade era o centro urbano mais próximo da região a ser explorada.

Esse primeiro contato entre brasileiros e paraguaios revelou por primeiro a existência de uma grande rede de exploração da erva-mate oestina por comerciantes estrangeiros. Outros acampamentos e picadas foram descobertos mais tarde, comprovando o início da devastação que já estavam sendo vítimas as nossas reservas de erva-mate e de madeira. O contrabando era uma atividade muito usada e bem conhecida já naqueles anos. (COLODEL, 1988).

A segunda expedição atinge a foz do rio Iguaçu em 22 de novembro de 1889, já sob vigência do regime republicano, proclamado no dia 15. Foram mais de dois meses de marcha. No dia 23 foram iniciados os trabalhos de instalação da Colônia Militar. No primeiro edital ficou autorizada a concessão de lotes a todos os interessados que ali desejassem matricular-se. Iniciava-se a presença brasileira no Extremo Oeste paranaense. (STECA, 2002).

Percorrendo a região, os soldados encontraram diversos portos às margens do rio Paraná, usados clandestinamente por argentinos e paraguaios para embarque de erva-mate e madeira. Também encontraram três portos ingleses (Britânia, Sol de Maio e Santa Helena). O tenente Batista recebera instruções para fundar a Colônia a quatro quilômetros do ponto de encontro dos rios Iguaçu e Paraná e lá erguer um mirante que possibilitasse observações a grandes distâncias. Se as instruções tivessem sido seguidas, a cidade de Foz do Iguaçu teria surgido a 10 km mais para leste, na área onde hoje se encontra o Colégio Agrícola. Como era época de estiagem e obter água no local indicado era difícil, o acampamento foi montado às margens do rio Monjolo, justamente onde hoje está o centro da cidade, no ponto mais baixo da avenida Brasil. (BRITO, 1938).

Fato importante para o turismo, no início do século XX, foi à inauguração do Marco das Três Fronteiras. Entre 1901 e 1904, a fronteira entre Brasil e Argentina foi levantada e demarcada, conforme o tratado de limites com a Argentina de 6 de outubro de 1898. Durante esse período de demarcação foi inaugurado aos 20 dias de julho de 1903 os marcos brasileiro e argentino na confluência dos rios Paraná e Iguaçu. O evento ocorreu com presença da comissão estratégica militar brasileira, sob o comando do General Dionísio Cerqueira, e na presença militar do país vizinho,

General Garmendia, que ajudou a enriquecer a consolidação oficial deste ato inaugural nesta data. Posicionando o obelisco brasileiro a 25° 35' 23" de latitude S e 54° 35' 23" de longitude W. (LIMA, 2001).

Era precária a via de comunicação terrestre com Guarapuava. A picada que havia sido provisoriamente aberta era intransitável.

Como se vê, da ação governamental, quer do governo local, quer do da União, poucos foram os resultados. A escassez de recursos disponíveis para permitir que se tomasse efetiva a ocupação, mediante a construção de estrada e a instalação de equipamento social básico impediu que essas tentativas fossem além do estabelecimento de redutos militares, com fins de defesa. A população que, por ventura, para aí se deslocou permaneceu em níveis de atividades econômica bastante baixos e com um setor monetário virtualmente atrofiado. PADIS, 2006, p. 53).

O tempo corria célere e a Colônia Militar ali permanecia, na foz do Iguaçu, praticamente isolada dos outros centros urbanos mais populosos pela falta de vias de comunicação. Além da picada que ligava a Colônia Militar a Guarapuava, o outro caminho usado era o rio Paraná. Aliás, a navegação fluvial por esse rio era muito mais rápida e eficiente do que o caminho terrestre e era completamente controlada por empresas de navegação argentinas e paraguaias. (STECA, 2002).

Os transtornos com os países vizinhos eram diários. A alimentação vinda da Argentina para Foz do Iguaçu era de baixa qualidade e o seu preço era exorbitante. (COLODEL, 1988). A Colônia se encontrava com todo o tipo de dificuldades, mas mesmo assim crescia, lentamente, mas crescia. Em alguns anos, os militares regularizaram as terras dos colonos da região. A primeira página do Livro para Matrícula de Colonos da Colônia Militar de Vila Iguassu foi ocupada por um colono espanhol, de 47 anos, chamado Jesus Val. Segundo o registro, Jesus Val era residente na colônia desde 1897, ele recebeu da Colônia Militar um lote de 1.008 hectares para fins agrícolas. O lote de Jesus Val ocupava a margem do Rio Iguaçu. Junto aos Saltos de Santa Maria⁵⁸. Jesus Val morava no Paraguai, era de origem espanhola e natural do Uruguai, permitiu a construção de uma hospedaria em suas terras, com recurso do prefeito e arrendada à família Engel, o que Otília Schimmelpfeng (1991), escreve:

⁵⁸ Saltos de Santa Maria foi o nome dado às Cataratas do Iguaçu por Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, no seu descobrimento, não há o dado nesta pesquisa de em que momento o nome foi alterado.

Foi no ano de 1915, que veio despontar a atividade turística em Foz do Iguaçu. Quando, então, se instalou o “Hotel Brasil”, de propriedade de Frederico Engel, com filial no local das quedas. Eram pequenos estabelecimentos em condições precárias, porém, atendiam o seu objetivo: acolher o visitante e conduzi-lo às cataratas.

Frederico Engel foi um dos primeiros visionários da região, que enxergou nas Cataratas do Iguaçu o grande atrativo turístico natural com potencial que se tornaria. Já em 1910 a Colônia Militar passou à condição de "Vila Iguassu", distrito do Município de Guarapuava. Dois anos depois, o Ministro da Guerra emancipou a Colônia tornando-a um povoamento civil entregue aos cuidados do governo do Paraná, que criou então a Coletoria Estadual da Vila. Em 14 de março de 1914, pela Lei 1383, foi criado o Município de Vila Iguaçu, instalado efetivamente no dia 10 de junho do mesmo ano, com a posse do primeiro prefeito, Jorge Schimmelpfeng, e da primeira Câmara de Vereadores. (CAMPANA e ALENCAR, 1997).

O espaço territorial do município ocupava toda a região do extremo oeste paranaense, como pode ser observado no mapa a seguir.

Figura 5 - Território da Vila do Iguassu em 1914



Fonte: <http://mapas.ibge.gov.br/divisao/viewer.htm> – Capturado em 19/06/08 – Alterada pela autora.

Na escassez de brasileiros, a população da região era paraguaia, argentina e nativos. Em 1920, a partir de Catanduvás até o extremo oeste nas fronteiras, a língua predominante era o Espanhol, inclusive nas casas de comércio. Em Foz do Iguaçu o português era falado apenas pelos funcionários públicos. O dinheiro circulante era o peso argentino. (SCHIMMELPFENG, 1991).

Nas primeiras décadas de existência, os avanços do novo município foram penosos, lentos e pequenos.

Na verdade, dois fatores principais condicionavam ou determinavam esse período de “*affictivas dificultades*” para a economia paranaense. O primeiro, cujos efeitos se iria sofrer longamente, era o fato de a Argentina iniciar, em 1913, o cultivo do *illex*⁵⁹ em seu território. A partir daí, as compras argentinas começariam a decair, mesmo quando se tratasse do produto não-beneficiado. E a Primeira Grande Guerra se constituirá no segundo fator negativo, com efeito, gerou-se uma crise nacional, provocada pela queda geral das exportações, inclusive do mate, resultando numa falta grave de capital de giro, que levaria vários produtores e comerciantes do mate a insolvência. (PADIS, 2006, p. 98).

A região era pouco habitada. Por toda a área ribeirinha do Rio Iguaçu não havia núcleo de brasileiros. No rio Paraná não havia navegação nacional. A cidade de Foz do Iguaçu era servida por um porto que não passava de uma simples rampa em local de difícil atracação. No lado paraguaio existia um porto aberto por uma companhia de extração de madeira. O único núcleo de desenvolvimento digno de menção à época era Porto Mendes, perto do distrito de Guaíra, no rio Paraná, cujo desenvolvimento era consequência de sua função portuária como local de escoamento da erva-mate pela companhia Mate Laranjeira. (COLODEL, 1988).

Para facilitar o escoamento desses produtos, os capitalistas argentinos organizaram e controlaram a navegação pelo rio Paraná, a principal artéria de comunicação com todo o Oeste paranaense e Sul do Mato Grosso. Nos primeiros anos do século XX,

“cerca de 18 portos se abrem na costa brasileira, da foz do Iguassú para cima, para dar passagem às *hervas* e madeiras extraídas dessa riquíssima e opulenta zona, e dos quais os mais importantes são: o Bela Vista, o Leonor, o *Hoco-y*, o Sol de Maio, o São Vicente e o São Miguel ”. (NASCIMENTO, 1903, p. 107-108).

⁵⁹ A **erva-mate** (*Ilex paraguariensis*) é uma árvore da família das aquifoliáceas, originário da região subtropical da América do Sul, presente no sul do Brasil, e centro oeste do país (Mato Grosso do Sul), norte da Argentina, Paraguai e Uruguai.

A única embarcação de nacionalidade brasileira presente nas águas do rio Paraná era um vapor pertencente à repartição aduaneira e que para lá foi enviado em 1907. Em 1914, quando de início a Primeira Grande Guerra, as águas do Paraná eram sulcadas por nada menos que cinco vapores argentinos e paraguaios. Possuindo o controle da navegação, os *obrageros* detinham em suas mãos os vistos de entrada e de saída para a região. Podiam evitar a fuga dos *mensus* e a entrada de elementos tidos como indesejáveis aos seus interesses. O que os *obrageros* não queriam é que suas atividades em terras paranaenses fossem divulgadas ao grande público. (COLODEL, 1988).

Para se chegar ao Oeste paranaense, notadamente à Foz do Iguaçu, que era o centro populacional mais significativo da região, longos e penosos eram os caminhos. Caso o viajante resolvesse em vir por terra, o trajeto era o seguinte: partindo da cidade de Curitiba ele deveria seguir até Ponta Grossa por estrada de ferro; de Ponta Grossa até Guarapuava, fazendo uso de estradas de rodagem em lamentável estado de conservação; de Guarapuava até Foz do Iguaçu ele tinha necessariamente que seguir pela picada aberta pela Comissão Estratégica, que teria o seu leito razoavelmente melhorado em 1920.

Domingos Nascimento, que dedicou a essa região um roteiro de viagem de inegável valor histórico, faz-nos um relato por demais interessante do trecho compreendido pela picada que ligava Guarapuava a Foz do Iguaçu.

As florestas cada vez mais acumuladas, os caminhos cada vez mais horrorosos. Nem um raio de luz penetra essas amplas cathedraes de silencio e de mistério. Porque, meus senhores, os perigos se sucedem, num abrir e fechar d'olhos. Aqui é um despenhadeiro, ali uma subida íngreme, mais alem uma ponta de tacuara que nos cae sobre o rosto ou nos deixa a roupa em frangalhos, ferindo-nos como lanças aceradas; os caldeirões, os precipícios, os troncos decepados que atravancam os caminham e nos magoam os ossos, a um simples descuido ou na desobediência da montada. (NASCIMENTO, 1903, p. 90).

Tendo sido concluída a Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, a ligação entre Curitiba e Ponta Grossa passou a ser feita pela Estrada de Ferro do Paraná. Por essa estrada podia-se ir até o *Paso de Los Libres* e dali até *Posadas*, na Argentina, aonde, de vapor, chegava-se ao Iguaçu. (SCHIMMELPFENG, 1991).

Logo após a instalação do município de Vila Iguassu, foi inaugurado o Hotel Brasil, onde se hospedou Santos Dumont, cujas instalações não existem mais. Santos Dumont conheceu a região das cataratas em 1916⁶⁰. Schimmelpfeng (1991, p. 30) conta-nos que:

É de se lembrar que, nesta situação Foz do Iguaçu, recebeu a visita do grande Santos Dumont. Alí demonstrou o seu arrojado espírito de aventura quando, sobrepujando aquelas dificuldades, não hesitou em transpor o tronco de uma árvore acidentalmente caída sobre o caudal das quedas para, na sua extremidade, à beira do abismo, extasiar-se na visão da “Garganta do Diabo”. Enquanto o famoso Az da Aviação se quedava mudo na contemplação daquele quadro ainda inédito, os seus acompanhantes, surpresos, emudeciam na expectativa do perigo iminente... assim recordava o saudoso Frederico Engel, acrescentando que, entre as exclamações de admiração proferidas pelo ilustre visitante, fluía o seu protesto pelo fato de ser propriedade particular _ de Jesus Val _ as terras que orlavam o rio Iguaçu, naquele trecho. Supõe-se que ouve influência de sua parte na decisão do Governo Estadual em desapropriar toda a extensão do terreno que, mais tarde, tornou-se parque nacional.

A vontade do "pai da aviação" concretizou-se no dia 31 de julho de 1916. O Diário Oficial publicou o Decreto 653 que declarava os 1.008 hectares de Jesus Val como de utilidade pública, de acordo com a Lei 1260. Nesta época, as Cataratas do Iguaçu eram um local de passeio familiar e, é claro, a cada visitante na cidade, era de costume levar para mostrar as maravilhas das quedas d'águas. Em 1939 foi criado o Parque Nacional do Iguaçu e, em 1986, a ONU, através da UNESCO, declarou o ecossistema como Patrimônio Natural da Humanidade. Em homenagem a Santos Dumont, há uma estátua dele no centro do Parque.

Em 1918, o município passa a chamar-se Foz do Iguaçu. O nome do município é de origem guarani podendo ser decomposto, na sua grafia primitiva – ù (água, rio) e

⁶⁰ No ano de 1916, o pioneiro Frederico Engel Rios, o primeiro hoteleiro de Foz do Iguaçu, soube da estadia de Santos Dumont em território argentino, segundo relatos de sua filha, a saudosa Elfrida Engel Rios, já falecida, quando o histórico e singular episódio começou a ganhar repercussão nacional, culminando com a instalação de uma estátua do ilustre brasileiro bem em frente do ponto de melhor observação das Cataratas. Assim, convidado a conhecer aquele espetáculo deslumbrante da natureza pelo primeiro prefeito de Foz do Iguaçu, Jorge Schimmelpfeng, Santos Dumont veio a Foz (na época "Vila Iguassú"), hospedando-se no Hotel Brasil, de propriedade de Frederico e Carolina Engel. Aceito o convite, instalou-se no dia 24 de abril de 1916, imediatamente quis ver as Cataratas, caminhou em direção a uma grande tora enroscada entre as pedras do Salto Floriano e lentamente equilibrou-se entre o céu e o abismo: encantado, ficou a contemplar a o espetáculo da Garganta do Diabo. Ficou tão estasiado com a exuberância do lugar que se comprometeu a reivindicar, junto ao Presidente do Estado do Paraná, Afonso Alves de Camargo, para que aquela imensa e privilegiada área fosse desapropriada e tornada patrimônio público. No dia 27 de abril, Santos Dumont partiu de Foz do Iguaçu rumo à Curitiba e, três meses depois surgia o decreto n° 653, de 27/07/1916, declarando de utilidade pública uma área de 1.008 hectares. O decreto foi assinado por Afonso Alves de Camargo e Caetano Munhoz da Rocha. Porém somente em 1939 (19/01), por decreto do Presidente Getúlio Vargas, era criado o Parque Nacional do Iguaçu.

wa'su (grande), portanto rio caudaloso⁶¹. Por estar situado na confluência dos Rios Paraná e Iguaçu.

Em 1920 é inaugurada a estrada ligando Foz do Iguaçu a Guarapuava, quando já se iniciam viagens para conhecer as Cataratas do Iguaçu, mas ainda não há registros oficiais na região.

Ottília Schimmelpfeng (1991, p. 19) faz um relato interessante do encontro de seu pai, prefeito do município, com a Princesa Isabel em visita a Foz do Iguaçu⁶²:

Apreciava a sua maneira distinta de cumprimentar uma dama inclinando-se em discreta reverência. Isto todos observaram quando beijou a mão da Princesa de Orleães e Bragança, saudando-a naquela memorável visita...

Neste momento, inicia-se a colonização pelos imigrantes alemães, italianos e polacos quando começam a aparecer os primeiros nomes estrangeiros das famílias que fazem parte do desenvolvimento da cidade. (LIMA, 2001).

A navegação fluvial era nada mais nada menos, que um apêndice necessário de todo o complexo de exploração a que foi submetido todo o Oeste paranaense. Nasceu, floresceu e sobreviveu em função da extração vegetal e entrou em colapso irremediável quando o Governo do Brasil passou a nacionalizar a região, a partir da década de 1930. (COLODEL, 1988).

Com o estabelecimento da atividade *obragera* em terras paranaenses e no Sul do Mato Grosso, os portos de *Posadas* - a Capital do Território de *Misiones* - e *Corrientes* passaram a monopolizar, direta e indiretamente, as relações comerciais por todo o curso dos rios Uruguai e notadamente do Paraná.

Corrientes é um grande mercado de madeiras.

As jangadas que descem o Alto Paraná são ali modificadas; compõem-se de várias qualidades dentre as quais avultam o cedro, ipê [lapacho], o louro [peteribi], etc. O movimento comercial de Corrientes consiste ainda em gado, couro, tabaco, amendoim, polvilho de mandioca, etc. Estanceiros do Rio Grande do Sul vão ali comprar gado. Faz-se beneficiamento de erva

⁶¹ Fonte: Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa, de José Pedro Machado.

⁶² No entanto tal referência deve ser recebida com reserva, pois a autora não menciona nenhuma fonte histórica que a sustente.

mate brasileira e paraguaia [...] sendo depois expedida para Buenos Aires e outros departamentos. (NOGUEIRA, 1920, p. 60).

Apesar de terem sido criados, o Serviço Fiscal e a Coletoria, em Foz do Iguaçu, essas duas repartições se encontravam em estado lamentável. Seu trabalho de fiscalização a partir da década de 1920 era praticamente inexistente. O contrabando corria solto e a arrecadação aduaneira era irrisória. Não se achava ninguém para se internar nesses sertões e levar adiante os serviços de fiscalização. Para os que vinham era uma espécie de castigo. Em aqui chegando, a troco de baixíssimos salários, sentiam-se também marginalizados e enveredavam pelos caminhos da corrupção. (COLODEL, 1988).

A própria aplicação da justiça caminhava a passo de tartaruga. A força policial, contava inclusive com elementos de origem paraguaia que faziam de tudo, menos cumprir a lei. Não existiam oficiais de justiça e a sua função era exercida por algum oficial da Força Pública do Estado do Paraná, sem qualquer habilitação.

Mesmo que quisesse, a força policial sediada em Foz não podia fazer muita coisa. Seus efetivos eram medíocres, mal equipados e com salários de fome. (STECA, 2002).

O século XIX estava chegando ao fim e no território paranaense ainda haviam vastíssimas áreas despovoadas. Diante dessa realidade, o Governo Imperial e depois o Republicano acharam por bem adotar uma política de concessão de terras. Tal política levou em conta a construção de ferrovias, intensificada entre os anos de 1880 a 1900, que deveriam integrar essas regiões ao restante do conjunto nacional. (COLODEL, 1988).

No Estado do Paraná, no período conjuntural da Primeira República (1889-1930), foram encetadas grandes concessões de terras. No Oeste paranaense imensas fatias de terras foram adquiridas a preço vil e sobre elas assentaram-se legalmente as *obrages*. As principais foram concedidas a Waldemar Matte, Miguel Matte, à Companhia São Paulo – Rio Grande; *Petry*, Meyer B. Azambuja, Domingos Barthe,

Nuñes y Gibajia, Companhia Maderas Alto Paraná, Companhia Mate Laranjeira e a Julio Tomás Alica. (CAETANO, 2005).

Nessas *Obrages* vivia-se num mundo todo próprio, dominado absolutamente por aqueles que detinham o controle econômico em suas mãos. A lei confundia-se com os mandos e desmandos dos *obrageros* e seus capatazes. As *obrages* constituíram-se em verdadeiros impérios exploratórios e policiais, onde os peões ou *mensus* situavam-se numa escala de completa obediência e submissão. (CATTÀ, 2002).

Como se não bastasse toda a violência perpetrada pelos *obrageros* e seus capatazes contra os *mensus*, a força policial também se excedia em procedimentos que extrapolavam em muito seus limites legais. A convivência e mesmo conivência com os grandes *obrageros* era notória e contribuía decisivamente para a manutenção do *status quo* social e político reinantes. (COLODEL, 1988).

Entretanto, acontecimentos completamente alheios à região iriam abalar e finalmente desarticular as relações econômicas e de poder aqui implantados pelos *obrageros*. Os sinais de mudança se anunciaram com a passagem das tropas revolucionárias em 1924-25. Rebeldes paulistas e gaúchos, sendo dentre todos o mais notável Luiz Carlos Prestes, palmilharam e combateram nos domínios dos *obrageros*. Estes trouxeram novos usos e costumes à população. Nessa época, houve uma crise econômica muito grande, pois a cidade estava sitiada e os revolucionários tomaram o pouco que restava à população, requisitando animais e mantimentos para manutenção da tropa. Em suas andanças e combates contra as forças legalistas comandadas pelo então general Cândido Rondon, tomaram conhecimento *in loco* de tudo o que aqui acontecia e as repercussões dos seus atos e relatos foram maiores do que se poderia supor. (COLODEL, 1988).

Por quase um ano, uma parte considerável da população de Foz do Iguaçu viveu refugiada na Argentina e no Paraguai. (SCHIMMELPFENG, 1991).

No plano político, a chamada República Velha (1889-1930) foi caracterizada também pela primazia dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, que se revezavam na

escolha dos candidatos à Presidência da República. Era a política do café com leite. (HOLANDA, 1995).

Os militares, por sua vez, se comportavam de acordo com os interesses das elites dirigentes, defendendo as relações de poder e ao *status quo* vigentes. Pode se observar pelas intervenções do Exército Brasileiro em Canudos, no Contestado ou na Farrroupilha.

A aparente harmonia existente entre os setores civis e militares começou a balançar quando no governo de Epitácio Pessoa (1919 a 1922) foi nomeado como Ministro da Guerra o político Pandiá Calógeras. Era uma afronta para o Exército ser comandado por um elemento à paisana e não por um militar de carreira. Os protestos foram inevitáveis. (COLODEL, 1988).

A situação política se agravou ainda mais quando no já tradicional revezamento entre Minas e São Paulo, para escolha do candidato a presidente, foi indicado o mineiro Arthur Bernardes. Esse nome não agradou nem um pouco as oligarquias rio-grandenses, que se entendiam fortes para também pleitear uma candidatura de sua própria escolha. Criou-se então a conhecida Republicana, com apoio dos Estados de Pernambuco e Rio de Janeiro e tendo como candidato o carioca Nilo Peçanha. Entretanto, a máquina eleitoral da dupla café com leite fez-se pesar e Arthur Bernardes ganhou as eleições presidenciais realizadas em março de 1922. O convívio entre Arthur Bernardes e alguns segmentos militares nunca foi tranquilo. (COLODEL, 1988).

Em 1924 é capturado o Porto São José, a primeira localidade paranaense ocupada pelas tropas rebeldes. Desse porto ocupam Guaíra enquanto o restante da Coluna Paulista desce vagarosamente o rio Paraná. Porto Mendes é tomado em setembro e em seguida o Porto Britânia. De lá, um batalhão é enviado em direção a Guarapuava, com ordens de não ultrapassar Catanduvas. (WACHOWICZ, 1982).

A vanguarda rebelde que tomou Guaíra não perdeu tempo e marchou célere pela margem esquerda do Paraná, atingindo Foz do Iguaçu. Tomou aquela cidade com

apenas dez homens, sob o comando de Juarez Távora. Com a queda de Foz todo o Oeste paranaense encontrou-se em mãos revolucionárias. O contingente rebelde contava com aproximadamente três mil homens, contra dez mil soldados das forças governamentais, comandados pelo General Rondon. (COLODEL, 1988).

Na noite de 28 para 29 de outubro, quando a Coluna Paulista já se encontrava fundo no Oeste paranaense é que se dá o levante comandado por Luiz Carlos Prestes no Rio Grande do Sul. Da mesma forma que ocorrera em São Paulo, os rebeldes gaúchos são derrotados e perseguidos, sendo obrigados a se dirigirem ao Paraná. Era a chamada Divisão Rio Grande. (LIMA, 2001).

O autor ainda relata que na região as tropas da Coluna Paulista investem a partir da localidade de Belarmino contra as forças do governo estacionadas nos Montes Medeiros. O ataque fracassa e os revolucionários são obrigados a refugiarem-se em Catanduvas em dezembro de 1924. Para que as tropas da Divisão Rio Grande conseguissem atingir o Paraná foi uma árdua tarefa.

Durante a maior parte dos meses de fevereiro e março de 1925, Prestes viu-se envolvido em inúmeras escaramuças na região do Contestado, lutando contra efetivos quase dez vezes maiores. Catanduvas aguentou-se o quanto pôde. Isolada e cercada rendeu-se no dia 29 de março de 1925. Ao atravessar o rio Iguaçu, Prestes recebeu a notícia da queda de Catanduvas. (COLODEL, 1988).

Ainda, segundo Colodel (1988), temendo também ser cercado, forçou a marcha para poder encontrar-se com os remanescentes das tropas de Catanduvas no cruzamento Benjamin. O encontro de Prestes com Miguel Costa deu-se em 3 de abril de 1925. Em Benjamin decidiram que as tropas deveriam concentrar-se em Santa Helena, para depois marcharem até Guaíra. Em outra reunião decisiva, realizada pelo Alto-Comando revolucionário em Foz do Iguaçu, deliberou-se que as tropas deveriam seguir de Santa Helena até Porto Mendes e dali atravessar o rio Paraná.

Após permanecerem cerca de oito meses no Oeste paranaense, as tropas rebeldes deixam esta região. A saída dá-se em Porto Mendes entre os dias 27 e 29 de abril de 1925. (LIMA, 2001).

Para a travessia do Paraná são capturados e usados os vapores Bell e Assis Brasil. São evacuados mais de mil soldados, seiscentos animais de carga, tração ou montaria, bagagens, material bélico e gêneros alimentícios necessários para cinco dias de marcha. Rondon havia perdido a oportunidade para cortar a trajetória do movimento rebelde. Essa oportunidade nunca mais se apresentaria durante todos os cerca de trinta mil quilômetros que percorreria a agora conhecida Coluna Prestes por quase a totalidade do território brasileiro, até se internar na Bolívia em 1927⁶³, reduzida a oitocentos homens. (STECA, 2002).

Nos rincões oestinos, ao mesmo tempo em que combateram as forças governamentais, os destacamentos rebeldes penetraram nas *obrages* e libertaram, na medida do possível, os *mensus* que por ali se encontravam trabalhando em estado quase servil.

O depoimento de João Cabanas⁶⁴, nesse sentido, é surpreendente, mostrando-nos o sistema de opressão, coerção e violência em que se sustentavam as *obrages*, adquiridas pelas graças do Governo Estadual.

O capataz em matéria de autoridade, é um ser único, sui generis, nele se encontram as atribuições que vão desde o soldado de polícia até o Supremo Tribunal Federal e possui dentro do cérebro estúpido um código de castigos que começa no pontapé e segue até o fuzilamento, e às vezes a autoridade do brutamontes estende-se também pelos domínios da religião, impondo ao escravo [mensu] a sua própria crença. E o escravo é sempre paraguaio ou até brasileiro porém o capataz, este, na sua totalidade viu a luz do dia na Província de Corrientes, República Argentina [...] o sistema de escravatura nos referidos ervaes toca ao auge quando o escravo tem família; pois as primícias da virgindade das suas filhas são fruto ótimo que premia a atividade do capataz e mesmo a esposa ou companheira não é jamais respeitada, tendo o desafortunado trabalhador de aceitar tudo isso sorrindo ao seu algoz como agradecimento pela preferência que deu à família, distinguindo-a com a desonra. Se com humildade, o escravo reclama contra

⁶³ Nesse longo caminho revolucionário a Coluna Prestes, sempre combatendo, passou pelos Estados do Paraná, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

⁶⁴ João Cabanas era um antigo tenente do Regimento Estadual de Cavalaria de São Paulo, do qual também pertencia Miguel Costa. Aderiu ao movimento militar com os revolucionários e atuou intensamente no Oeste paranaense. Com a sua tão famosa Coluna da Morte vasculhou boa parte das matas do Alto Paraná. Ficou chocado pela forma desumana com que eram tratados os *mensus*.

a má alimentação, se na hora do acesso de malária ergue os olhos súplices ao capataz, implorando um descanso; se no seu peito brota um suspiro traindo a nostalgia que lhe vai na alma, em qualquer desses casos sente imediatamente no dorso nu e encurvado, caírem às correias causticamente do vil instrumento de suplício empunhado pelo impiedoso capataz; e se revolta contra o vergonhoso cativo a que o sujeitaram, depois de falazes promessas na generosa terra guarani, rápido como um raio, um tiro o abate! Imagine-se que soma de poderes não enfeixava em suas mãos, o tirano que exerce o cargo de administrador em uma zona onde se explora a indústria extrativa da erva-mate. (CABANAS, *apud* WACHOWICZ, 1982, p. 55-56).

A presença das tropas rebeldes fez com que os *obrageros* e seus homens de confiança abandonassem às pressas a região. Houve muitos fuzilamentos de capatazes de capangas, condenados por maus tratos aos *mensus* ou por colaborarem ou espionarem em favor das forças governamentais. Propriedades foram atacadas e incendiadas e seus bens cassados. Para aumentarem seus efetivos militares, os rebeldes aceitaram como soldados mais de uma centena de *mensus* libertos, oriundos principalmente da *obrage* de Julio Tomás Allica, cuja sede era em Porto Artaza. (STECA, 2002).

Os rebeldes também procuraram denunciar para a opinião pública nacional todos os desmandos que aconteciam. Suas denúncias, todavia, quase não atingiram o grande público já que a maioria absoluta dos veículos de comunicação, notadamente a imprensa escrita, era controlada ou estavam comprometidos ideologicamente com o governo de Arthur Bernardes. É principalmente através dos depoimentos dos agentes envolvidos, sejam eles rebeldes ou governistas, que podemos ter uma visão mais esclarecedora dos acontecimentos daquele período histórico. Se essas denúncias não atingiram o grande público, calaram fundo entre os militares que participaram do movimento de 1924 e que teriam participação fundamental anos mais tarde quando se fez a chamada Revolução de 1930. (COLODEL, 1988). Afinal de contas, os rebeldes gaúchos e paulistas, embora derrotados, prestaram um serviço de notável magnitude para o vir-a-ser do Oeste paranaense.

Toda essa situação de insegurança afetava diretamente o povoamento da região. Os poucos colonos que se estabeleceram na Foz foram abandonando suas terras já que as mesmas eram invadidas impunemente pelos *obrageros*, que delas retiravam

a madeira. Além disso, o plantio de lavoura era completamente inviável. Vender para quem? Tudo isso sem esquecermos que o mapeamento da região como um todo e das propriedades em particular era completamente deficiente. (STECA, 2002).

No caso de litígios entre divisas, quem sempre levava a melhor eram os grandes concessionários de terras, pacificamente ou fazendo uso da violência descarada. Mapas detalhados somente apareceram nos anos trinta, quando o governo revolucionário de Vargas resolveu abandonar a política de concessão de terras na chamada faixa de fronteira. Nesta década, ocorreu um maior desenvolvimento da cidade devido à criação da Companhia Isolada de Foz do Iguaçu (1932), da Delegacia da Capitania dos Portos do Rio Paraná (1933), da construção do 1º aeroporto, da fundação da Santa Casa Monsenhor Guilherme (1938) e da criação do Parque Nacional do Iguaçu⁶⁵. (WESTPHALEN, 1987).

A Revolução de 1930 encontrou o Oeste paranaense ainda despovoado e dominado pelos interesses dos *obrageros*. Acontece que entre os líderes da revolução de Vargas havia inúmeros militares que palmilharam esta região durante os episódios de 1924-25. Viram bem de perto o que estava acontecendo e se indignaram. Afinal de contas, a quem pertencia a chamada fronteira guarani? Ao Brasil ou aos capitalistas platinos? Em pouco tempo essa indignação deu origem a medidas de natureza prática, com o objetivo de nacionalizar o Oeste do Paraná⁶⁶. (STECA, 2002).

Tomando a dianteira e procurando esvaziar o argumento federal de que a região encontrava-se abandonada, o governo paranaense, além de nomear Othon Mäeder Prefeito de Foz do Iguaçu, determinou que todos os documentos oficiais, anúncios comerciais e avisos fossem em língua portuguesa. As repartições públicas deveriam

⁶⁵ Criado em 1939, por Decreto do Presidente Getúlio Vargas, o Parque Nacional do Iguaçu - "berço" das Cataratas do Iguaçu - tem uma área de 156.235.77 hectares. Seus limites situam-se desde o rio Gonçalves Dias, com nascente em Santa Tereza até o rio São João, além das Cataratas. Agora privatizado, é administrado pela empresa Cataratas S. A., porém regido por uma série de normas do IBAMA - Instituto Brasileiro dos Recursos Naturais Renováveis e do Meio Ambiente. Sua história conta que no ano de 1916, constituindo uma das belas páginas da história de Foz do Iguaçu: a passagem por aqui, de Alberto Santos Dumont, o "Pai da Aviação", - na verdade, o grande e legítimo "fundador" ou "criador" do Parque Nacional do Iguaçu.

⁶⁶ As autoridades revolucionárias colocadas à testa do Governo do Paraná - a Interventoria coube ao General Mário Monteiro Tourinho, de 1930 a 1932 - ficaram alarmadas quando surgiu em âmbito federal a ideia da criação de novas unidades federativas no Oeste paranaense, catarinense e mato-grossense, usando para isso grandes áreas territoriais desses Estados. Alegavam no Rio de Janeiro que o Estado do Paraná durante anos e anos nada havia feito para nacionalizar a sua fronteira.

fazer circular e cobrar todos os tributos que lhe eram devidos unicamente à moeda brasileira. Além disso, providenciou-se para que as repartições públicas e outros segmentos da sociedade organizada de Foz e Guaíra recebessem os jornais de Curitiba, deixando-as informadas do que acontecia no Paraná e no Brasil. É dessa época a primeira tentativa de transformar Foz do Iguaçu em um centro turístico internacional⁶⁷. (COLODEL, 1988).

O Governo Federal pensava além. Também queria nacionalizar a imensa Região Oeste. Todavia, entendia que era necessário e fundamental que o seu efetivo povoamento fosse uma realidade. Dessa vontade é que nasceu a política governamental denominada de “marcha para o Oeste”. Em tese uma maré povoadora que, partindo do litoral já ocupado, penetraria nos sertões brasileiros através de estradas de ferro e hidrovias a serem construídas. (LOPES, 2002).

Nessa ideologia de neo-povoamento, com pretensão revolucionária, retirou-se do baú da história o bandeirantismo enquanto movimento fomentador da expansão e reconquista territoriais. Novos povoadores como foram os bandeirantes paulistas do século XVII. Mais uma vez avançariam inexoravelmente rumo às fronteiras oestinas, retirando-as do domínio estrangeiro. Novamente os usurpadores dos domínios da pátria são encontrados entre os espanhóis e seus descendentes. Para a revolução vitoriosa são principalmente os *obrageros*, os novos aventureiros. (COLODEL, 1988).

Em seu livro: *Obrageros, mensus e colonos*, Wachowicz (1982) nos conta que o Governo Federal enviou para o Oeste paranaense uma comissão chefiada por Zeno Silva. Esta deveria verificar de *in loco* a situação e encaminhar um relatório completo ao Rio de Janeiro. O relatório redigido era completamente desfavorável ao Paraná, o responsabilizava pelo histórico abandono da região e propunha que a mesma deveria ser nacionalizada pelo Governo Federal. Nasceu desse relatório a ideia da criação de um território federal com porções de terras do Oeste paranaense e catarinense, sendo estas últimas ganhas por Santa Catarina quando da solução, em

⁶⁷ A proposta foi apresentada por Ozório do Rosário Correia, que pretendia transformar durante dez anos a Prefeitura de Foz do Iguaçu em prefeitura especial. Para tanto, toda a arrecadação federal, estadual e municipal seriam imediatamente aplicadas na infraestrutura turística do próprio município. Pretendia-se também a criação de cassinos, parques de diversões, hotéis e a execução de melhorias na navegação pelo rio Paraná.

1916, da questão do Contestado. O Paraná reagiu prontamente e contrariamente a tal desmembramento.

Talvez a reação mais importante ou ao menos aquela que redefiniria os rumos do povoamento desta região tenha sido o Decreto Estadual nº 300, de autoria do Governo do Paraná. Por este instrumento legal eram retomadas ao patrimônio do Estado imensas extensões de terras anteriormente concedidas e tituladas a grupos econômicos nacionais e estrangeiros. (CAETANO, 2005).

Com a revolução de 1930 que denunciara também as negociatas de terra no Paraná, várias concessões, sobretudo pela inoperância e o não cumprimento de cláusulas contratuais, foram anuladas, voltando 2.300.000 hectares de terra ao patrimônio do Estado. O Decreto nº 300, de 3 de novembro de 1930, fizera reverter ao Estado, 1.700.000 hectares da Braviaco [...] o Decreto nº 1678, de 17 de julho de 1934, operava o mesmo em relação a 240.000 hectares que haviam sido concedidos a Meyer, Anes e Cia. Ltda., depois Companhia de Colonização Espéria. Da mesma maneira, foram também anulados os 87.000 hectares concedidos a Miguel Matte. (WESTPHALEN *et alli*, 1968, p. 5).

O Decreto nº 300, além de dar essas terras ao controle do Paraná, abriu as portas para que as mesmas, notadamente no Oeste, fossem abertas ao povoamento com levas migratórias vindas do Estado do Rio Grande do Sul e em menor escala de Santa Catarina. (STECA, 2002).

Estando à testa do governo revolucionário, Getúlio Vargas não ficou insensível aos apelos dos seus conterrâneos gaúchos. Os reclames vinham de longe e os maiores eram por novas porções de terras que pudessem acomodar o excedente populacional que vinha se formando nas pequenas propriedades rurais estabelecidas pelo interior do Rio Grande do Sul. (LOPES, 2002).

A expansão da fronteira agrícola gaúcha havia se detido na divisa com Santa Catarina e não encontrava mais espaços vazios para ampliar seus horizontes. Não demorou muito para que Getúlio e os capitalistas gaúchos voltassem seus olhos para o Oeste catarinense e paranaense; este último também despovoado e nas mãos do Governo do Paraná. Ali estava também a oportunidade para contentar e orientar o povoamento tão pretendido pelos ideólogos da marcha para o Oeste. Uma marcha tendo o eixo Sul-Norte como orientador. (COLODEL, 1988).

Na tentativa de amenizar uma possível reação contrária vinda das autoridades paranaenses e catarinenses, Getúlio defendeu a criação de dois territórios federais na região: o Território Federal de Ponta Porã e o Território Federal do Iguaçu. A justificativa oficial era a nacionalização da fronteira guarani, mas o que se pretendia era retirar do controle desses Estados a sua porção ocidental e abrir caminho para as companhias colonizadoras. (STECA, 2002).

No caso da criação do Território Federal do Iguaçu, como era de se esperar, teve uma postura favorável a Vargas. Até 1937, quando se instalou como ditador no chamado Estado Novo, Getúlio contemporizou com as elites políticas paranaenses. Receava magoá-las, precisava ainda de seu apoio. Naquele ano, todavia, viu-se suficientemente forte para fazer inserir o artigo 165 na Constituição Federal, o qual criava uma faixa de fronteira de 150 quilômetros de largura. (CAETANO, 2005).

Nessa faixa os Governos Estaduais ficavam proibidos de fazer quaisquer investimentos ou projetos colonizadores sem prévia autorização do Governo Federal. É claro que o Oeste paranaense ficava dentro do perímetro da faixa de fronteira recém-criada. Nos anos que se seguiram o Paraná interrompeu por completo seus projetos colonizadores enquanto no Rio de Janeiro se preparava a legislação ordinária que definiria o povoamento da faixa de fronteira. Dentre outros dispositivos legais, criou-se oficialmente o Território Federal do Iguaçu (Figura 6), em 13 de setembro de 1943. A capital seria Foz do Iguaçu e mais tarde Laranjeiras do Sul. (COLODEL, 1988).

O Território Federal do Iguaçu foi criado em decorrência da Constituição de 1937, que estabeleceu que a faixa de terras de 150 km ao longo da fronteira não poderia ser comercializada nem receber estradas ou colonização sem autorização do Conselho Superior de Segurança Nacional. (STECA, 2002). Mas o decreto de criação do Território não definiu sua sede, a capital. Nos primeiros oito meses, a sede foi Foz do Iguaçu, mas o governador do Território resolveu mudá-la para Laranjeira do Sul, sob o argumento de que ficaria "mais próximo da civilização". Com o posicionamento do governador se vê claramente a desarticulação do território em processo, onde Santos (1997a, p. 48) descreve que

(...) na medida em que um território é menos integrado politicamente, economicamente, ou pelos meios de transportes e comunicações, cada lugar é alcançado com defasagens pelas determinações da estrutura global. Foz do Iguaçu fica exatamente na ponta do Estado do Paraná, sendo mais próximo chegar às cidades vizinhas dos outros lados das fronteiras do que ao município vizinho, o que realmente fazia com que cidades mais para dentro do território paranaense fossem mais habitadas, infra-estruturadas e, conseqüentemente atraentes.

A transferência da capital para Laranjeiras do Sul fez a população de Foz do Iguaçu perder a esperança no desenvolvimento da cidade e da região. Mas o território do Iguaçu seria extinto três anos depois de criado. (LOPES, 2002).

Figura 6 - Território Federal do Iguaçu - 1943 a 1946



Fonte: <http://mapas.ibge.gov.br/divisao/viewer.htm> – Capturado em 19/06/08 – Alterada pela autora.

O Território Federal do Iguaçu permaneceria em vigência até que foi extinto por uma emenda inserida na Constituição de 1946. É bom lembrarmos que Getúlio Vargas foi afastado do poder em 1945, quando foi derrotado nas eleições presidenciais por Eurico Gaspar Dutra. É dentro desse contexto político, advindo da Revolução de

1930, que o povoamento do Oeste paranaense recebe seu impulso definitivo. (WACHOWICZ, 1982).

A situação de Foz do Iguaçu alcançou alguma melhora a partir da Revolução de 1930, no sentido de sua maior inserção econômica, política e social no Paraná. Tornou-se obrigatório na época o uso da língua portuguesa e da moeda nacional no comércio e nos serviços públicos, e a nacionalização dos latifúndios. (LOPES, 2002).

Em maio de 1932, foi criada oficialmente a Companhia Isolada de Foz do Iguaçu, origem do 1º Batalhão de Fronteiras, atual 34º Batalhão de Infantaria Motorizada. A criação e construção dessa companhia militar deram um grande salto na economia da cidade. (LIMA, 2001).

Em 1935, foi inaugurado oficialmente o primeiro Campo de Pousos de Foz do Iguaçu. Neste período, foram chegando os primeiros agricultores do Rio Grande do Sul, dando início a uma nova fase de ocupação, com a fundação de novos distritos e com a instalação da agricultura na região do extremo-oeste paranaense e consequente expansão da fronteira. No início, a estrutura fundiária era baseada na pequena propriedade e, muitas vezes, era apenas de subsistência. (CAMPANA e ALENCAR, 1997).

A implantação do sistema viário e aéreo, ainda que precário, permitiu a dinamização da agricultura, favorecendo a comercialização do excedente agrícola e incentivando o aumento da produção de culturas extensivas de grãos com vistas à exportação. Como reflexos destes fatos associados, temos um aumento na demanda por bens manufaturados com consequente crescimento no número de estabelecimentos comerciais, e, começa a apresentar os viajantes que vinham com cunho comercial e também a passeio, normalmente para conhecer as Cataratas do Iguaçu, Foz também se encontrava, nesta época como paradoro para comerciantes que tinham negócios com o Paraguai e a Argentina. (COLODEL, 1988).

Em decorrência, da utilização do sistema viário e aéreo em 1936 é projetada a construção do Hotel Cassino Iguaçu. Sua construção foi executada entre 1938 a 1939, pela Cia. Nacional S/A, do Rio de Janeiro e sua localização no centro do município. (LIMA, 2001).

O autor expõe também que em 1939 é criado o Parque Nacional do Iguaçu pelo Governo Federal, através do Decreto 1.035, com área total de 156.235,77 hectares. Nesta época o turismo de visitantes ao Parque já se demonstrava como maior fonte de renda do município. Aparecem nesse período os primeiros restaurantes e hotéis de luxo, como o Hotel das Cataratas. Foi também nesse período construída a primeira usina hidrelétrica da cidade, a Usina do Rio São João, nas dependências do Parque Nacional, hoje está abandonada, mas funcionou por um período como museu.

A partir deste momento, o Governo do Estado resolveu colonizar também as suas terras devolutas [adquiridas por devolução, despovoadas] e de antigas concessões, no Oeste paranaense, fundando, na margem esquerda do Piquiri, as colônias Piquiri, Cantu, Goio-Bang e Goio-Erê, e, à margem direita do Ivaí, as colônias Manuel Ribas, Muquidão e Mourão. Seguiu planos de colonização, demarcando os lotes rurais e prevendo áreas para a instalação de núcleos urbanos. Os lotes agrícolas, nessas colônias, foram, em geral, de áreas superiores àqueles do Norte do Paraná, medindo, em média, mais de 20 alqueires. (WESTPHALEN *et alli*, 1968, p. 20)

A década de 1940 revela-se principalmente como uma etapa de povoamento intensivo onde as companhias colonizadoras particulares, gaúchas em sua maioria absoluta, desempenharão um papel de capital importância. A ação governamental cede espaço aos empreendimentos de caráter empresarial, alicerçados fundamentalmente na venda de pequenos lotes agrícolas aos colonos interessados no cultivo direto da terra. Os projetos colonizadores se multiplicam e atraem milhares de famílias durante as décadas de 1940-50. (STECA, 2002).

No entanto, com a transferência da capital do Território Federal do Iguaçu (criado em 1943) – de Foz do Iguaçu para Laranjeiras do Sul -, e o início da Segunda

Guerra Mundial que afetou a economia do mundo todo, ocorreu uma queda no desenvolvimento do município. Percebe-se a sensibilidade da Tríplice Fronteira – Brasil, Paraguai e Argentina – perante aos fatores macroeconômicos e externos, que anos mais tarde ocorrerão com certa frequência, aumentando assim a influencia da relação econômica desta região com o mundo.

De 1939 a 1945, o mundo está em guerra e Foz também teve problemas com os estrangeiros que aqui viviam. Lima (2001, p. 58) expõe:

Em 1942, Foz do Iguazu é decretada Zona de Guerra. Algumas famílias alemãs e italianas foram internadas em áreas especiais nas cidades de Guarapuava e Ponta Grossa, outras não fizeram muito caso da lei e permaneceram por aqui mesmo. Os colonos alemães e italianos sofrem com a polícia militar e civil que passam a controlá-los, pois o temor de existirem espões nazistas e fascistas que estariam a serviço das potências do eixo eram constante.

Mas o território estava passando pela fase conhecida como a frente de povoamento sulista, já que a corrente colonizadora tem sua origem preferencialmente nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Ela entrará na década de 1970, formando vários municípios oestinos (figuras 7 e 8).

Durante a década de 40, a população dobrou de 145.000 habitantes para 295.000, o que se deveu principalmente à entrada de uns 116.000 imigrantes [na verdade migrantes], tendo se dado a penetração da região tanto pelo sul como, também, efeito do transbordamento da nova região cafeeira, pelo norte, através de Campo Mourão e ao longo da ferrovia projetada de Cianorte para Guaíra. Durante o decênio 1950-60, porém, a imigração [sic] para o oeste do Estado deu um salto para 580.000 pessoas e a população total para 988.000, representando um aumento de aproximadamente sete vezes em cerca de vinte anos; posteriormente, com a aceleração da imigração [sic] líquida depois de 1960 (423.000 em cinco anos), a população alcançou 1.584.000 em 1965. Neste ano a densidade demográfica para todo o oeste era de 46,1 hab./milha quadrada [1 milha é igual 2.200 metros], maior do que a do leste do Paraná em 1965 se excluirmos a zona de Curitiba [...] como resultado da Segunda onda de explosão demográfica no Paraná resultante da imigração [sic], a participação do oeste na população total do Estado aumentou de 11,7 para 27,1 por cento durante o período 1940-65. (NICHOLLS, 1971, p. 39).

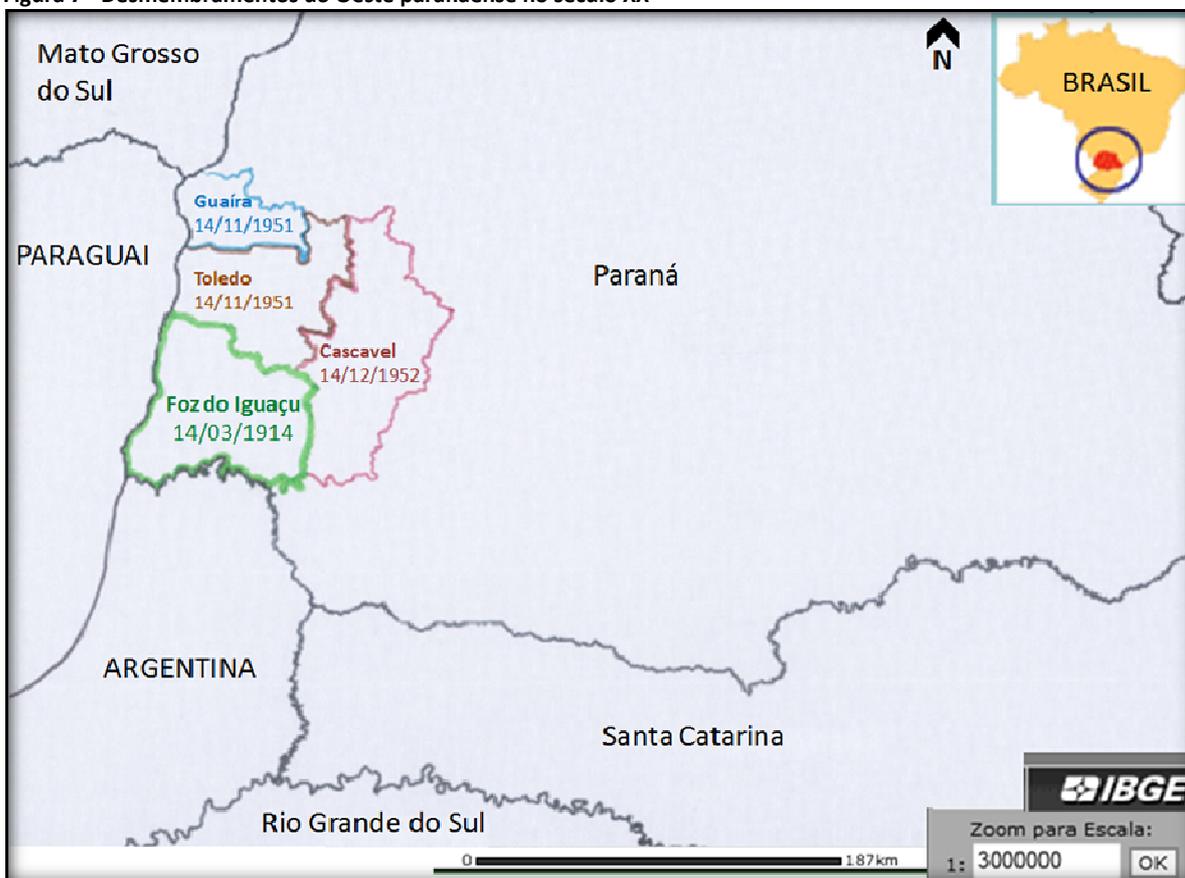
Talvez o exemplo mais marcante dessa fase colonizadora, pela organização e pelo sucesso alcançado, tenha sido a Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S.A. – a Maripá. Sua sede era no atual município de Toledo e estruturou-se no ano de 1946, formada por acionistas gaúchos. Naquele ano a Maripá comprou a Fazenda Britânia da *Compañia Maderas del Alto Paraná*, que era uma das concessionárias de terras que haviam na região. Adquiriu 124 mil alqueires, montou

seu escritório, abriu estradas e picadas, mediu e demarcou os lotes urbanos e rurais e iniciou a sua venda. Já em 1951 todas as áreas medidas e demarcadas estavam vendidas ou compromissadas. (COLODEL, 1988).

Os fundadores da Maripá também tiveram participação ativa em outros empreendimentos colonizadores no Oeste paranaense. Citamos a Colonizadora Gaúcha Ltda. (São Miguel do Iguaçu); Industrial Agrícola Bento Gonçalves (Medianeira); Colonizadora Matelândia (Matelândia); Terras e Pinhais Ltda. (São Jorge – Foz do Iguaçu) e a Pinho e Terras Ltda. (Céu Azul). (STECA, 2002).

Já nos anos 50, iniciou-se a industrialização da cidade com o surgimento de grandes madeireiras, olarias, alambiques, fábricas de palmito e bebidas entre outros. (LIMA, 2001). Nesta época, Foz começou a tomar forma de cidade urbanizada e sua população passou para aproximadamente 20.000 habitantes.

Figura 7 - Desmembramentos do Oeste paranaense no século XX



Fonte: <http://mapas.ibge.gov.br/divisao/viewer.htm> – Capturado em 19/06/08 – Alterada pela autora.

A classe industrial e comercial de Foz do Iguaçu, formada por fortes comerciantes, sentiu a necessidade de união da classe. Precisavam se fortalecer, para defender seus interesses junto aos órgãos de governo e também para coordenar os projetos de desenvolvimento da cidade. Lima (2001, p. 64) nos conta:

Assim começava a luta destes empresários iguaçuenses, face a falta de comunicação, buscar melhorias para as estradas de acesso a cidade, escolas, água, luz e saneamento básico, implantação de órgãos federais e estaduais para orientação e fiscalização. Essa luta não foi em vão, as melhorias logo se fizeram notar, lentamente, mas de forma inexorável.

Registre-se ademais, que nessa década inicia-se também o desenvolvimento da colônia árabe na cidade, cujos membros trouxeram grande progresso, oriundos do Líbano e da Síria. Chegam com suas malas, expondo suas mercadorias nas varandas das casas da cidade e eram os chamados “mascates”. Essas malas seriam o prenúncio de grandes lojas que viriam mais tarde. A Colônia árabe de Foz do Iguaçu é a segunda maior do Brasil, possuem um Centro Cultural, Escola árabe e um Clube, mantendo a cultura, tradições e costumes dos povos árabes. (LIMA, 2001, p. 64).

Nos anos 50 chega a Foz, o primeiro imigrante de origem judaica, Mário Apelbaum, que se estabeleceu na Av. Brasil, no estabelecimento “Balança, mas não cai”, na época uma construção antiga de madeira, onde funcionava um hotel e lanchonete de sua propriedade. (LIMA, 2001; SCHIMMELPFENG, 1991).

Perci Lima, (2001, p. 65) traz a informação da fundação do 1º jornal em Foz do Iguaçu:

No ano de 1953, houve um grande evento em nossa cidade com a fundação do primeiro jornal de Foz do Iguaçu, chamado “A NOTÍCIA”, pelo pioneiro João Lobato da Mota Machado, com uma tiragem de aproximadamente 1.000 exemplares e com edição quinzenal. Enfim Foz começava a ser reconhecida como cidade estratégica não apenas militarmente, mas política e comercialmente. Nossa voz começou a ser ouvida na capital do estado.

Em 1956 é feito o lançamento da Pedra Fundamental da Ponte da Amizade, pelos Presidentes Juscelino Kubitschek e Alfredo Stroessner, ligando Foz do Iguaçu no lado brasileiro à *Puerto Stroessner*⁶⁸ no lado Paraguaio. A construção levou nove

⁶⁸ *Puerto Stroessner* era o porto que existia no território paraguaio onde se ligou a Ponte Internacional da Amizade, o município hoje conhecido por *Ciudad Del Este* foi inaugurado em 03 de fevereiro de 1957.

anos, sendo inaugurada em 1965 pelos Presidentes Castelo Branco, do Brasil e Alfredo Stroessner, do Paraguai; a obra ganhou o nome de Ponte Internacional da Amizade. A Ponte foi fator decisivo de atração de investimentos e negócios entre os dois países. Por exemplo, importante para o surgimento de um fortíssimo comércio exportador de Foz do Iguaçu. E, para o Paraguai teve a importância que significou simplesmente o nascimento da cidade de Puerto Stroessner, hoje Ciudad del Este, o segundo maior centro urbano daquele país. (STECA, 2002).

Em 1957 é criada a taxa de turismo em Foz do Iguaçu, pela Lei municipal nº 177. Devido ao número de hotéis que começam a se instalar no município. Decorrente deste fato, em 30 de maio de 1960 é criado o COMTUR – Conselho Municipal de Turismo. (LIMA, 2001).

Na economia, o Brasil industrializava-se. A Guerra Fria entra na fase mais dura, com conflitos armados alastrando-se pelo mundo todo. (VIZENTINI, 2004). O medo do comunismo se dissemina, até em Foz do Iguaçu têm comunistas. “É paranoia da Guerra Fria.” Diz Lima. (2001, p. 74).

Quem voltou a se interessar pela fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina foi o presidente Juscelino Kubistchek, na Segunda metade da década de 50, com a construção da Ponte da Amizade, seguindo passos dados anteriormente por Getúlio Vargas com a criação do Parque Nacional do Iguaçu e outros investimentos. Iniciou-se o asfaltamento da estrada que cortaria o Paraná de Leste a Oeste, ligando Foz do Iguaçu à Paranaguá. Mas a obra partiu do Leste para o Oeste e se arrastou por duas décadas. Estava a cargo do Exército. Atingiu Ponta Grossa e empacou. Continuou até Guarapuava e novamente parou. Mas as forças armadas tomaram o poder no país em 1964 e resolveram concluir a obra, o que conseguiram em 1969, quando os presidentes Costa e Silva e Alfredo Stroessner inauguraram a BR 277. Isso certamente ajudou também no maior desenvolvimento das cidades por onde a BR 277 chegou primeiro. (SCHIMMELPFENG, 1991).

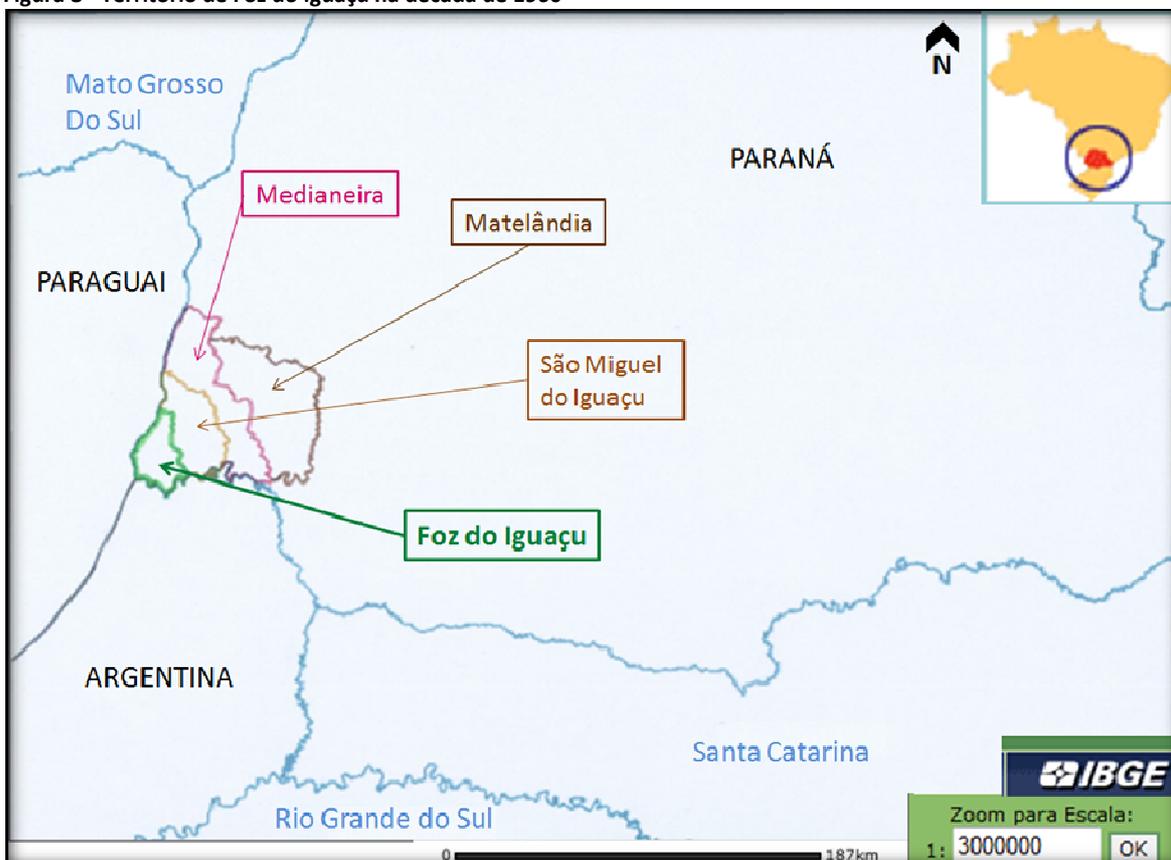
A conclusão da rodovia BR-277 e a integração do Município ao Sistema Estadual de Telecomunicação, bem como a construção do Aeroporto Internacional marcam este

novo período. Esta fase de desenvolvimento do Município é marcada ainda pela criação do Parque Nacional do Iguaçu (1939), que potencializou um aumento na importância do turismo para a economia local, pelo desmembramento de Matelândia (1960), Medianeira (1960), São Miguel do Iguaçu (1961) e pela inauguração da Ponte Internacional da Amizade (1965), que intensificou o comércio de Foz do Iguaçu com a cidade paraguaia de *Puerto Presidente Stroessner* (atual *Ciudad del Este*).

A década de 60 iniciou com mudanças para o município, sua área territorial encolhendo cada vez mais. Lima (2001, p76) explorando as influências mundiais e políticas do Brasil em Foz, relata:

[...] No contexto mundial os russos mandaram o Sputnik para o espaço, teve início a corrida espacial entre russos e norte-americanos, e durante noite o povo ficava olhando aquele pontinho luminoso cruzar o céu, era o SATÉLITE diziam alguns. No Brasil, o General Lott e Jânio Quadros enfrentavam-se na eleição presidencial de 1960, a “vassoura” varreria a corrupção, que naquele já época existia no país. Não existe mais? O resultado da brincadeira do Seu Jânio vêm logo aí em 1964.

Figura 8 - Território de Foz do Iguaçu na década de 1960



Fonte: <http://mapas.ibge.gov.br/divisao/viewer.htm> – Capturado em 19/06/08 – Alterada pela autora.

Neste período o Oeste foi alcançado por uma rarefeita frente de ocupação e colonização proveniente do chamado Paraná Tradicional, tendo como centros irradiadores os Campos de Guarapuava, das antigas colônias de imigrantes europeus estabelecidos no terceiro planalto e de Laranjeiras do Sul, dentre outros. Seu principal eixo de penetração, como já dissemos, foi à estrada ligando Guarapuava a Foz do Iguaçu. Esse fluxo populacional encontrou espaço nos atuais territórios de Cascavel, Catanduvas, Guaraniaçu e Foz do Iguaçu. (STECA, 2002).

As obras de importância inquestionável surgiram da constante evolução desta região e das necessidades locais e globais, como nos lembra Santos (1997a, p. 16):

"O espaço está em evolução permanente. Tal evolução resulta da ação de fatores externos e de fatores internos. Uma nova estrada, a chegada de novos capitais [...]".

Com o passar dos anos e em função do turismo, foram surgindo novos hotéis e restaurantes, e as obras de infraestrutura da cidade foram ampliadas. A cidade passou a ter vida econômica própria, contando com uma população aproximada de 34.000 habitantes.

Finalmente temos uma terceira frente de colonização. Depois de ter ocupado o Norte paranaense, atraída pela economia cafeeira, atravessou o rio Piquiri e chegou ao Oeste. Compõe esse fluxo populacional elementos que haviam saído dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e também do Nordeste brasileiro. Da sua ação povoadora surgiram os municípios Guaíra, Palotina, Terra Roxa, Assis Chateaubriand, Formosa do Oeste, Nova Aurora, Vera Cruz do Oeste, Ouro Verde do Oeste, Cafelândia, Tupãssi, Corbélia, Braganey, dentre outros. (COLODEL, 1988).

O desmembramento dos distritos de Foz se deu pelo argumento de que todas as infraestruturas eram enviadas para a sede do município, ficando as áreas periféricas desguarnecidas e, com as facilidades viárias da região, os distritos decidiram que era o momento de se emanciparem, devido também de que suas áreas econômicas eram fruto da agricultura e Foz do Iguaçu vivia do turismo. (STECA, 2002). E Foz continuou investindo na infraestrutura para continuar seu crescimento econômico. Naturalmente, com base no turismo.

Em 1964 iniciou-se o asfaltamento das vias públicas do município, construção de escolas, implantação de sistema de água e esgoto. De acordo com os recursos da época e ao momento político, foi um grande desenvolvimento. (LIMA, 2001).

A inauguração da pista, para aeronaves leves, do atual aeroporto de Foz do Iguaçu ocorre em 1967. Em setembro do mesmo ano já acontece o primeiro pouso de uma aeronave comercial.

O final desta década se caracteriza também pela consolidação da economia do setor terciário, que no Município passou a ter uma participação cada vez maior na geração de renda e na absorção de mão de obra. Neste período a base econômica municipal se dava em funções urbanas diversificadas e direcionadas ao atendimento dos fluxos turísticos.

Lima, (2001, p.90) relata:

A cada dia novos hotéis e restaurantes eram inaugurados. A cidade começava a receber grandes excursões e também tiveram início as obras de infra-estrutura da cidade, tais como ampliação da rede de água e esgoto, saneamento básico, asfalto e calçamento, e o aumento considerável da implantação dos órgãos do governo estadual, por meio de seus escritórios regionais. As cidades de *Puerto Iguazu*, antiga *Puerto Aguirre* e *Presidente Stroessner*, agora *Ciudad Del Este*, juntamente com Foz do Iguaçu montaram uma infra-estrutura econômico-social para atendimento aos turistas, numa grande explosão de desenvolvimento em função da nova ordem econômica. Essa fase durou até 1985.

Em janeiro de 1973 é inaugurado o Terminal de Passageiros do atual aeroporto, construído entre 1968 e 1972, contava com cerca de 5.000m² de área coberta.

A partir de 1974, começa definido o novo ciclo de desenvolvimento do Município, intimamente ligado à implantação da usina Hidrelétrica de Itaipu. A construção da Hidrelétrica causou fortes impactos em toda a região do extremo-oeste do Paraná, principalmente em Foz do Iguaçu, em virtude do canteiro de obras da usina situado no Município. (RIBEIRO, 2002).

Nesta fase do desenvolvimento da cidade, a construção da Hidrelétrica passa a ser um forte fator de atração de correntes migratórias, trazendo, além de contingentes

populacionais de outras partes do Estado, principalmente trabalhadores e seus familiares de São Paulo, Minas Gerais, e Rio Grande do Sul. (STECA, 2002).

O que causou uma grande desculturalização na região, a população que vivia em Foz, já não tinha muita esperança de desenvolvimento e, quando se iniciam as obras, ainda vêm chegar os migrantes e tomarem seus espaços. Santos (1997a, p. 263) nos fala que

“vir para a cidade grande é, certamente, deixar atrás uma cultura herdada para se encontrar com uma outra. Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação.”

A construção da hidrelétrica de Itaipu empregou um contingente de mão de obra que, no ápice de sua construção, atingiu cerca de 40.000 trabalhadores.

Foz do Iguaçu, segundo dados do IBGE, contava em 1970 com 33.966 habitantes e passou a ter 136.321 em 1980. Se comparada à população de 1960 (28.212 habitantes), registrou-se um crescimento de 383% no total da população do município em apenas 20 anos. Como informa Lima (2001, p. 97) “Economicamente Foz vivia ainda o *“boom”* do turismo.”

Ocorreram grandes avanços na cidade por conta da construção da Usina Itaipu Binacional⁶⁹. Foz do Iguaçu se tornou um grande polo econômico do Estado do Paraná. Neste momento em que a população de Foz do Iguaçu aumentou drasticamente, quase quadruplicando, a cidade fronteiriça torna-se um polo de concentração de pessoas como dita Santos (1997, p.29) "Certamente a organização do espaço pode ser definida como resultado do equilíbrio entre fatores de dispersão e de concentração em um momento dado na história do espaço". Vale ressaltar que tais obras, como Itaipu, Ponte da Amizade, entre outras foram construídas por

⁶⁹ Em 1966, após intensas negociações entre Brasil e Paraguai, foi assinada a "Ata do Iguaçu" e em 26 de abril de 1973, foi assinado o "Tratado de Itaipu", estabelecendo o aproveitamento dos recursos hídricos pertencentes em condomínio aos países. Em 17 de maio de 1974 foi criada a entidade Itaipu Binacional, para construir e operar a usina. Um grande marco na construção da obra, em outubro de 1978, foi à abertura do canal de desvio do rio Paraná, que permitiu secar seu leito original para construção da barragem principal, em concreto. As comportas do canal de desvio foram fechadas em outubro de 1982, dando início à formação do reservatório. O lago de 1.350 Km² foi formado em apenas 14 dias. A primeira unidade geradora de Itaipu começou a produzir em 05 de maio de 1984. Já em 2003, Itaipu contará com 20 unidades, possuindo assim capacidade geradora de 14 milhões de KW. Isso significa que a usina é responsável pelo suprimento de 93% da energia elétrica consumida no Paraguai e 24% do Brasil. Vem batendo recordes ano a ano, chegando a produzir 93 bilhões de quilowatts hora, algo jamais alcançado por outra hidrelétrica no mundo.

pessoas de fora do lugar. Em tempo, a organização sócio-espacial do município de Foz do Iguaçu, frente a essas construções e ciclos econômicos, deu-se de maneira desordenada. (RIBEIRO, 2002).

A Usina Hidrelétrica de Itaipu é uma realização de trabalho conjunto de duas nações, Brasil e Paraguai, com o objetivo de aproveitar o potencial hidráulico das águas do rio Paraná pertencente em condomínio aos dois países. Seu reservatório abrange 15 municípios do Oeste Paranaense e um do Mato Grosso do Sul. Itaipu recebeu este nome devido a uma homenagem a uma ilha do rio Paraná, sobre a qual está hoje assentada a Usina. A ilha era chamada pelos indígenas de "Itaipu", que em tupi-guarani significa "a pedra que canta", pelo barulho que as águas faziam ao bater nas pedras. Devido às dimensões, a hidrelétrica é considerada "A Obra do Século" e uma das sete maravilhas do mundo moderno, conforme pesquisa realizada pela Sociedade Americana de Engenharia Civil com engenheiros de todos os países. (LIMA, 2001).

Ainda nesse momento, simultaneamente a esse desenvolvimento ligado, direta ou indiretamente, à construção de Itaipu, a partir de meados da década de 80, percebe-se um crescimento na importância das transações entre Brasil e Paraguai, principalmente para Foz do Iguaçu e *Ciudad del Este*.

[...] a cidade de Foz do Iguaçu era notícia nacional. Considerada uma das mais prósperas do Brasil. O comércio da Vila Portes virou zona de exportação e chegava gente de todo o Brasil para a construção da Usina de Itaipu. Com a somatória dessas vantagens, turismo, exportação e Itaipu homens de visão nos negócios fizeram fortunas da noite para o dia. (LIMA, 2001, p. 98).

Nesse período, verificou-se uma ampliação na importância do "turismo de compras" e do comércio atacadista exportador para a região fronteiriça. Notou-se uma significativa elevação na demanda de produtos eletro-eletrônicos, por parte dos compristas⁷⁰ brasileiros. Isso determinou o direcionamento de maiores investimentos dos comerciantes instalados no Paraguai, principalmente de origem árabe e asiática, na estrutura comercial de *Ciudad del Este*. No lado brasileiro da fronteira, observou-se um aumento no número de turista que chegava à Foz do Iguaçu com o objetivo

⁷⁰ Compristas: turistas que faziam a travessia para o Paraguai exclusivamente para fazer compras de produtos sem impostos, pernoitando em Foz do Iguaçu no mínimo uma noite e no máximo duas.

de fazer compras no Paraguai. Esse turismo, ao qual se convencionou chamar de “turismo de compras”, assume uma parte da economia local, pois movimenta hotéis, restaurantes, lanchonetes, agências de turismo e outras prestadoras de serviços, bem como absorve parte dos trabalhadores do Município. Hoje em dia, este tipo de turismo teve uma qualificação, através do controle aduaneiro feito pela Receita Federal brasileira, onde a fiscalização não permite a passagem de contrabando, Foz do Iguaçu ainda está se adaptando a essa nova forma de sentir o “turismo de compras”. (RIBEIRO, 2002).

Outro aspecto merecedor de análise é a importância do setor exportador para a economia local. Como o país vizinho, Paraguai, não possui bens de consumo (duráveis e não duráveis) em quantidade e qualidade suficientes para atender sua demanda. Nosso comércio exportador se beneficiou desse mercado vendendo àquele país diversos produtos, principalmente alimentícios, de vestuário, eletrodomésticos e para a construção civil. Evidentemente isso determinou um aumento na oferta de empregos e na renda local. (STECA, 2002).

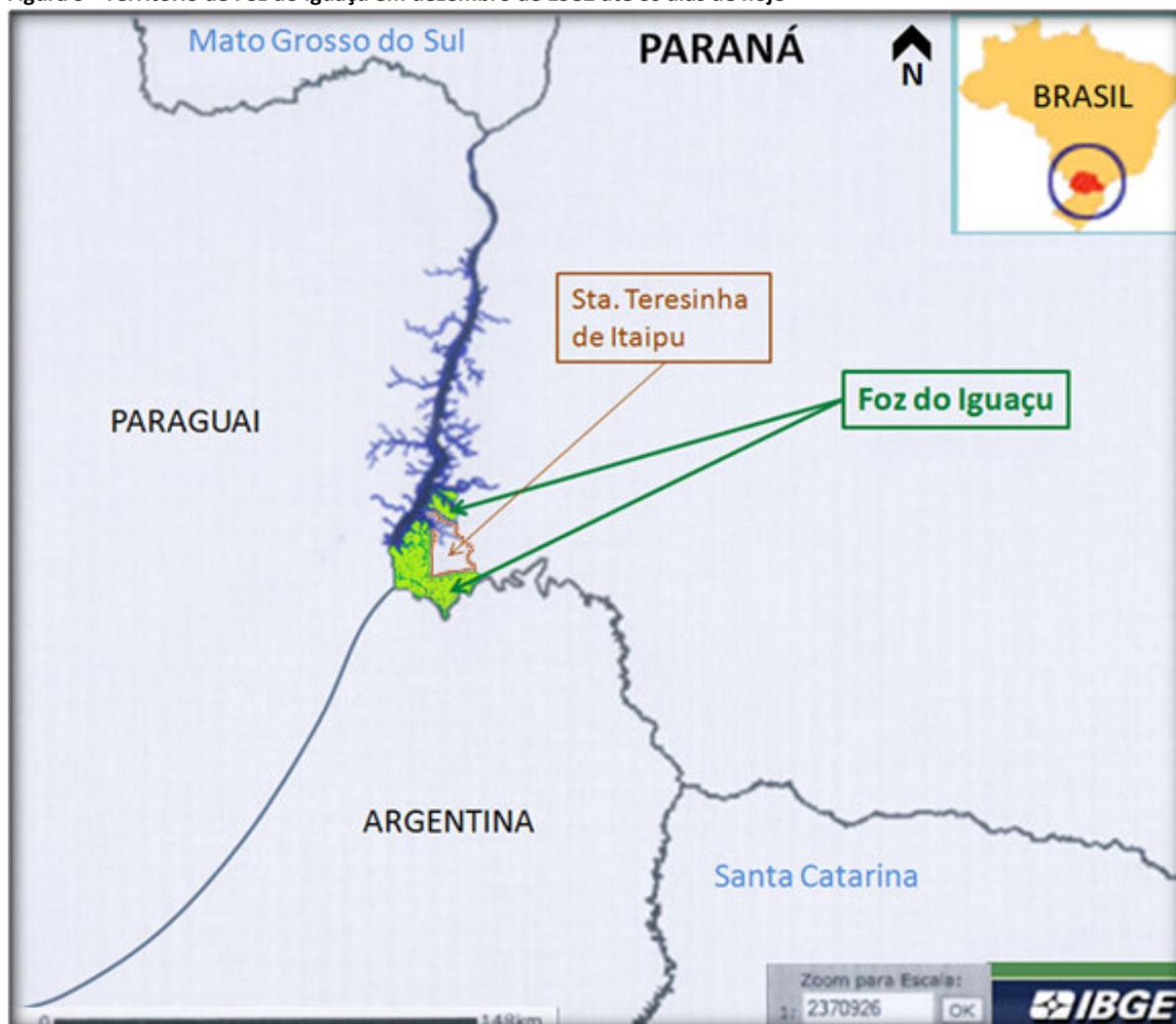
Com o aumento da população devido às obras de Itaipu, Foz do Iguaçu aguardava o término da construção para que os migrantes retornassem para suas cidades, não foi o que aconteceu. Mais um município se desmembrou, foi Santa Terezinha de Itaipu, levando quase metade do espaço territorial de Foz do Iguaçu. E, notou-se a fixação da maior parte daquelas pessoas, trabalhadores da Itaipu, e de suas famílias em território do município de Foz do Iguaçu. Estas famílias passaram a desenvolver funções relacionadas, cada vez mais, ao turismo de compras, ao comércio atacadista exportador e outras atividades ligadas ao setor terciário.

Em área territorial Foz do Iguaçu continua a encolher. O ano é de 1982, precisamente no dia 03 de março, quando por força da lei nº 7572, de 06 de outubro de 1981, o distrito de Santa Terezinha foi emancipado e transformando-se em Santa Terezinha de Itaipu. Foz do Iguaçu que já fora um dos maiores municípios do Estado do Paraná transformou-se num dos menores, por obra e graça dos prefeitos nomeados que não tiveram amor e respeito por esta terra. Até os dias de hoje não existe uma explicação plausível para o desmembramento, do que poderia ser a área agro-industrial e grande incentivo para se enfrentar o desemprego que assola Foz do Iguaçu, com a criação de agroindústrias, a exemplo dos municípios lindeiros da Costa Oeste. (LIMA, p. 101).

Em 13 de outubro do mesmo ano, foram fechadas as comportas da hidrelétrica, formando o Lago de Itaipu (figura 9). Este fato guarda uma curiosidade. Com o fechamento das comportas da hidrelétrica, durante a formação do Lago de Itaipu, uma área de Foz do Iguaçu ficou submersa e assim o município ficou dividido. Decorrente, ficou uma gleba de terras iguaçuenses, denominada “Vila Bananal”, que só se tem acesso através do município de São Miguel do Iguaçu (observe na figura 9). Com o término das obras e início do funcionamento de Itaipu, intensificou-se o comércio de exportação e turismo de compras com o Paraguai.

Esses fatores são constituídos em função de uma conjuntura econômica iniciada por crises e transformações no Brasil.

Figura 9 - Território de Foz do Iguaçu em dezembro de 1982 até os dias de hoje



Fonte: <http://mapas.ibge.gov.br/divisao/viewer.htm> – Capturado em 19/06/08 – Alterada pela autora.

No final da década de 1980, encontramos o Oeste paranaense como uma região com estabilidade geográfica e demográfica⁷¹. A sua inserção econômica com o restante do mercado nacional, iniciada com a criação e revenda de suínos na década de sessenta, e, também com o mercado internacional, dá-se com a mecanização da agricultura, iniciada já nos anos setenta, proliferação do sistema financeiro e com o plantio intensivo da soja e do milho. (RIBEIRO, 2002).

Houve um intenso movimento migratório para o município, originado a partir desse período, grandes invasões em áreas públicas e privadas. As famílias eram atraídas pela localização fronteiriça de Foz do Iguaçu com o comércio aberto de *Ciudad del Este* (Paraguai). O agravamento da situação social do município com o crescente desemprego e o desenvolvimento de uma economia informal acarretou um aumento do favelamento urbano, nas dificuldades dos setores sociais e especialmente nas áreas de educação, saúde e segurança pública. (CATTA, 2002).

O autor, ainda chama atenção que nesta fase, a abertura de postos de trabalhos não acompanha o mesmo ritmo do crescimento populacional que, entrando em idade economicamente ativa, não consegue nenhuma colocação no mercado, acrescentando-se que o fator migratório torna esse fato ainda mais crítico. O desaparecimento do turismo de compras possibilita a dispensa de trabalhadores informais tanto na cidade, como em *Ciudad del Este*, contribuindo para o agravamento aqui instalado, principalmente no tocante ao principal problema urbano da cidade, o desemprego.

Entretanto, em 1984 iniciam-se as obras para a construção de uma ponte ligando o município de Foz do Iguaçu ao município de *Puerto Iguazú* na Argentina, sua

⁷¹ Entretanto, desde meados dessa década o Extremo-Oeste é alvo de uma última grande modificação geográfica e demográfica que terá efeitos sócio-econômicos duradouros sobre toda a região. Essa mudança tem origem na construção da hidrelétrica de Itaipu Binacional; iniciada em 1974. A formação do seu Reservatório, em 1982, somente foi possível através da desapropriação de milhares de propriedades rurais e na migração forçada de milhares de colonos estabelecidos em áreas marginais ao rio Paraná, e cujo destino ainda é merecedor de estudos mais aprofundados. Em 82 os municípios atingidos pelo Reservatório de Itaipu foram os seguintes: Santa Helena, Marechal Cândido Rondon, Terra Roxa, Guaíra, Matelândia, Medianeira, São Miguel do Iguaçu e Foz do Iguaçu. Pelos desmembramentos territoriais ocorridos desde então, recebem atualmente os chamados *royalties* também os municípios de Diamante D'Oeste, Entre Rios do Oeste, Itaipulândia, Mercedes, Missal, Pato Bragado, São José das Palmeiras, Santa Terezinha de Itaipu e Mundo Novo; este último no Estado do Mato Grosso do Sul. (COLODEL, 1988).

inauguração se deu em novembro de 1985, e recebeu o nome de Ponte Tancredo Neves.

Em 1986 ocorre o Tombamento do Parque Nacional do Iguaçu como Patrimônio Natural da Humanidade, pela UNESCO. Com o fato do tombamento o destino Foz do Iguaçu começou a ser mais procurado e resultou nas obras de ampliação do Aeroporto, as obras terminaram em 1989, e o aeroporto passou a receber aviões de maior porte, e de destinos internacionais.

Com esse contingente de obras, a construção civil se manteve contratando boa parte da mão de obra que estava ociosa, mas não conseguiu diminuir muito o desemprego, o que ocasionou um aumento na violência e no contrabando. (LIMA, 2001).

A Itaipu Binacional, também procurava empregar a população, mas sua natureza exigia o conhecimento técnico, o que excluía muitos, mesmo assim construiu uma grande infraestrutura. (RIBEIRO, 2002). Possui um sistema de áreas protegidas, incluindo unidades de preservação, sendo quatro no Paraguai e duas no Brasil, entre as quais está o Refúgio Biológico Bela Vista. Trata-se de uma área de preservação permanente, com o objetivo de preservação da flora e da fauna, pesquisas, recuperação de áreas degradadas, paisagismo, reprodução de animais, educação ambiental, reprodução de mudas e abastecimento de água para o município de Foz do Iguaçu. O programa faunístico foi iniciado em 1977, com o primeiro inventário dos animais existentes na região que seria inundada, nas margens do rio Paraná. Durante a formação do lago, em 1982, inúmeros animais foram resgatados, com a operação conhecida por "*Mymba Kuera*"⁷², sendo uma parte dos animais destinados a instituições de pesquisa e outra foram soltos em reservas e refúgios biológicos. O refúgio passou por uma revitalização, fundamentada nos conceitos de arquitetura verde e eficiência energética, transformando-o em um instrumento de educação ambiental e em uma atração turística. Foram incluídas 23 novas edificações destinadas aos mais variados fins,

⁷² *Mymba Kuera* em tupi-guarani significa pega-bicho.

como Centro de Recepção de Visitantes, Centro de Educação Ambiental e Turismo, além de diferentes trilhas para visitação e apreciação.

No mesmo ano, 1977, iniciaram-se estudos científicos sobre a migração dos peixes no rio Paraná, o que serviu de base para a construção do Canal da Piracema, rio artificial que faz a ligação do reservatório de Itaipu com o Rio Paraná. O canal possibilita aos peixes acesso às áreas de reprodução no período da Piracema⁷³, contribuindo para preservação da biodiversidade.

Em 1987 inaugura o Ecomuseu de Itaipu, o 1º da América Latina, onde conta a história da construção da usina, bem como, todos os dados analisados na biodiversidade da região. A Itaipu também programou um Complexo Turístico para visitação, onde em dezembro de 2002 inaugurou a Iluminação Monumental de Itaipu. Em maio de 2006 é inaugurado o Canal das Águas Bravas que é parte integrante do Canal da Piracema e foi desenvolvido com o objetivo de incentivar a prática de esportes náuticos de competição. O CTI – Complexo Turístico de Itaipu tem diversas formas de passeio, onde no centro de visitantes, o turista decidirá o que irá visitar. (ITAIPU BINACIONAL, 2008).

No ano de 1985, foi inaugurada em Foz do Iguaçu, a estação de transmissão de TV Naipi, precursora na cidade, pois logo viriam a TV Tarobá e posteriormente a Rede Paranaense de Televisão. A década de 80 foi muito rica para a imprensa escrita, falada e televisionada com a criação de novas emissoras de radiodifusão, emissoras de televisão e jornais. (LIMA, 2001).

Outras datas que ainda devem ser mencionadas sobre o turismo em Foz do Iguaçu são⁷⁴:

Em 1989, é inaugurada a primeira etapa do Centro de Convenções de Foz do Iguaçu. Em maio: inauguração das novas instalações do Aeroporto Internacional de

⁷³ A palavra Piracema é de origem indígena e significa cardume ou desova. O período da piracema é de outubro a março.

⁷⁴ Dados extraídos do Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu – 2008 adquiridos em 21 de maio de 2009, disponível em: http://www2.fozdoiguacu.pr.gov.br/portal2/home_turismo/inventario_turistico.asp.

Foz do Iguaçu/Cataratas, com uma área construída de 17.000m². Em outubro: criação do SINDETUR – Sindicato das Empresas de Turismo de Foz do Iguaçu.

Em junho de 1990 é criada a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – ABIH, em Foz do Iguaçu. Em setembro é sancionada a Lei nº 1.500, que dispõe sobre a preservação do patrimônio natural e cultural de Foz do Iguaçu e é instalada a Diretoria Regional da ABAV. Em novembro é sancionada a Lei nº 1.614, que institui a obrigatoriedade de afixação de placas indicativas nos idiomas português, inglês e espanhol nos locais turísticos do município.

A inauguração da Biblioteca Especializada em Turismo Frederico Engel ocorre em fevereiro de 1992. Em junho do mesmo ano é inaugurada a Rodoviária Internacional de Foz do Iguaçu, localizada na Avenida Costa e Silva.

Em outubro de 1994 é inaugurado o Parque das Aves. Em dezembro, com a publicação da Portaria nº 1.784-A, do Ministério da Educação, a FACISA foi reconhecida como Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, juntamente com as Faculdades de Marechal Cândido Rondon, Toledo e Cascavel.

É inaugurado em junho de 1996 o Zoológico Bosque Guarani. Em julho é fundado o Templo Budista de Foz do Iguaçu.

A escolha do mascote turístico de Foz do Iguaçu, o “Quati”, é decidida em 1997. Em janeiro do mesmo ano é inaugurado o Espaço das Américas. E em junho a inauguração é do Iguassu Convention & Visitors Bureau.

A inauguração do Terminal Turístico Três Lagoas (1ª etapa) é realizada em janeiro de 1998. Em dezembro, através da lei nº 2.184, é proposta a extinção da FOZTUR, sendo suas atribuições transferidas para a Secretaria Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico recém-criada.

Em fevereiro de 1999 é inaugurado o Centro de Lazer, Cultura e Gastronomia Iguassu Boulevard. De junho a julho é realizada a Copa América no Paraguai,

ocasião em que Foz do Iguaçu hospedou as seleções do Brasil, México e Chile. Em setembro é feita a implantação do sistema toll free no Teletur – 0800 45 1516. E em dezembro deste ano é inaugurado o Centro Integrado de Apoio ao Turista e à Mulher.

No ano de 2000 ocorre a inauguração do Parque do Monjolo. Em abril a inauguração da Trilha Ecológica “Sargento Max Wolf Filho”, localizada no interior do quartel do 34º Batalhão de Infantaria Motorizado, fechada em outubro de 2001. Em dezembro é inaugurada a 1ª Fase das obras de revitalização do Parque Nacional do Iguaçu.

Em janeiro de 2001, a Secretaria Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico foi dividida em Secretaria Municipal de Turismo e Secretaria Municipal de Indústria e Comércio, através da Lei nº 2.362. No mesmo ano, em maio é feita a mudança da sede da Secretaria Municipal de Turismo do Edifício Classic para o antigo prédio da Câmara Municipal, na Praça Getúlio Vargas. E em agosto o município de Foz do Iguaçu recebe visitas ilustres: Presidente Fernando Henrique Cardoso; 1º Ministro da Inglaterra, Tony Blair; Presidente da Argentina, Fernando De La Rúa. E no mês de agosto recebe a visita do Presidente da Eslováquia, Rudolf Schuster.

Em abril do ano de 2002, Foz do Iguaçu recebe a visita do Presidente da Polônia, Aleksander Kwasniewski, juntamente com o Presidente Fernando Henrique Cardoso. No mês de setembro é inaugurado o Parque dos Peixes Cataratas. Em dezembro é reinaugurado o Ecomuseu de Itaipu, e realizada a grande inauguração da Iluminação Monumental de Itaipu, complementando o Complexo Turístico de Itaipu.

No ano de 2003, são realizados os festejos do centenário do Marco das Três Fronteiras, completando os 100 anos de demarcação da fronteira entre Brasil e Argentina.

Em janeiro de 2004 é convidado o maior alpinista brasileiro, o paranaense Waldemar Niclevicz, em visita ao Parque Nacional do Iguaçu para a inauguração do Espaço Naipi, elevador panorâmico e travessia de tirolesa na Garganta do Diabo.

Em março de 2007, ocorre a visita do presidente alemão Horst Köhler a Foz do Iguaçu. Em maio, a visita dos presidentes Luís Inácio Lula da Silva, do Brasil, e Nicanor Duarte Frutos, do Paraguai, para inauguração das duas últimas turbinas da Usina de Itaipu. E em junho, é a vez da visita à Usina de Itaipu começar a ser cobrada com o objetivo de manter o Complexo Turístico autossustentável.

Em síntese, sabe-se por sua história que a cidade teve verdadeiros "*boons*" de desenvolvimento e crescimento devido aos ciclos econômicos que passou. Esse fato provocou impactos, tanto positivos como negativos, que segundo Rodrigues (1999), podem ser perigosos, pois espaços turísticos quando "saturados" devem provavelmente declinar suas características fundamentais. Portanto, faz-se necessário um breve relato de alguns dados de Foz do Iguaçu, do seu auge à sua atual realidade, para melhor demonstração da oscilação econômica que esta cidade já viveu.

Alguns destes dados são possíveis de demonstrar através dos números fornecidos pelo SHRBSFI (Sindicato dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de Foz do Iguaçu). Em 1997, um dos períodos áureos do turismo, a cidade possuía 254 meios de hospedagem, e em 2003 decaíram para 159 meios de hospedagem (destes 122 hotéis e 37 outros meios). Demonstrando um decréscimo de aproximadamente 33%, ou seja, 1/3 o número total de meios de hospedagem. Já no setor hoteleiro os problemas foram ainda maiores com o decréscimo de aproximadamente 45% de seu contingente. Se estes dados forem considerados, o que pensar do número de desempregados? Ou da crise e do caos que ali se instalou?

Santos (1997a, p. 54) evoca "cada forma sobre a paisagem é criada como resposta a certas necessidades ou funções do presente". Portanto, faz-se necessário ressaltar os períodos econômicos, que se mostram resumidamente, em quatro

situações-chave da transição de suas atividades econômicas, ou seja, seus ciclos de desenvolvimento.

1.5.2. Os eixos econômicos de Foz do Iguaçu

Para a compreensão da constituição sócio-espacial desta cidade é importante apresentar os seus quatro principais ciclos econômicos, ocorridos durante sua história, da forma como se encontram no Inventário do Turismo do Município⁷⁵.

E se a evolução econômica de uma sociedade se dá por ciclo, como nos é explanado por Padis (2006):

(...) quando ocorria – e numerosos foram os casos – que uma atividade, principal e condutora da economia concentrava a maior parte, senão a totalidade, dos recursos disponíveis, seu declínio e conseqüente desaparecimento acarretaram um período de estagnação relativa, a alongar-se até o desabrochar de nova atividade que desse início a novo ciclo econômico. (p. 30).

Após o decorrer desta exposição também serão apresentados os ciclos econômicos na visão de Perci Lima (2001), que os divide em dez.

1º Eixo - 1870 a 1970 - extração da madeira e cultivo da erva mate

As primeiras atividades econômicas de Foz do Iguaçu foram às extrações de madeira e o cultivo da erva-mate. Mantiveram-se como as principais atividades econômicas durante cerca de um século seguindo o padrão de toda a região Oeste do Paraná que, na época era parte integrante do município de Foz do Iguaçu, estendendo-se até o município de Guarapuava.

Neste período chegaram os primeiros desbravadores e em sua população predominavam paraguaios, argentinos e indígenas. A instalação da Colônia Militar do *Iguassu* possibilitou um adensamento maior de brasileiros, o que possibilitou o desenvolvimento de pequenos comércios e de pequenas propriedades rurais familiares.

⁷⁵ Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu – 2008, disponível em [HTTP://www2.fozdoiguacu.pr.gov.br/porta12/home_turismo/inventario_turistico.asp](http://www2.fozdoiguacu.pr.gov.br/porta12/home_turismo/inventario_turistico.asp).

Ainda neste período, com a chegada dos catarinenses e gaúchos, houve o desenvolvimento das pequenas propriedades rurais e início de exportações para países vizinhos. Neste ciclo histórico e econômico houve um acréscimo de 34 mil habitantes na cidade. Logo se percebe a heterogeneidade da localidade desde sua gênese, uma cidade composta por "não-iguaçuenses" em sua maioria.

2º Eixo - 1970 a 1980 - construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu

Este ciclo ampliou e desenvolveu tanto o setor econômico quanto o demográfico devido à implantação da Hidrelétrica de Itaipu, que causou um crescimento de 385% de toda a população local, que passou de 34 para 136 mil habitantes, sendo que cerca de 50 mil faziam parte do quadro direto de funcionários da Itaipu no auge de sua construção, vivendo assim a cidade todas as consequências, sendo praticamente reestruturada e reorganizada para atender tamanho crescimento demográfico. Durante o período da construção, o Paraguai consolida em sua fronteira com o Brasil a instalação de uma ZLC (Zona de Livre Comércio), localizada em Ciudad Del Este. A construção da Hidrelétrica de Itaipu trouxe profundas alterações geográficas, socioeconômicas e culturais em toda a região. Um dos grandes problemas ocorridos na área, devido ao aumento de pessoas na região, é a "desculturização", como Santos (1997, p.46) explica:

"[...] na medida em que a substituição das pessoas, a alteração dos equilíbrios sociais do poder, a introdução de novas formas de fazer gera desequilíbrios dos quais resultam, de um lado, a imigração das lideranças locais tradicionais e a quebra de hábitos e tradições, e, de outro lado, a mudança das formas de relacionamento produzidas lentamente durante longo tempo e que se vêem, de chofre, substituídas por novas formas de relação cuja raiz é estranha e cuja adaptação ao lugar tem fundamento puramente mercantil".

Este contingente estabeleceu-se nos bairros da cidade, dedicando-se à prestação de serviços. Houve um aumento de investimento do setor público em infraestrutura urbana, com a construção de avenidas e do aeroporto.

Constata-se então que houve movimento de grande contingente populacional para a cidade de Foz do Iguaçu, o que denota que o elemento mobilizador primordial é o econômico e social. Outro fato é a mudança das condições da vida urbana, com a alteração da economia e conseqüentemente a sociedade, pois a cidade torna-se rapidamente outra em relação ao que era até o presente momento. Segundo dados

do IBGE (2003), a população de Foz do Iguaçu, que na década de 70 era de 33.966 habitantes, aumentou em dez anos para 136.321 habitantes, assim quadruplicando a população local, demonstrando uma migração maciça, fato esse que trouxe um desenvolvimento desordenado e incomum à cidade, tornando-se um paradigma conflituoso, onde de um lado existe a aceleração da economia e de outro o caos social que ali se instalou.

Este ciclo causou grande impacto em todo o oeste do Paraná, principalmente em Foz do Iguaçu, ocasionando a atração de correntes migratórias, compostas de trabalhadores e familiares, vindos principalmente de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, além dos provenientes do Estado do Paraná.

3º Eixo - 1980 a 1995 - exportação e turismo de compras

Com a abertura da Zona de Livre Comércio em *Ciudad del Este*, iniciou-se este novo ciclo econômico, que absorveria grande parte da mão de obra gerada pela hidrelétrica. Com investimentos asiáticos e árabes, em pouco tempo a cidade paraguaia se transformou no 3º centro comercial mundial movimentando aproximadamente 14 bilhões de dólares. Assim, pode-se considerar este local como "espaço de circulação e distribuição", bem como de "consumo".

Apesar do crescimento comercial, o Paraguai na época, carecia de bens de consumo básicos, tanto duráveis como não duráveis, em quantidade e qualidade suficientes para atender a demanda. Essa carência foi suprida pelos exportadores brasileiros instalados em Foz do Iguaçu, que se beneficiaram deste mercado com a venda de bens como alimentos, vestuário, eletrodomésticos, maquinários agrícolas, insumos, entre outros, além do aumento na oferta de empregos e na renda local. Foz do Iguaçu tornou-se um verdadeiro centro de entrepostagem das mercadorias destinadas ao mercado do país vizinho.

Segundo Santos (1997a, p.03) "a tendência à urbanização em nossos dias, e, mesmo, o seu perfil, vai explicar na importância auferida pelo consumo, pela distribuição e pela circulação". Isso comprova o grande "boom" econômico que a cidade viveu nesses anos.

Nesta fase chegou-se a pensar que o turismo de compras fosse a verdadeira vocação da cidade, mas devido as constantes crises econômicas nacionais e globais esta prerrogativa não se estabeleceu.

Novamente esses fatores causaram intenso movimento migratório para o município. Isso juntamente com o contingente de desempregados, principalmente de operários, cuja mão de obra era especializada no trabalho da Usina e que não conseguiam recolocação em empresas da cidade, o que acabou trazendo problemas sociais. Áreas públicas e privadas foram invadidas por famílias de baixa renda e desempregados e assim várias favelas se formaram. Houve crescimento do trabalho informal (camelôs, vendedores de sucos, água, caldo de cana, água de coco, sorvetes entre outros). Neste ciclo, o crescimento demográfico foi de 74 mil habitantes. Assim, novamente de acordo com dados do IBGE (2003) constatou-se que de 1980 a 2000 a população local passou de 136.321 habitantes para 258.771, praticamente dobrando o número de municípios.

4º Eixo - a partir de 1995 - abertura de novos mercados

Este ciclo iniciou-se com a consolidação do MERCOSUL, que integra Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, com a proposta de uma isonomia de impostos, a adoção de uma política comercial comum e o estabelecimento de uma tarifa externa comum.

O rompimento com o ciclo anterior agravou a condição econômica e social de Foz do Iguaçu, pois fez desaparecer grande parte do setor exportador e reduzir significativamente o turismo de compras e a ocupação de estabelecimentos hoteleiros não classificados, fato que ocasionou a dispensa de muitos trabalhadores.

A situação social ficou agravada com o crescente desemprego, gerado pela queda na exportação e do turismo de compras. A abertura dos postos de trabalho não acompanhou o mesmo ritmo de crescimento da população desempregada ou que buscava seu primeiro emprego.

Ciclos econômicos, segundo Lima (2001):

Primeiro Ciclo: Período compreendido entre os anos de 1881 a 1930. Fase da exportação da erva-mate e corte predatório da madeira que era exportada para a Argentina e geralmente explorada por companhias estrangeiras, argentinas a serviço dos ingleses.

Segundo Ciclo: Iniciou-se por volta de 1914 e também se encerra em 1930, com o assentamento dos colonos alemães, polacos, eslavos e italianos que iniciaram um processo rudimentar de agricultura de subsistência, mas que foi o início de uma agricultura moderna, forte e pujante.

Terceiro Ciclo: a partir de 1924 com a vinda dos revolucionários da Coluna Prestes que trouxe novos usos e costumes à população. Na realidade, nessa época, houve um período de crise econômica muito grande, pois Foz estava sitiada e os revolucionários tomavam o pouco que restava à população, requisitando animais e mantimentos para a manutenção das tropas. Este ciclo é curto, termina com a retirada da Coluna Prestes, em 1925.

Quarto Ciclo: a partir de 1930, com a criação da 1ª Cia. Independente de Fronteira, da Delegacia da Capitania dos Portos do Rio Paraná, injeta uma boa parcela de meio circulante com o pagamento do salário dos militares além da criação do Parque Nacional do Iguaçu, que inclui o turismo como fonte de economia da cidade.

Quinto Ciclo: Queda na economia pela criação do Território Federal do Iguaçu, com a instalação da capital na cidade de Laranjeiras do Sul, em detrimento de Foz do Iguaçu, e o início da 2ª Grande Guerra Mundial que afetaria a economia do mundo todo. Este período compreende os anos de 1935 a 1950.

Sexto Ciclo: Na década de 50 registra-se a chegada dos colonos gaúchos e catarinenses que se estabeleceram na região em busca de novas oportunidades, atraídos pelas promessas de terra fértil e barata apregoadas pelos representantes

das grandes colonizadoras. Nesta época a população da cidade era de aproximadamente 3.000 habitantes. Neste período iniciou-se, o que se pensava ser a industrialização do município, com a chegada das grandes colonizadoras que formaram muitas cidades nos distritos iguaçuenses. Começou a exportação de madeira para a Argentina em escala industrial. Neste período foi destruída quase toda a reserva florestal da região, colocando em risco de extinção a árvore símbolo do Paraná, o Pinus Araucária. Nesta época Foz do Iguaçu começa a tomar forma de cidade, com o início da infraestrutura em saneamento básico, ensino, comércio, e o que marcou o período foi a construção da Ponte da Amizade, ligando o Brasil e o Paraguai.

Sétimo Ciclo: de 1965 em diante Foz do Iguaçu viveu um período próspero, com declínio das madeiras (muitas mudaram suas sedes para o município de Cascavel), com o crescimento do turismo de massa, pois com a inauguração da BR-277 em 1969 interligando Foz aos grandes centros do Brasil, como Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, etc., trazendo turistas de todo o Brasil. Nessa década também houve a inauguração do Aeroporto Internacional, inaugurando a era de voo dos grandes aviões. A população salta para a casa dos 20.000 habitantes.

Oitavo Ciclo: este ciclo compreende de 1974 a 1984. Neste período Foz do Iguaçu vivia ainda o “boom” do turismo. O comércio da Vila Portes prosperava. A Itaipu Binacional estava em seu auge e Foz ocupando os primeiros lugares como um dos polos econômicos do Estado do Paraná.

Nono Ciclo: de 1985 até 1995, economicamente foi uma época de maior prosperidade para o município, apesar da inflação que assolava o país e da criação do plano real⁷⁶. Havia a exportação para o Paraguai, o turismo de compra estava em seu apogeu, cobrava-se ingresso de passageiros e ônibus para a entrada na cidade, eram arrecadados milhões de dólares, os royalties da Itaipu já

⁷⁶ O programa brasileiro de estabilização econômica é considerado o mais bem-sucedido de todos os planos lançados nos últimos anos para combater casos de inflação crônica. Combinaram-se condições políticas, históricas e econômicas para permitir que o Governo brasileiro lançasse, ainda no final de 1993, as bases de um programa de longo prazo. Organizado em etapas, o plano resultaria no fim de quase três décadas de inflação elevada e na substituição da antiga moeda pelo Real, a partir de primeiro de julho de 1994.

estavam sendo pagos regularmente e a construção civil não parava de crescer. O governo do estado apoiava a cidade, investindo em obras e no social.

Décimo Ciclo: a partir de 1997, Foz do Iguaçu mergulhou numa crise sem precedentes de toda a sua história. O poder público municipal ficava cada vez mais rico e o povo cada vez mais pobre. Aproximadamente 45% do que é arrecadado é dispendido na folha de pagamento dos funcionários públicos, sobrando 55% para aplicação em despesas administrativas e construção de obras no município. O turismo sente a influência sobre a força da repressão da polícia e da receita federal contra os muambeiros. O comércio exportador da ponte da amizade foi totalmente sufocado pelo MERCOSUL, resultando em muitas falências das empresas exportadoras. O processo de desaceleração no crescimento da economia de Foz iniciou-se a partir do advento do Mercosul. Esperava-se que as grandes indústrias e empresas de serviços se estabeleceriam no município, o que não ocorreu. Estas se fixaram nos outros países do Mercosul e em regiões mais centrais do Brasil, utilizando a cidade apenas como “corredor” de trânsito no transporte de mercadorias.

Vale ressaltar que "a cada momento da história local, regional, nacional ou mundial, a ação das diversas variáveis depende das condições do correspondente sistema temporal" (SANTOS 1997a, p.22).

Entretanto, Foz do Iguaçu goza vantagens de sua localização estratégica no MERCOSUL, possuindo perspectivas otimistas de crescimento econômico, com a atração de novos investimentos e consolidação de empresas que poderão usufruir desse nicho de mercado, até então pouco ou informalmente explorado.

A expansão de cursos superiores, além do fator de atração de jovens e profissionais especializados, possibilita também a constituição de um polo tecnológico, referencial para os novos momentos que estamos vivendo.

Porém, deve-se destacar que em todos os ciclos de desenvolvimento percebe-se um *mix* populacional com pessoas advindas de várias partes do Brasil e do mundo, consolidando assim o fator econômico como primeira razão da imigração.

Com esta amostra dos ciclos econômicos nota-se a relação sócioeconômica com o espaço geográfico da cidade de Foz do Iguaçu. E estes, dentre tantos outros elementos, influenciam na relação comunidade local e turista, os dados não destacam o que vemos na história de uma cultura baseada no turismo.

A observação atenta do fenômeno, que se traduzia na descontinuidade dos ciclos das economias dependentes, levou-nos a inferir algo bastante interessante: um ciclo consecutivo pouco ou nada aproveitava de seu antecedente. (...). Entretanto, quando, por qualquer forma, se propicia que a atividade econômica condutora gere condições necessárias ao aparecimento de outra que lhe seja sucedânea no papel principal de criador de renda e emprego, a descontinuidade entre os ciclos torna-se amplamente menor, quase imperceptível. (...). (PADIS, 2006, p. 30-31).

Os ciclos tanto os expostos pela Secretaria de Turismo no Inventário Turístico, como os mostrados do autor Perci Lima, em muitos momentos da história de Foz do Iguaçu deixam o turismo em segundo plano, esquecendo que ele sempre foi o carro-chefe da economia da região, o que nos deixa a proposta para futuras pesquisas na área: até que ponto o turismo influenciou na economia de Foz do Iguaçu?

1.5.3. Serviços, equipamentos e atrativos do município.

O município possui 156 estabelecimentos de hospedagem: sendo destes 111 hotéis, 22 motéis, 16 pousadas, 1 flat, 2 albergues, 4 campings; totalizando cerca de 20.597 leitos (anexo 2).

Prestam serviços aos turistas 146 agências de turismo, sendo que destas 111 com serviços de receptivo, 52 com serviços de emissivo, 17 atuam como operadoras turísticas e 14 estão liberadas para trabalhar com câmbio no município. A oferta turística de Foz do Iguaçu gera aproximadamente 12.815 empregos diretos (anexo 3).

O número de estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços na área turística são de 692 (anexo 1).

O município possui cerca de 254 empresas que trabalham no ramo de alimentação, 127 são restaurantes, 13 especificamente como churrascarias e 22 como pizzarias; 17 bares noturnos⁷⁷; 35 empresas que fazem atendimento de lanchonetes, 6 trabalham especificamente com pastelaria e 5 como sorveterias; 29 empresas com serviço de confeitaria, sendo que 2 destas são apenas panificadoras e 4 cafeterias (anexo 2).

Os turistas contam com o serviço de 20 transportadoras turísticas, cerca de 8 locadoras de carros e 73 pontos de táxi, para a locomoção no município (anexo 3 e 5).

Na medida em que a realização de um evento chega a movimentar um número expressivo de colaboradores na sua realização, fica evidente a sua importância no dimensionamento econômico, tão procurado pelos municípios em nosso país. Os prestadores de serviços costumam ter suas atenções voltadas para os calendários divulgados por empresas e associações promotoras de eventos. Isto porque, durante a realização de um evento, via de regra, significa o aumento de turistas das mais diversas partes do país e do mundo, turistas que necessitarão de serviços, como: recepção, hospedagem, transporte, alimentação, guia, tradutor, diversão, entre outros. A estrutura de eventos do município encontra-se no anexo 3 para conhecimento.

O município de Foz do Iguaçu possui uma infinidade de atrativos, que procuramos listar a seguir os que mais se destacam.

Atrativos Naturais: Rio Iguaçu e Rio Paraná, Lago de Itaipu, Terminal Turístico de Três Lagoas (Praia Artificial), Cataratas do Iguaçu, Salto do Macuco, Thermas Parque Aquático Cataratas (fonte termal), Parque Nacional do Iguaçu.

⁷⁷ Com exceção de 4 bares que abrem a partir das 14 horas.

Atrativos Culturais: Antigo Hotel Cassino, Antigo Fórum, Bar Armazém Trapiche, Colégio Bartolomeu Mitre e Praça das Nações, Escola do Centro Espírita, Espaço das Américas, Gresfi – 1º Aeroporto de Foz do Iguaçu, Ponte Internacional da Amizade, Ponte Presidente Tancredo Neves, Prédio da Prefeitura, Prédio da Rua Quintino Bocaiúva – ao lado da Foztrans, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Foz do Iguaçu, Casa Paroquial, Paróquia São João Batista, Mesquita Muçulmana, Templo Budista, 34º Batalhão de Infantaria Motorizado, Capitania Fluvial do Rio Paraná, Marco das Três Fronteiras, Ecomuseu de Itaipu, Biblioteca Pública Elfrida Engel Nunes Rios, Biblioteca Especializada em Turismo Frederico Engel, Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, Teatro Municipal Otilia Schimmelpfeng, Teatro Elias Hauagge.

Outros atrativos: Coart – Cooperativa de Artesanato da Região Oeste e Sudoeste do Paraná, Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, Carnaval, Lenda das Cataratas, Pirá de Foz, Dourado Assado, Feira Iguaçu, Feira Livre das Nações – Projeto Antiquarium, Bandas e Conjuntos Musicais, Banda Municipal, Banda da Guarda Mirim, Banda do 34º Batalhão de Infantaria Motorizado, Coral Municipal, Coral de Itaipu, Grupo Vocal Canto em Canto, Orquestra Municipal, Rafain Churrascaria Show, Teatro Plaza Foz, Centro de Tradição Gaúchas Charrua, Centro de Tradições Gaúchas Estância Crioula.

Realizações Técnicas, Científicas e Artísticas: Usina Hidrelétrica de Itaipu (Canal da Piracema, Canal das Águas Bravas, Iluminação da Barragem, Visita Panorâmica, Circuito Turístico Especial à Usina, Pacotes Combinados, Visita Institucional Técnico-Científica), Usina do Rio São João, Subestação de Furnas, Zoológico Bosque Guarani, Parque das Aves Foz Tropicana, Refúgio Biológico Bela Vista, Horto Municipal de Foz do Iguaçu, Orquidário do Conjunto Aporã, Orquidário da Tribo, CEAEC – Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, Recanto dos Cactos.

2. CARACTERIZAÇÃO SOCIOESPACIAL DA ÁREA DO OBJETO DE ESTUDO⁷⁸

O município de Foz do Iguaçu está localizado no extremo oeste do Paraná, em seu 3º planalto⁷⁹, na região Sul do Brasil, fazendo divisa com as cidades de Itaipulândia ao norte, a cidade de São Miguel do Iguaçu e Santa Terezinha de Itaipu a leste em território brasileiro, sendo limítrofe do país com a cidade argentina de *Puerto Iguazu* ao sul e, a oeste com a cidade paraguaia de *Ciudad del Este*, configurando assim a particularidade de Tríplice Fronteira ao município.

Foz do Iguaçu conta atualmente com uma estrutura política, econômica e social condizente com a dos municípios de grande porte do Estado do Paraná, destacando-se dos demais pela posição geopolítica e localização privilegiada.

Encontra-se em uma região caracterizada pela diversidade cultural. São 80 nacionalidades diferentes residindo no município. A base da economia está no turismo, com destaque para o comércio e serviços. Esta pesquisa pretende explorar o desenvolvimento do turismo na sua base histórica, desde os primeiros descobridores da região até os dias atuais, verificando suas dimensões geográficas e seus aspectos socioeconômicos.

O enfoque espaço-temporal deve-se ao entendimento de que o município de Foz do Iguaçu assim como qualquer outra realidade sócio-espacial precisa ser encarada numa perspectiva histórica, neste ínterim Santos e Souza (1986 p. 205) escrevem:

Tudo o que existe articula o presente e o passado, pelo fato de sua própria existência. Por essa mesma razão, articula igualmente o presente e o futuro. Desse modo, um enfoque espacial isolado ou um enfoque temporal isolado são ambos insuficientes. Para compreender uma qualquer situação necessitamos de um enfoque espaço-temporal.

⁷⁸ Os dados relativos ao município que se apresentam neste capítulo foram adquiridos no Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu – 2008, disponível em [HTTP://www2.fozdoiguacu.pr.gov.br/portal2/home_turismo/inventario_turistico.asp](http://www2.fozdoiguacu.pr.gov.br/portal2/home_turismo/inventario_turistico.asp).

⁷⁹ 3º planalto: O relevo do Estado do Paraná é dividido em planície litorânea, serra do mar, e os planaltos de Curitiba (1º planalto), de Ponta Grossa (2º planalto) e o de Guarapuava (3º planalto).

Desde sua emancipação política, o município passou por fases de grandes transformações econômicas. De município essencialmente agrícola, descobriu sua vocação primeira que é o turismo, depois indústria e comércio exterior.

Atualmente, as suas principais atividades econômicas são:

Setor primário: produção agrícola abrangendo as culturas de arroz, batata doce, milho, soja, trigo, laranja, fumo e grande variedade de hortaliças.

Setor secundário: a ausência de indústria de porte é largamente compensada pela presença da Itaipu Binacional, responsável pela Usina Hidrelétrica de Itaipu, que hoje emprega 6.140 trabalhadores.

Setor terciário: a atividade hoteleira é uma das principais neste setor, destacando-o com 153 estabelecimentos de hospedagem (111 hotéis, 22 motéis, 16 pousadas, 1 flat, 2 albergues, 4 campings), totalizando cerca de 20.597 leitos.

Prestam serviços aos turistas 146 agências de turismo e 14 casas de câmbio. A oferta turística de Foz do Iguaçu gera aproximadamente 9.000 empregos diretos e 7.000 empregos indiretos.

O número de estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços ultrapassam os 3.000.

As proximidades com o Paraguai e a Argentina, favorecem a exportação de manufaturados, para esses centros de comercialização de produtos brasileiros.

2.1. Aspectos socioespaciais

Foz do Iguaçu situa-se na coordenada geográfica correspondente a 25° 32' 45" de latitude sul e 54° 35' 07" de longitude oeste e localiza-se a 7,5 Km ao norte da foz do rio Iguaçu. Com base em sua configuração topográfica, o município ocupa o extremo

oeste do Planalto de Guarapuava (terceiro Planalto do Paraná), entre os rios Piquiri e Iguaçu, interceptados pelo rio Paraná.

Devido a tais limites geográficos e ainda pelo encontro dos rios Paraná e Iguaçu formam a tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina. Assim, possui limite ao norte com a Usina Hidrelétrica de Itaipu, que ao formar o lago de Itaipu dividiu o território municipal em duas partes descontínuas; ao sul, pelo rio Iguaçu, que marca fronteira com a Argentina, especificamente a cidade de Puerto Iguazu; a leste, com os municípios de Santa Terezinha de Itaipu e São Miguel do Iguaçu no Estado do Paraná; e a oeste, pelo rio Paraná, que limita a fronteira com o Paraguai e as suas respectivas cidades de Presidente Franco e Ciudad del Este.

O município de Foz do Iguaçu possui um distrito isolado - Alvorada do Iguaçu (Vila Bananal), considerada a menor porção do seu território. Localiza-se a oeste do estado e faz divisa somente com o município de São Miguel do Iguaçu. Possui aproximadamente 61 Km², e é banhada pelo reservatório de Itaipu em todo seu perímetro sul, oeste e norte.

Atualmente o município possui território de 617,71 Km² de área, sendo 191,46Km² de área urbana, 138,17Km² de área rural, 138,6Km² de área do Parque Nacional do Iguaçu, 149,1Km² de área do Lago artificial de Itaipu e 0,38Km² de área na Ilha de Icaray.

A população atual do município é de 319.189 habitantes, sendo destes 2.490 moradores da área rural e 316.699 moradores da área urbana.

Apresentando uma densidade demográfica média de 516 habitantes por Km², considerando a área total do município.

A hidrografia do município é limitada pelos dois maiores rios do Estado: o Paraná e o Iguaçu. Seus afluentes formam o sistema de drenagem natural. Dentre eles podem-se destacar 09 microbacias hidrográficas, sendo 07 delas circunscritas ao perímetro municipal. Fazem parte da Bacia do Baixo Iguaçu (Rio Tamanduá, Córrego Carimã e

Rio São João) e da Bacia do Paraná (Rios Almada, M'Boicy, Ocoi, Cuê, Guabiroba e Monjolo).

Dos três rios principais que deságuam no rio Iguaçu, os dois maiores são o rio São João, cuja nascente situa-se fora dos limites do município, e o rio Tamanduá, este com sua micro bacia dentro do município.

O rio Paraná está entalhado em um profundo cânion decorrente da ação tectônica; desta forma seus afluentes, por terem seus vales suspensos, precipitam-se em cascatas ou degraus. Os afluentes do rio Paraná são mais numerosos dentro do município, cortando-o no sentido leste-oeste na região mais ao norte.

Cada uma dessas micro bacias é independente e seus rios, córregos e nascentes possuem cada qual vales isolados, separados por regiões de altitude mais elevada. Todos são rios perenes que aumentam grandemente a vazão quando em época de chuvas, devido a vários fatores, como o solo pouco permeável e a extinção da cobertura vegetal primitiva.

Os rios Iguaçu e Paraná desempenham, paralelamente, importantes papéis no desenvolvimento municipal e nas limitações físico-institucionais: o rio Iguaçu, pelo elevado interesse turístico, e o Paraná, pelo seu potencial hidrelétrico.

Possui vegetação caracterizada pela mata pluvial subtropical devastada, entremeada de mata cultivada. A mata subtropical é encontrada na região do Parque Nacional do Iguaçu, e possui Floresta Tropical de várzea nas margens dos rios, e sua característica principal é a multiplicidade de espécies. É significativa pela extensa área, ocorrendo denso matagal com um complexo entrelaçado de ervas, cipós, arbustos, vegetação rasteira e árvores jovens com as mais variadas maneiras de adaptação das espécies do meio.

Em alguns locais do perímetro urbano, a vegetação é esparsa, quando existente. As ocupações irregulares e a crescente urbanização sem critérios adequados contribuem na destruição da mata nativa, principalmente a ciliar. Já as áreas do 34º

Batalhão de Infantaria Motorizado, do loteamento Festugato, do Clube Floresta, do Colégio Agrícola, entre outras, representam as áreas de bosques com as principais remanescências e características nativas. Caracterizam-se quatro tipos de vegetação neste quadro urbano, entre elas: mata natural e de capões; macegas e plantas rasteiras; reflorestamentos e arborização pública.

Seu clima caracteriza-se como subtropical úmido, com verões quentes, sem estação seca definida, invernos com geadas pouco frequentes e chuvas em todos os meses do ano (temperatura média de 22,5°C). Sua pluviosidade média em 2007 foi de 107,7mm ano, sendo abril o mês com maior precipitação com média de 211,6mm, e junho o menos chuvoso com 3,9mm, sendo que a umidade relativa do ar é de 71,4%. Março, abril e maio são os meses que compõem o trimestre mais chuvoso, ocorrendo cerca de 28% da precipitação anual de chuvas, enquanto junho, julho e agosto concorrem com 21%, assim demonstrando a existência de uma distribuição uniforme de precipitação chuvosa durante o ano.

Temperatura máxima anual de 38,5°C no mês de outubro e mínima de -0,7°C no mês de julho. Tendo a umidade relativa do ar com maior intensidade nos meses de maio e junho com 81%, e com menor intensidade no mês de setembro com 61%, provocada pela influência da proximidade dos rios Iguaçu e Paraná, bem como o represamento da Hidrelétrica de Itaipu, o que provoca o aumento dessa umidade e a sensação térmica de calor.

O relevo de Foz do Iguaçu apresenta encostas levemente onduladas, com solos de textura argilosa de origem eruptiva, profunda e rica em matéria orgânica. Possui altitude média de 164 m, podendo chegar ao máximo de 321 m (dentro do Parque Nacional, próximo à divisa com o município de Santa Terezinha de Itaipu) e mínima de 100 m (foz do rio Iguaçu).

2.2. Infraestrutura

A infraestrutura urbana é considerada uma pré-condição para o desenvolvimento do turismo. Sem esta condição básica a implementação da atividade turística fica inviabilizada.

Segundo BOULLÓN (2002, p. 57)

para que o sistema turístico possa funcionar é necessário que os atrativos turísticos e a planta turística (equipamentos e instalações turísticas) se agreguem à infra-estrutura (conjunto das redes de instalações e serviços urbanos de um país necessário ao funcionamento das estruturas sociais e produtivas).

No sistema viário e transportes o município de Foz do Iguaçu está distante da capital do Estado – Curitiba em cerca de 670 km.

A BR 277 liga Foz do Iguaçu a Paranaguá, a BR 467 dá acesso do centro do município até o Parque Nacional do Iguaçu, a RUTA 07 que é a continuação da BR 277 dentro do Paraguai, liga a Ciudad del Este a Assuncion, a RUTA 12 liga Puerto Iguazú a Posadas.

A Rodoviária Internacional de Foz do Iguaçu está localizada a 5 km do centro da cidade, na saída para a BR 277. No total são 13 plataformas de embarque e desembarque. No edifício principal encontram-se a administração do terminal, bilheterias, refeitório para funcionários, salão de espera com 140 assentos, guarda-volumes, posto de Informações turísticas, sanitário masculino e feminino (inclusive para deficientes físicos), Agência Nacional de Transporte Terrestre (ANTT), Guarda Municipal, posto telefônico, Centro de Apoio ao Migrante, lanchonete, banca de jornais e revistas, farmácia, serviço de carregadores e de achados e perdidos. O terminal é atendido por diversas linhas de transporte urbano – para o centro da cidade e para diversos bairros –, além de uma linha de transporte coletivo internacional (Foz do Iguaçu – Ciudad del Este) diária (anexo 5).

O Terminal de Transporte Urbano é administrado pelo FOZTRANS – Instituto de Transportes e Trânsito de Foz do Iguaçu O terminal conta com uma estrutura que

inclui banheiros e 22 espaços comerciais, entre lanchonetes e lojas de souvenirs. Possui ainda salas para o Foztrans e Guarda Municipal e uma para as empresas operantes do transporte coletivo da cidade. Anexo ao Terminal de Transporte Urbano (TTU) existe também um Posto de Informações Turísticas.

Atualmente, 50 linhas de ônibus operam em Foz do Iguaçu, e até julho de 2008 passaram pelo TTU um total de 10.783.195 passageiros (anexo 5).

A cidade ainda possui 73 pontos de taxi, com uma frota de 374 carros (anexo 5).

A Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária – INFRAERO –, administradora do aeroporto desde 1974, dentro dos modernos padrões de operações e funcionalidade. A pista de pouso e decolagem permite que o Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu/Cataratas opere com aeronaves até B-747400.

O Aeroporto Internacional está localizado na BR 469, km 16,5 – Rodovia das Cataratas –, a 13 km do centro da cidade, 12 km das Cataratas do Iguaçu, 10 km da Ponte Tancredo Neves (Argentina), 20 km da Ponte da Amizade (Paraguai) e 30 km da Usina Hidrelétrica de Itaipu. O Aeroporto funciona 24 horas e dispõe de voos com destino aos principais pontos do Brasil, dimensionado para atender a demanda de 1.500.000 passageiros/ano (anexo 5).

Atualmente operam no aeroporto aeronaves de grande porte do tipo: A-319; A-320; B-737; B-767 e MD-11, além de aeronaves de pequeno porte (aviação geral).

A infraestrutura aeroportuária dispõe de: área de pré-embarque; área de restituição de bagagens com esteiras; área pavimentada com capacidade para estacionamento de 280 veículos; área pavimentada para equipamento de rampa; balizamento diurno e noturno na pista de táxi; *check-in* automatizado; climatização da sala de embarque, da sala de desembarque e do restaurante; elevador; escadas rolantes; sistema integrado de informações de voos; terminal de cargas alfandegado; pista de pouso e decolagem, devidamente equipada e localizada para voos diurnos e noturnos; serviço de contra incêndios especializados; serviço de remoção de

emergência médica; sistema de esteiras para despacho de viagens; serviços de *Handling*; abastecimento para aeronaves; terminal de cargas aéreas e comissária de bordo.

No aeroporto pode-se contar com os serviços de: balcão de informações turísticas; restaurante, bar e/ou lanchonete; berçário; caixa coletora de correspondência (correio); posto de atendimento do Banco do Brasil; caixas eletrônicas; carrinhos para transporte de bagagens; joalheria; bomboniere; loja de jornais e revistas; lojas de roupas e de artesanato; serviço de locação de veículos; serviço regular de transporte de superfície; agências de turismo; sinalização vertical no terminal de passageiros; Receita Federal; Polícia Federal; Polícia Militar; Defesa Sanitária e equipamentos modernos para tratamento de água e dejetos, oferecendo tranquilidade a todos aqueles que transitam em suas instalações. Dispõe de facilidades apropriadas para deficientes físicos nos acessos e banheiros, tanto no saguão como nas salas de embarque e desembarque. No que se refere à navegação aérea, o aeroporto é dotado de equipamentos modernos para aumentar a segurança dos voos, tais como: Radar; I.L.S.⁸⁰; Sala de Informações (AIS); EMA⁸¹; possui auxílios visuais como: balizamento de pista, balizamento de táxi, luzes de cabeceira, PAPI, farol de aeródromo e indicador de vento.

A Capitania Fluvial do Rio Paraná é uma Organização Militar integrante do Sistema de Segurança do Tráfego Aquaviário, subordinada ao Comando do 5º Distrito Naval e sob a supervisão da Diretoria de Portos e Costas. Tem como propósito contribuir para a orientação, coordenação e controle das atividades relativas à Marinha Mercante e organizações correlatas no que se refere à segurança da navegação nos rios e lagos de sua jurisdição, defesa nacional, salvaguarda da vida humana e prevenção da poluição hídrica.

⁸⁰ *Instrument Landing System* (Sistema de Pouso por Instrumentos) – Sistema de orientação ao pouso usado nos principais aeroportos internacionais

⁸¹ Estação Meteorológica de Superfície – Os dados do ar superior são de suma importância na previsão de tempo, localização de massas de ar, segurança e eficiência das operações aéreas. Tais dados compõem-se de pressão, temperatura, umidade relativa e condições de ventos em altitude.

A Delegacia Fluvial em Guaíra está subordinada à Capitania Fluvial, e ambas executam atividades numa área que abrange cerca de 95% do Estado do Paraná, contando com 369 municípios e mais três do Mato Grosso do Sul.

A Capitania forma profissionais na área fluvial, ministrando os cursos do Ensino Profissional Marítimo nas instalações da Escola de Fluviários de Foz do Iguaçu, situada nas dependências da Capitania Fluvial do Rio Paraná.

Tendo como principal via navegável o rio Paraná, a jurisdição possui linha regular entre Foz do Iguaçu e Guaíra com transporte de areia por meio de comboios e intenso fluxo de embarcações de esporte e recreio, turismo e pesca.

No sistema de saneamento básico, o município de Foz do Iguaçu tem seu abastecimento de água feito pela SANEPAR, empresa estatal de economia mista.

A SANEPAR foi à primeira empresa de saneamento das Américas a receber a certificação pelas normas da ISO 14001 para um sistema completo de água e esgoto, em novembro de 1999. O certificado é considerado um dos mais importantes e de maior reconhecimento em todo o mundo na área do meio ambiente e atesta que o sistema de Foz do Iguaçu é operado de forma ambientalmente responsável, desde a captação da água para tratamento até a destinação final do esgoto. A auditoria para indicação para a ISO 14001 foi feita pela empresa americana ABS Quality Evaluations.

O Índice de Atendimento com Rede de Abastecimento de Água (IARDA) no município é de 100%, a capacidade total dos reservatórios de água é de 25.660m³ e a cidade possui duas estações de tratamento de água.

O Índice de Atendimento com Rede Coletora de Esgoto (IARCE) no município é de 68%, existem cinco estações de tratamento e a capacidade de tratamento é de 450 litros por segundo.

A limpeza pública no município de Foz do Iguaçu, atualmente é feita pela empresa Vital Ambiental, seus serviços constam em coleta de lixo, poda de árvores, roçada,

capina, coleta seletiva, orgânica e inertes, varrição manual e mecanizada, operação e manutenção do aterro sanitário. A coleta é feita diariamente na região central do município e periodicamente três vezes na semana nos bairros mais afastados, a coleta é alternada.

No sistema energético o abastecimento de energia elétrica no município é feito pela COPEL, que conta com cinco subestações, sendo duas de grande porte – Subestação Foz do Iguaçu e Subestação Vila Yolanda – e três de médio porte – Subestação Unioeste, Subestação Portal e Subestação Aeroporto – totalizando 240 MVA. O sistema de distribuição que atende a cidade na alta tensão o padrão de atendimento é de 13,8/34,5 kV e na baixa tensão fica em 127/220 volts.

No sistema de telecomunicações, o município conta com os serviços de três postos telefônicos que além da telefonia local, nacional e internacional, apresentam serviços como: acesso à internet, trabalhos de informática, scanner, gravação de CD, recebimento e envio de fax, banca de jornal e revista, fotos digitais e scanner.

Possui quatro empresas de telefonia celular: BRASIL TELECOM, TIM, CLARO e a VIVO, todas com serviços especializados aos clientes e turistas.

O município possui sete emissoras de rádio, sete de televisão e quatro jornais, todos com noticiários do município, da região, do estado, da nação e do mundo oferecendo também programas especiais para o turismo.

Existem duas operadoras de TV a cabo no município.

Existem 12 empresas que oferecem o serviço de internet junto com o de informática, que totalizam cerca de 181 computadores em funcionamento diariamente e mais da metade destas empresas ficam abertas além do horário comercial, domingos e feriados.

O município conta com 20 empresas prestadoras de serviços de propaganda, conferindo-lhe o status de um município de turismo de eventos.

O município conta com quatro agências dos correios, com serviços especializados para os turistas e clientes locais.

No sistema de segurança, o município encontra-se com órgãos de segurança nacional: uma Delegacia da Polícia Federal, com um núcleo para imigrantes, e dois postos cada um funcionando nas pontes que ligam o Brasil ao Paraguai e à Argentina. Uma Delegacia da Receita Federal, uma Central da Polícia Rodoviária Federal, a 4ª Companhia da Polícia Ambiental Força Verde (polícia florestal), o 34º Batalhão de Infantaria Motorizado (exército), um Destacamento de Controle do Espaço Aéreo de Foz do Iguaçu (aeronáutica), a Capitania Fluvial do Rio Paraná (marinha) e o SAMU (Serviços de Assistência Médica de Urgência).

Dos órgãos de segurança estadual: a 6ª Subdivisão Policial Civil de Foz do Iguaçu, o Centro de Atendimento Integrado ao Turista e à Mulher (polícia civil), o 14º Batalhão de Polícia Militar, o 1º Grupamento de Bombeiros Independentes e o SIATE (Sistema Integrado de Atendimento a Traumas e Emergências).

Dos órgãos de segurança municipal: a Guarda Municipal, a Secretaria Municipal de Cooperação para assuntos de Segurança Pública, a Defesa Civil e o CONSEFI (Conselho Comunitário de Segurança).

No sistema médico, o município conta com seis hospitais, todos com atendimento diariamente, totalizam cerca de 476 leitos. Um Centro de Especialidades Médicas que funciona como Pronto Socorro, duas farmácias 24 horas e 25 Postos de Saúde Municipais, que fazem o atendimento da população e triagem para os hospitais (anexo 6).

No sistema educacional, o município possui 55 escolas municipais com ensino de 1ª a 4ª série primária, sendo três especializadas no atendimento de deficientes (APAE), 28 escolas estaduais com ensino fundamental e médio, com regime regular e supletivo, e, 11 Colégios particulares com ensino fundamental e médio.

O ensino superior conta com oito entidades, sendo que apenas uma é pública. Possui nove centros de ensino profissionalizantes (anexo 7 e 8).

Após o estudo da origem, a ocupação do território, a fixação e características socioespaciais de nosso objeto de estudo, o município de Foz do Iguaçu, passaremos às considerações sobre a forma que se deu a influência do turismo na história do município.

3. O TURISMO NA HISTÓRIA DE FOZ DO IGUAÇU (influências do Brasil e do mundo) ⁸²

Durante a pesquisa até aqui realizada, retratou-se diversos momentos da realidade do turismo, no mundo, no Brasil e no município de Foz do Iguaçu. Quando se observam estes dados de forma cronológica muitas informações se cruzam trazendo à tona respostas e perguntas dos momentos históricos percorridos no processo da pesquisa.

No século XVI, após o descobrimento de nosso país, mais precisamente em 1542, já ocorre à primeira divulgação de conhecimento do espaço territorial que viria a se tornar o extremo oeste paranaense, os “Saltos de Santa Maria”, hoje conhecidos por Cataratas do Iguaçu. Momento ímpar na história do turismo no futuro do município. A região continuou seu percurso natural sem povoamento nem exploração por quase um século. (Observe no apêndice 1). Neste período acontecem no Brasil as corridas exploratórias, por parte de espanhóis e portugueses, procurando metais preciosos; na região sul, exploram a bacia do Prata. Na Europa é constituída a Companhia de Jesus como sociedade missionária, no intuito de educar e catequisar no novo mundo. Aos poucos vai se disseminando notícias sobre o Brasil, os jesuítas descrevem suas aventuras entre índios e colonos, procissões na selva, conversões, fugas, cenas de canibalismo, milagres, construções de igrejas e casas, expedições cercadas de perigos. As revelações mais extraordinárias são descritas na crônica de Hans Staden, onde com ilustrações de indígenas comendo pedaços de homens, deixa no imaginário europeu a ideia bárbara dos seres que habitavam o Brasil.

No século XVII, na Europa, o turismo já começava a tomar a forma pela qual conhecemos, quando começa o “*Grand Tour*”, que se tratava de viagens da nobreza para complementar os estudos adquiridos. Aqui no Brasil, iniciava a colonização por parte dos portugueses, através do regime das Capitânicas Hereditárias e das bandeiras conquistadoras e povoadoras do interior do país. Neste período é fundada, pelos portugueses, a Vila de Paranaguá, no Distrito de São Vicente,

⁸² Anexo 1 – Cronologia Histórica do Turismo em Foz do Iguaçu (influências do Brasil e do Mundo)

município que nos dias atuais se localiza no litoral do Paraná, enquanto que, no Oeste do Paraná, é através da *Província del Guairá* e pela atividade missioneira dos jesuítas, que a Coroa espanhola começa a destoar sua presença e seu campo de atuação (figura 3).

No século XVIII, ocorrem novos relatos de viajantes no Brasil que reclamavam da falta de estrutura de refeições e acomodações no Rio de Janeiro. No mesmo período, no oeste da região que viria a se tornar o Estado do Paraná, os Jesuítas se viram obrigados pelos bandeirantes portugueses a abandonar a região do *Guairá*, a presença portuguesa vai se impondo com os passar dos anos por todo território. A garantia de que este território seria português e integrado no mapa do Brasil se deu com o Tratado de Madri, celebrado entre Portugal e Espanha em 1750. Confirmando diplomaticamente as novas fronteiras entre os dois domínios, onde o Oeste paranaense é ratificado como português, sendo o rio Paraná a fronteira natural com as possessões espanholas. Na Europa, mais precisamente, na Inglaterra se abria o primeiro hotel familiar, contribuindo para modelar o que conhecemos da hotelaria no turismo dos dias atuais.

No século XIX, muitos fatos ocorreram no Brasil e no mundo. Na região do extremo Oeste do Paraná apenas no final do século começou um ensaio de povoamento com a colônia militar. A região estava no seu primeiro ciclo econômico (1870 até 1970) com a extração da madeira e erva-mate. No país, ocorre à chegada da Família Real portuguesa, o que traz um período de grande desenvolvimento. Com a abertura dos portos às nações amigas, começam as imigrações. Muitas famílias de imigrantes italianos, alemães e menos expressivamente judeus, árabes, sírios escolheram a região sul para se estabelecer. Um pouco antes da Independência do Brasil, proclamada por Dom Pedro I já havia alguns meios de hospedagem no Rio de Janeiro. Já seu sucessor, Dom Pedro II como visionário que era, apresenta na época muito interesse no desenvolvimento do país e instala o telégrafo no Brasil em 1852. Em 1853 é inaugurada a 1ª ferrovia brasileira pelo Barão de Mauá, no mesmo ano Dom Pedro II desmembrou o Paraná do estado de São Paulo. Em 1857 já é integrado o 1º sistema de esgoto do Rio de Janeiro. Em 1869 os hotéis em São Paulo e Rio de Janeiro começam a apresentar comodidades dignas da corte. Em

1879 é instalado o telefone no Brasil, e, em 1888, criou através do Ministério da Guerra no Rio de Janeiro, a Comissão Estratégica que deveria abrir uma estrada até a foz do rio Iguaçu. Neste clima de desenvolvimento em 1888 é proclamada a Lei áurea, o que não agrada aos grandes proprietários de terras e termina por incentivar a queda do trono português e, ainda antes de terminar o século é promulgada a proclamação da República, em 1889, por Marechal Deodoro da Fonseca. Estes dois últimos fatos obscurecem os relatos da Comissão Estratégica sobre as grandes quedas d'água encontradas na foz do rio Iguaçu (observe a convergência de fatos no apêndice 1).

Neste mesmo século, no mundo, houve uma grande evolução no tocante ao turismo, com a descoberta da máquina a vapor, o desenvolvimento dos transportes via trem, iniciam as primeiras viagens agenciadas, Thomas Cook, considerado pai do turismo moderno, lançando o embrião da 1ª agência de viagens em 1841. Também aconteceu o lançamento dos Traveller's Check agilizando os negócios, a inovação no serviço ferroviário com o vagão dormitório e o vagão salão em 1859, a invenção do Voucher e, ainda, é aberto o Canal de Suez no mediterrâneo em 1868, facilitando a navegação da Europa à Ásia. César Ritz, lendário na administração e serviços da hotelaria, lança o quarto com banheira, entremeio no período de 1864 a 1870 está ocorrendo na América do Sul a Guerra do Paraguai, motivo pelo qual levou o governo a se preocupar em colonizar a região Oeste do Paraná.

A guerra ocorreu num período caracterizado pela expansão da produção e das trocas inglesas e pelo aumento do número dos investimentos britânicos na região. O comércio brasileiro era quase todo feito com a Inglaterra: ela era o principal comprador de café e fornecia a maior parte dos produtos industrializados que se consumiam no Brasil. Além do comércio, as estradas, os bancos e muitas empresas eram de origem inglesas; portanto, os valores e os padrões ingleses acabaram por se impor como modelos para a sociedade brasileira.

Esta guerra que teve participação da Argentina, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai, só trouxe perdas para a América Latina, com os números de mortos em batalhas e o endividamento dos países com a Inglaterra.

Enquanto nosso país estava se equilibrando para recuperar a economia e voltar ao desenvolvimento, o turismo no mundo já apresenta a inauguração do 1º parque nacional do mundo, o Yellowstone National Park nos EUA, o 1º carro é inventado por Karl Benz em 1887, neste mesmo momento é criada na França a 1ª lei para ordenar e classificar lugares turísticos, antes de terminar o século XIX, no ano 1896, os Jogos Olímpicos são retomados em Atenas. Nesta primeira Olimpíada da Era Moderna, participam 285 atletas de 13 países, disputando provas de atletismo, esgrima, luta livre, ginástica, halterofilismo, ciclismo, natação e tênis. Os vencedores das provas foram premiados com medalhas de ouro e um ramo de oliveira. Começa a haver deslocamento de pessoas em massa para acompanhar os jogos.

No século XX, desponta com a delimitação das três fronteiras, Argentina, Paraguai e Brasil, com um Obelisco na fronteira brasileira, outro na Argentina. A do território paraguaio só é construída em 1948, os três são chamados de “Marco das Três Fronteiras”. Existe um fato curioso na construção dos três obeliscos que são ornamentados com as cores da bandeira nacional de cada país, a curiosidade é que os marcos brasileiro e argentino tem forma triangular, enquanto que o paraguaio é retangular. A explicação para tal diferença é que, os limites entre Brasil e Argentina naquele ponto, devido ao encontro dos rios Paraná e Iguazu, formam um triângulo em cada um desses países, e o Paraguai, por não ser banhado pelo rio Iguazu, tem no leito do Rio Paraná desenho reto.

O rio Paraná era a via de transporte mais utilizada na região, entretanto a única embarcação brasileira nestas águas era um vaporzinho da repartição aduaneira. Em 1910, é criada a Vila Iguassu distrito do município de Guarapuava no oeste do Paraná.

Figura 10 - Visão aérea das Três Fronteiras (Argentina, Paraguai e Brasil).



Fonte: fozdoiguacu.pr.gov.br – adquirido em 20 de maio de 2008.

O Brasil passava pela era das ferrovias na República Velha. Este período da História do Brasil é marcado pelo domínio político das elites agrárias mineiras, paulistas e cariocas. O país firmou-se como exportador de café, e a indústria deu um significativo salto. Na área social, várias revoltas e problemas sociais aconteceram nos quatro cantos do território brasileiro.

No Velho Mundo ocorreram as II Olimpíadas, em Paris na França, no limiar do início do século; em 1904, as olimpíadas ocorreram em Saint-Louis, nos EUA; os IV jogos olímpicos, em 1908, foram realizados em Londres na Inglaterra; os V jogos olímpicos, em 1912, foram em Estocolmo na Suécia. Algo que deve ter contribuído para o êxito desta última olimpíada foi que já havia sido criado na Europa, o *Office National du Tourisme* – informativo que trazia ao público, aspectos do turismo.

A cada olimpíada que ocorria apresentava um número de espectadores maior, aquecendo e desenvolvendo a indústria do turismo.

No Brasil, desde 1910 começam a chegar os imigrantes, por incentivo do governo, pois havia escassez de braços para as lavouras devido a Abolição da escravatura no final do século passado. Os transportes começam a se desenvolver e em 1911 ocorre o 1º voo no Brasil.

Em 10 de junho de 1914 é fundado o município de Vila Iguassu. Nesse momento da história, com o início da 1ª Grande Guerra, navegavam no rio Paraná 5 vapores, de nacionalidade argentina e paraguaia, o controle da navegação estava em mãos estrangeiras. Nesta guerra não houve um envolvimento da região, e as fronteiras não sentiram grande impacto. Devido às características naturais da região no ano seguinte da fundação do município já era aberto o 1º hotel que foi chamado de Hotel Brasil e em 1916 já tinha a sua 1ª visita ilustre: Santos Dumont - este visitante se torna muito importante para o turismo na região, pois é ele quem desponta ao governo a importância das Cataratas para o país. Não tardando, no mesmo ano, o governo do Estado desapropria as terras e cria um parque e uma povoação nas áreas circundantes das Cataratas. Em 1917 o município de Vila Iguassu é elevado a Comarca do Iguaçu, em 1918 é lançada a 1ª edição do jornal, por Moisés Bertoni e, em 1920, é inaugurada a estrada que ligava Foz do Iguaçu à Guarapuava. Iniciando aqui o primeiro fluxo de visitantes ao município, se tratavam de comerciantes, mas ainda havia dificuldades de travessia e comunicações com a região, porém aos poucos o país começa a ouvir da maravilha que são as Quedas das Cataratas do Iguaçu.

Neste período em que ocorreu a 1ª Guerra no mundo é criada na Europa, mais preciso na França, a “*Chambre D'hôtellerie*”, estrutura nacional de turismo que foi criada para solucionar problemas advindos das empresas hoteleiras. Em 1920 ocorre às olimpíadas da Antuérpia, dois anos após o fim da Primeira Guerra Mundial, em um cenário de destruição, a Antuérpia teve que se virar como pode para abrigar o evento, o adiamento, devido ao cancelamento das olimpíadas de 1916, deu ao Brasil a chance de se preparar melhor para conseguir uma boa campanha na sua estreia nas Olimpíadas. O desenvolvimento mundial nos transportes continua e em 1921 já começa o protótipo do 1º ônibus, agora com motor e não mais puxado a burros ou fixado na eletricidade, em 1924 ocorre às

olimpíadas de Paris na França, quando o número de países participantes chegou a 44, recorde até então. Paris-24 marcou também as primeiras transmissões radiofônicas ao vivo para a Europa. Marcando o desenvolvimento crescente também nas comunicações. Algumas dessas transmissões foram feitas de um balão em pleno ar. O evento contou ainda com a cobertura de aproximadamente mil jornalistas do mundo todo. O número de espectadores também cresceu - cerca de 625.000 em toda a competição.

O mundo está em evolução para com o turismo, saindo da era dos trens e passando para a era do automóvel motorizado, o rádio em expansão. Com o desenvolvimento dos transportes e das comunicações o turismo passa a ganhar espaço. Mussolini, na Itália, em 1925, incorpora a "*Dopo Lavoro*" na Carta do Trabalho, técnica de preencher o tempo livre dos trabalhadores com lazer, muito utilizada pelos regimes totalitários. Em 1928 ocorrem às olimpíadas de Amsterdã, apesar de 16 esportes inscritos, o Brasil não teve um atleta sequer participando do evento, que contou com 2.883 atletas inscritos (2606 homens e 277 mulheres). Pela primeira vez na história, pombas brancas foram soltas pelo ar para representar a paz no mundo.

O mundo entra em recessão econômica em 1929, a economia mundial entra em colapso. O fato de que já nessa época os Estados Unidos ocupavam uma posição hegemônica na economia capitalista mundial, como maior potência industrial e financeira, foi determinante para que a crise assumisse proporções mundiais. A repatriação de capitais norte-americanos, associada à brusca redução das importações pelos Estados Unidos, repercutiu fortemente na Europa, gerando uma crise industrial e financeira sem precedentes e o crescimento vertiginoso do desemprego. A crise também teve severos efeitos na América Latina, cuja economia agroexportadora foi altamente afetada pela retração nos investimentos estrangeiros e a redução das exportações de matérias-primas.

O Brasil sente os sintomas da Recessão econômica mundial, em 1922 começa a expansão do rádio no país, na década de 20 o governo está incentivando a criação de grandes hotéis e, em 1922 é inaugurado o Copacabana Palace no Rio de Janeiro, o correio aéreo começa a funcionar em 1925, iniciam-se os serviços da

aviação comercial com o surgimento da VARIG e do Sindicato CONDOR, em 1929 o serviços da PANAIR. Com os problemas da economia, a crise de 1929 afetou profundamente a economia brasileira. A queda do preço café, reduzido a 1/3 de seu valor entre 1929 e 1931, provocou uma redução dramática da capacidade de importar e das receitas fiscais, além de ameaçar de falência o mais importante setor econômico do país, a já endividada cafeicultura. De outro lado, a interrupção dos fluxos financeiros internacionais inviabilizava o financiamento da dívida externa dos governos federal e dos estados e até mesmo o pagamento dos juros, o que tinha repercussões negativas sobre a taxa de câmbio. Diante desse quadro, a resposta inicial do Governo Provisório de Vargas, a par de medidas extremas e inevitáveis, como a suspensão dos pagamentos externos (setembro de 1931) e o estabelecimento do monopólio do câmbio pelo Banco do Brasil, seguiu linhas tradicionais. Procurou-se cortar despesas, negociar pontualmente as dívidas da cafeicultura e buscar um acordo com os credores externos.

Em Foz do Iguaçu entre 1924 e 1925 as tropas revolucionárias da Coluna Prestes ocupam o município. Por quase um ano parte considerável da população de Foz do Iguaçu viveu refugiada na Argentina e no Paraguai. Os revolucionários deixaram de lembrança o desmantelamento de muitas *obrages* e libertaram os *mensus* que por lá se encontravam trabalhando em estado quase servil.

Em 1932, é criado o quartel da Companhia Isolada de Foz do Iguaçu, forças militares para diminuir o medo da população e retomar o povoamento. Em 1933 é criada a Delegacia da Capitania dos Portos do rio Paraná, marcando o meio de transporte mais utilizado na região, o marítimo. Neste clima de desenvolvimento, é criado em 1935, o 1º campo de pouso, para aviões leves, o que começa a trazer turistas para o município novamente. Decorrente, em 1935 surge o Hotel Cassino e, em 1938 começam as obras do 1º aeroporto de Foz, neste mesmo ano é inaugurada a Santa Casa Monsenhor Guilherme, apresentando uma estrutura para a recepção de doentes. Em 1939, é criado o Parque Nacional do Iguaçu – PNI⁸³.

⁸³ Foi no ano de 1876, o engenheiro André Rebouças faz a primeira proposta ao Imperador D. Pedro II sobre a criação do Parque Nacional. Em 1916, Santos Dumont, ao conhecer as Cataratas do Rio Iguaçu, ficou tão impressionado com a sua beleza que pressionou com o seu prestígio o então governador da província, para que ali fosse criado um Parque Nacional. O local que era então propriedade particular é declarado local de interesse público. Em 1930, foi ampliada a área desapropriada em 1916, para criar o Parque Nacional do Iguaçu.

Ao se desenvolver o município no quesito segurança, transporte, comunicação aos poucos à população começou a ver o desenvolver do turismo também.

No Brasil, na década de 30 continua o desenvolvimento nos transportes, com o início dos serviços da companhia de aviação VASP e, nas comunicações, em 1935 com o telefone público. Em 1937 ocorre a Constituição do Estado Novo, sendo um período autoritário da nossa história, que durou de 1937 a 1945. Nesse período são realizadas as migrações de brasileiros para o Oeste do país, chamadas de “Marcha para o oeste”, no intuito de povoar esta região.

No mundo, apesar da Recessão Econômica, eventos turísticos continuam a ocorrer. Em 1930 é lançado o torneio de futebol mais importante a nível mundial, a Copa do mundo, depois da Olimpíada de 1928, a FIFA decidiu realizar sua própria competição internacional de futebol fora das Olimpíadas reunindo atletas profissionais. Nascia assim a Copa do Mundo de futebol. Em 1932, ocorre às olimpíadas em Los Angeles nos EUA, a crise da bolsa de 29 fez o mundo duvidar do poderio econômico dos EUA e a economia norte-americana só começaria a se recuperar em 1933. No esporte, porém, a resposta veio já em 1932, com os Jogos Olímpicos de Los Angeles. Apesar do crash da bolsa de valores de Nova York em 1929, não faltou dinheiro para organizar os Jogos. Graças ao patrocínio da prefeitura de Los Angeles e o apoio da iniciativa privada, várias instalações foram construídas ou reformadas. Os norte-americanos já apresentam a importância econômica do turismo gerado com os jogos.

Em 1935, Hitler, ditador da Alemanha, imita Mussolini e institui o Kraft Durch Freude, norma que regulamenta as folgas dos trabalhadores alemães, mas com ressalvas. Diversas colônias de férias foram organizadas para os trabalhadores na região da Bavária e litoral. Os alemães são convidados de maneira direta a não deixarem seu país durante as férias, para evitar uma possível “contaminação ideológica dos produtos culturais dos judeus”.

Em pleno período fascista a Itália organizou a segunda edição da Copa do Mundo. A Copa do Mundo 1934, que teve a campeã Itália fazendo a saudação fascista em seus jogos.

Berlin foi eleita para receber os Jogos Olímpicos de 1936 cinco anos antes, quando o nazismo ainda não tinha chegado ao poder na Alemanha. Com a ascensão do 3º Reich, porém, o Comitê Olímpico Internacional (COI) tentou tirar os Jogos dos alemães, sem sucesso. Os norte-americanos, inclusive, programaram os Jogos Alternativos em Barcelona, cancelados devido à Guerra Civil Espanhola.

Um ano antes de Berlim-36, o Brasil ainda não sabia qual a entidade responsável pela organização da equipe que iria à Alemanha. Após todo esse conflito, o Brasil foi para a Alemanha com 95 atletas (sendo seis mulheres), o maior número até então. Nas competições, os brasileiros mais uma vez ficaram sem medalha. Foi a última vez que o Brasil saiu de uma Olimpíada sem nenhuma conquista.

Depois da Itália em 1934, a Copa do Mundo voltaria a ser disputada na Europa em 1938, na França. Isso causou revolta aos sul-americanos, que achavam que deveria haver rodízio entre a Europa e América do Sul. Isso levou Uruguai e Argentina a não participarem da competição. Outros países das Américas também desistiram de participar das eliminatórias e como resultado o continente foi representado apenas por Brasil e Cuba.

É deflagrada a 2ª Grande Guerra. Esse fato reduz o turismo mundial e a Europa é palco de atrocidades. Ao seu término, em 1945 foi aprovada a Carta das Nações Unidas, onde é constituída a ONU – Organização das Nações Unidas. Com o advento da ONU, o turismo passou a desempenhar papel deveras importante, sendo visto como forma de intercâmbio cultural, tendo ficado, em primeiro plano, a cargo da UNESCO a seara turística, sendo posteriormente criada em 1975 a OMT.

No Brasil, durante a 2ª Guerra, o presidente Eurico Gaspar Dutra proíbe os jogos de azar, através de Decreto-Lei n. 9215/46, dificultando a vida de estabelecimentos hoteleiros que estavam investindo em grandes cassinos. O ato da criação do

Ministério da Aeronáutica, em 1941, estabeleceu, desde logo, condições para o desenvolvimento da Força Aérea Brasileira. Passaram a pertencer ao novo órgão, os elementos existentes nas aviações do Exército, da Marinha e do Departamento de Aeronáutica Civil.

Em Foz do Iguaçu, ocorre na década de 40 à frente de povoação sulista, com este impulso populacional o Ministério da Aeronáutica vem a inaugurar o Aeroporto do Parque Nacional do Iguaçu, assim batizado, com sua pista de terra e o terminal de passageiros construído pelo Ministério da Agricultura em terreno do Ministério do Exército. Serviu até 1967, já sem condições de expansão para receber aviões de maior porte, pois o turismo já crescia no transporte aéreo civil mais rápido que o comercial na região. Entre 1943 e 1946, houve o Território Federal do Iguaçu, criado pelo então presidente Getúlio Vargas. No período histórico conhecido como Estado Novo, sendo sua abrangência, o Oeste e Sudoeste do Paraná e a região Oeste de Santa Catarina, correspondendo a 65.854 quilômetros quadrados. O governo federal criou o Território Federal do Iguaçu, estabelecendo seus limites territoriais.

O Território Federal do Iguaçu foi extinto em 18 de setembro de 1946 quando o Projeto se encontrava em fase de estudos técnicos. Segundo Lopes, "o Território Federal do Iguaçu foi extinto antes mesmo que houvesse tido tempo para a devida implementação do conjunto de ações planejadas inicialmente" (LOPES, p.148).

O Brasil lidera a aviação em 1947, um marco na América Latina.

As Olimpíadas de Londres, em 1948, foram à resposta do Movimento Olímpico para a Segunda Guerra Mundial. Após um intervalo de 12 anos, um conflito mundial que deixou um saldo de 20 milhões de mortos, os Jogos Olímpicos só renasceram graças ao entusiasmo de alguns membros do COI (Comitê Olímpico Internacional). Depois de três Olimpíadas sem conquistar medalha, o Brasil finalmente voltou ao pódio com a seleção masculina de basquete, que ganhou a medalha de bronze. Foi a primeira do Brasil em esportes coletivos.

Em 1949 foi vendido o 1º pacote aéreo no mundo, e, já em 1957 o turismo aéreo tornava-se o preferido em detrimento do turismo náutico, tendo em vista o tempo de deslocamento e também pela introdução das tarifas turísticas e econômicas pelas empresas aéreas.

Em 1950 o Rio de Janeiro é escolhido como sede da Copa do mundo, depois de 12 anos, devido à interrupção por causa da Segunda Guerra Mundial. Para a Copa do Mundo 1950 foi construído o Estádio do Maracanã, que contou com a participação de 13 seleções. Na época, era o maior estádio de futebol do mundo. Neste ano, o governo decide investir no sistema rodoviário como principal via de transportes. É inaugurada a TV TUPI, 1ª empresa televisiva brasileira.

Ainda durante as Olimpíadas de 32, em Los Angeles, EUA, inspirados pela realização dos primeiros Jogos Centro-Americanos, alguns representantes de países latino-americanos no Comitê Olímpico Internacional (COI) propuseram a criação de uma competição entre todos os países das Américas, com o intuito de desenvolver o esporte na região. Esse espírito acabou dando origem ao I Congresso Esportivo Pan-americano, em Buenos Aires, no ano de 1940. Buenos Aires foi confirmada como a primeira sede dos Jogos Pan-Americanos, que se realizaram, por fim, no ano de 1951.

Os Jogos Pan-americanos foram crescendo de tamanho e importância a cada edição. Menos de cinquenta anos depois, o evento dobrou o número de países participantes, atletas e modalidades, tornando-se uma das principais competições do calendário esportivo mundial. E fluxo de turistas na América - latina seguiu crescendo com os jogos.

Diversos torneios e campeonatos começam a fazer parte da vida mundial, a partir de meados do século XX, como seguem: em 1952, a cidade de Helsinque, na Finlândia recebeu os Jogos Olímpicos. Em 1954, a Copa do Mundo na Suíça; em 1955, o Pan-americano no México; em 1956, as olimpíadas em Melbourne; em 1959, o Pan-americano em Chicago nos EUA; em 1960 as olimpíadas em Roma na Itália.

Não obscurecendo, a década de 50 foi chamada de a Era do Jato, devido ao desenvolvimento dos aviões neste período, pois em 1957 o turismo aéreo já era o mais utilizado no mundo.

No Brasil, nesta década, começa a se consolidar o turismo sendo que em 1953 é criada a ABAV, os agentes de turismo já procuram incentivar e fortalecer o turismo no país. Em 1958 é criada a Combratur, que foi responsável por coordenar, planejar e supervisionar a atividade turística. Em 1960 é inaugurada Brasília – a capital do país, única na história do mundo a ser criada para esta finalidade, uma cidade erguida no meio do nada.

Em Foz do Iguaçu é lançada a pedra fundamental da obra da ponte da Amizade, ligando Brasil com o Paraguai. A Ponte foi fator decisivo de atração de investimentos e negócios entre os dois países. Foi importante para o surgimento de um fortíssimo comércio exportador de Foz do Iguaçu. E, para o Paraguai teve a importância que significou simplesmente o nascimento da cidade de Puerto Stroessner, hoje Ciudad del Este, o segundo maior centro urbano do Paraguai. Em 1957 já é utilizada a 1ª taxa de turismo municipal em Foz do Iguaçu e devido ao número elevado de hotéis que começam a se instalar no município, em 1960 é constituído o Conselho Municipal de Turismo, órgão que na época fiscalizava a atividade e seus segmentos.

Ainda em 1960 são desmembrados de Foz do Iguaçu os municípios de Matelândia e Medianeira e, em 1961 o município de São Miguel do Iguaçu, deixando o território da cidade de Foz do Iguaçu com menos da metade de seu espaço, e, mais importante de ser avaliado é que de acordo com o IBGE, em 1960 o número de habitantes nesta região era de 28.212. Apesar dos desmembramentos territoriais não houve redução de habitantes, o motivo que levou as emancipações dos distritos foi de que eles não estavam se desenvolvendo como a região de Foz do Iguaçu e a suas economias estavam baseadas na agricultura enquanto que na cidade era o turismo.

No Brasil, com os incentivos às estradas de rodagem, em 1961 já havia uma indústria de veículos automotores em funcionamento. Em 1962 é criada a Divisão de

Turismo e Certames do Ministério de Indústria e Comércio, que denota a difusão das bases do turismo nacional a partir deste momento.

Em 1963 ocorre os Jogos Pan-americanos em São Paulo no Brasil, em 1964 o país já possui comunicação via-satélite.

No mundo, a partir de 1960 começam a funcionar as operadoras turísticas e na década de 70, a preocupação com o meio ambiente tornou-se evidente, sendo necessário o cuidado e a preservação dos recursos naturais ao mesmo tempo surgiram às primeiras discussões sobre a poluição por turismo.

A Copa do Mundo de 1962 ocorre no Chile, os Jogos Pan-americanos. Em São Paulo no Brasil, em 1964 as olimpíadas em Tóquio no Japão, em 1966 a Copa do mundo na Inglaterra, em 1967 os Jogos Pan-americanos em Winnipeg, no Canadá, em 1968 as olimpíadas no México, em 1970 a Copa do Mundo no México, em 1971 os Jogos Pan-americanos em Callé, na Colômbia, em 1972 as olimpíadas ocorrem em Munique na Alemanha⁸⁴, em 1974 a Copa do Mundo ocorre na Alemanha, em 1975 os Jogos pan-americanos no México – Neste ano é criada a OMT – em 1976 as olimpíadas em Montreal no Canadá, em 1978 a Copa do Mundo na Argentina; em 1979 os Jogos Pan-americanos em Puerto Rico; em 1980 as Olimpíadas em Moscou – URSS; em 1982 a Copa do mundo na Espanha; em 1983 os Jogos Pan-americanos na Venezuela; em 1984 as olimpíadas em Los Angeles nos EUA.

O que se observa, no mundo, é que há um deslocamento de pessoas em vista dos jogos; em 1986 a Copa do mundo no México; em 1987 os Jogos Pan-americanos em Indianápolis nos EUA; em 1988 as olimpíadas em Seul na Coreia.

De 1964 até 1984, o Brasil passa pela ditadura militar. O turismo está em fase de crescente desenvolvimento no país, sendo chamada a fase de *“tourism boom”*, neste período em 1966 é criada a EMBRATUR e a CNTUR, que visavam formulação de

⁸⁴ Com a participação recorde de 121 nações e 7 134 atletas, foram organizados pelos alemães para celebrar a paz e nos seus primeiros dez dias a competição esportiva de alto nível ali realizada maravilhou o mundo. Mas na madrugada do dia 5 de setembro, o grupo terrorista Setembro Negro invadiram a vila olímpica, mataram dois membros da equipe de Israel e fizeram outros nove de reféns. O que se seguiu, com a paralisação temporária dos Jogos e a morte de todos os reféns israelitas, ficou conhecido como o Massacre de Munique.

políticas, criação de diretrizes, estipulação de normas e regulamentos, execução e aplicação das determinações nas atividades do turismo. Em 1968 o 1º caderno de viagens é lançado por um jornal no Brasil – A Folha de São Paulo, no mesmo ano começam as obras do metrô de São Paulo. Em 1970 o país investe e incentiva a melhora do transporte coletivo e abre a utilização da internet a nível acadêmico. Abrem-se as portas, em 1971, em São Paulo a 1ª Rede Hoteleira Internacional no Brasil – São Paulo Hilton. Em 1972 começam a funcionar no país os “orelhões”, telefones públicos distribuídos em todo o país. Em 1974 é inaugurado o metrô de São Paulo. Em 1983, ainda na Ditadura Militar, surge o Pager, sistema de comunicação individual de texto.

Em Foz do Iguaçu, durante a ditadura militar, teve expressivo desenvolvimento no quesito de transportes, comunicações e infraestruturas, como seguem: em 1965 é inaugurada a Ponte Internacional da Amizade; em 1966 é assinado acordo entre Brasil e Paraguai para a utilização das águas do rio Paraná na construção de uma Usina Hidroelétrica – Itaipu; em 1968 o município passa a ser considerado de Segurança Nacional, por sua localização fronteiriça; em 1969 é inaugurada a BR 277, agora asfaltada; em 1970 continuam as negociações entre Brasil e Paraguai, onde é assinado convênio de Cooperação entre a Comissão Mista, a Eletrobrás – BR e a ANDE – PY; neste período o município de Foz está em crescimento populacional, de acordo com o IBGE, em 1970, já existem 33.966 habitantes.

Este crescimento populacional se acelera nestas próximas décadas, ocorrendo uma explosão demográfica no município, o que faz com que Foz do Iguaçu se infraestruire muito rápido. Vamos ver os motivos que levam a isso: em 1971 é assinada a Declaração de Assunção, sobre o aproveitamento do rio Paraná; o aeroporto é transferido do centro da cidade para sua atual localização na estrada das Cataratas; é assinado o tratado de Itaipu no mesmo ano; em 1974 é constituída a Itaipu Binacional; o ministério da aeronáutica passa a administração do aeroporto para a INFRAERO; em 1975 é criado o Sindicato dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de Foz do Iguaçu; em 1977 é criada a Associação Brasileira dos Agentes de Viagem e do Conselho Municipal de Turismo, neste mesmo ano começa o programa faunístico da Itaipu; em 1978 ocorre o desvio do rio Paraná, a criação da

COoperativa de ARTesinato; em 1980 é criado o SEHT, criada a Secretaria Municipal de Turismo e o CRV-Centro de Recepção de Visitantes da Itaipu. Nesta década o município começa com 136.321 habitantes, um crescimento ocasionado pelas obras de Itaipu, que impressiona, começa o turismo de compras nas lojas do Paraguai.

Com o crescimento populacional, o município necessitou de diversas infraestruturas, de base: como água encanada, esgoto, coleta de lixo, hospital, escola, etc. Mais um dos distritos do município conseguiu emancipação, Santa Teresinha do Itaipu se separa no início de 1982. Inicia-se no mesmo ano a formação do lago de Itaipu, deixando o território do município muito reduzido.

Pode-se, também observar no anexo 9 o Mapa Genealógico dos Municípios Paranaenses, do autor Calil Padis e, a alteração feita pela autora para mostrar a evolução dos desmembramentos no município de Foz do Iguaçu no apêndice 2⁸⁵.

Neste momento a imigração se torna atrativa para a região, pois a área comercial na fronteira paraguaia começa a ganhar força, o que faz com que muitas nacionalidades venham a adotar Foz do Iguaçu como domicílio. Em 1983 é fundada a mesquita Mulçumana Omar Ibn Al-Khatab, em 1984 é lançada a pedra fundamental para a construção da ponte da Fraternidade entre Brasil e Argentina, neste mesmo ano é acionada a 1ª turbina de Itaipu, com geração de energia para o Paraguai; Em 1985 é criado o curso de Turismo na FACISA e inaugurada a Ponte Tancredo Neves, em 1986 é tombado o Parque Nacional do Iguaçu pela UNESCO, em 1987 é criado o Ecomuseu de Itaipu, é criada neste momento uma nova taxa de turismo; em 1989 iniciam-se as obras do Centro de Convenções da cidade, é criado o Teletur, sistema de informações para os turistas, é inaugurado o aeroporto internacional, criado o SINDETur e a FOZTUR.

Na década de 90 até o século 21 continuam no mundo os jogos: em 1990 a Copa do Mundo na Itália, em 1991 os Jogos pan-Americanos em Havana – Cuba, em 1992 as olimpíadas de Barcelona – Itália, em 1994 a Copa do Mundo nos EUA, em 1995,

⁸⁵ Visualmente pode ser melhor observado nas figuras: 5, 7, 8 e 9 no decorrer do trabalho.

os Jogos Pan-Americanos em Mar Del Plata na Argentina, 1996 as olimpíadas em Atlanta nos EUA⁸⁶, em 1997 ocorre a crise econômica na Ásia; em 1998 a crise econômica na Rússia e a Copa do Mundo na França, em 1999 os Jogos Pan-Americanos no Canadá e a Crise na Bolsa de Valores de Nova York, no Brasil, ocorre a crise cambial brasileira, em 2000 as olimpíadas em Sydney na Austrália, em 2001 ocorre o ataque terrorista em New York, em 2002 a Copa do Mundo é realizada na Coreia e no Japão, no fim deste ano os EUA declaram Guerra ao Iraque, em 2003 os Jogos pan-americanos na República Dominicana, em 2004 as olimpíadas em Atenas na Grécia, neste mesmo ano a Indonésia sofre com o Tsunami, em 2006 a Copa do mundo na Alemanha, em 2007 os Jogos Pan-Americanos se realizam no Rio de Janeiro no Brasil, e em 2008 as olimpíadas são realizadas em Pequim na China.

Foz do Iguaçu em mesmo momento enfrenta a influência da crise econômica na Argentina, com a dissolução de diversos hotéis, mesmo neste quadro o governo municipal junto com o poder privado continua a injetar ânimo, ocorre em 1990 à criação da ABIH. É realizada a 1ª assembleia geral da Foztur, onde é feita a regulamentação da preservação do patrimônio natural e cultural do município; em 1991 já é inaugurada a 18ª turbina da Itaipu, esta agora trabalhando com sua atividade máxima, é inaugurada a Rodoviária Internacional e criada nova taxa de turismo, neste ano em março: Sancionada a Lei nº 7.640, estabelecendo normas para concessão de alvará de localização para as atividades de agências de turismo; em abril: A Princesa de Gales, Diana Spencer, visita as Cataratas do Iguaçu; em maio: O Príncipe Joachim, da Dinamarca, visita a Usina Hidrelétrica de Itaipu e as Cataratas do Iguaçu e, é inaugurado o Posto de Informações Turísticas e Casa do Ingresso; em 2001, em maio: Inauguração da Usina Hidrelétrica de Itaipu, com o término da construção da 18ª turbina, pelos Presidentes Fernando C. de Mello, do Brasil, e Andrés Rodrigues, do Paraguai; em mesmo mês houve a visita às Cataratas do Príncipe Takamado e a Princesa Hisako, do Japão; em setembro: Instalada a Diretoria Regional da ABAV; em novembro: Sancionada a Lei nº 1.614, que institui a obrigatoriedade de afixação de placas indicativas nos idiomas

⁸⁶ Na madrugada do dia 27 de julho, uma explosão no Parque Centenário, no centro da cidade, deixou dois mortos e mais de 100 feridos. O incidente gerou uma onda ainda maior de críticas aos Jogos, já que a presença de 35 mil soldados e o FBI não impediu o ato terrorista.

português, inglês e espanhol nos locais turísticos do município; em 2002, em junho: Inauguração da Rodoviária Internacional de Foz do Iguaçu, localizada na Avenida Costa e Silva.

Em outubro de 1994 é inaugurado o Parque das Aves. Em dezembro, com a publicação da Portaria nº 1.784-A, do Ministério da Educação, a FACISA foi reconhecida como Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, juntamente com as Faculdades de Marechal Cândido Rondon, Toledo e Cascavel. É inaugurado em junho de 1996 o Zoológico Bosque Guarani. Em julho é fundado o Templo Budista de Foz do Iguaçu.

A escolha do mascote turístico de Foz do Iguaçu, o “Quati”, é decidida em 1997. Em janeiro do mesmo ano é inaugurado o Espaço das Américas. E em junho a inauguração é do Iguassu Convention & Visitors Bureau.

A inauguração do Terminal Turístico Três Lagoas (1ª etapa) é realizada em janeiro de 1998, em dezembro, através da lei nº 2.184, é proposta a extinção da FOZTUR, sendo suas atribuições transferidas para a Secretaria Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico recém-criada.

Em fevereiro de 1999 é inaugurado o Centro de Lazer, Cultura e Gastronomia Iguassu Boulevard. De junho a julho é realizada a Copa América no Paraguai, ocasião em que Foz do Iguaçu hospedou as seleções do Brasil, México e Chile. Em setembro é feita a implantação do sistema toll free no Teletur – 0800 45 1516. E em dezembro deste ano é inaugurado o Centro Integrado de Apoio ao Turista e à Mulher.

No ano de 2000 ocorre a inauguração do Parque do Monjolo. Em abril a inauguração da Trilha Ecológica “Sargento Max Wolf Filho”, localizada no interior do quartel do 34º Batalhão de Infantaria Motorizado, fechada em outubro de 2001. Em dezembro é inaugurada a 1ª Fase das obras de revitalização do Parque Nacional do Iguaçu.

Em janeiro de 2001, a Secretaria Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico foi dividida em Secretaria Municipal de Turismo e Secretaria Municipal de Indústria e Comércio, através da Lei nº 2.362. No mesmo ano, em maio é feita a mudança da sede da Secretaria Municipal de Turismo do Edifício Classic para o antigo prédio da Câmara Municipal, na Praça Getúlio Vargas. E em agosto o município de Foz do Iguaçu recebe visitas ilustres: Presidente Fernando Henrique Cardoso; 1º Ministro da Inglaterra, Tony Blair; Presidente da Argentina, Fernando De La Rúa. E no mês de agosto a visita do Presidente da Eslováquia, Rudolf Schuster.

Em abril do ano de 2002, Foz do Iguaçu recebe a visita do Presidente da Polônia, Aleksander Kwasniewski, juntamente com o Presidente Fernando Henrique Cardoso. No mês de setembro é inaugurado o Parque dos Peixes Cataratas. Em dezembro é reinaugurado o Ecomuseu de Itaipu, e realizada a grande inauguração da Iluminação Monumental de Itaipu, complementando o Complexo Turístico de Itaipu.

No ano de 2003, são realizados os festejos do centenário do Marco das Três Fronteiras, completando os 100 anos de demarcação da fronteira entre Brasil e Argentina.

Em janeiro de 2004 é convidado o maior alpinista brasileiro, o paranaense Waldemar Niclevicz, em visita ao Parque Nacional do Iguaçu para a inauguração do Espaço Naipi, elevador panorâmico e travessia de tirolesa na Garganta do Diabo.

Em março de 2007, ocorre a visita do presidente alemão Horst Köhler a Foz do Iguaçu. Em maio, a visita dos presidentes Luís Inácio Lula da Silva, do Brasil, e Nicanor Duarte Frutos, do Paraguai, para inauguração das duas últimas turbinas da Usina de Itaipu. E em junho, é a vez da visita à Usina de Itaipu começar a ser cobrada com o objetivo de manter o Complexo Turístico autossustentável.

CONCLUSÃO

Considerando a temática exposta, procuramos apresentar o contexto histórico do município de Foz do Iguaçu em seis séculos. Tarefa árdua, porém necessária, e que pouco agrada aos estudiosos. Evidentemente os fatos relatados são apenas noções de uma história conjuntural, quase estrutural. Na prática, uma história de espanhóis, de portugueses, de indígenas, jesuítas, obrageros, mensus, de revolucionários, de colonos e de migrantes.

As ocorrências históricas significativas que marcaram o processo de desenvolvimento de Foz do Iguaçu se apresentaram em ondas, a primeira ocorreu após a passagem de Santos Dumont nas Cataratas do Iguaçu, sua segunda onda de desenvolvimento só veio a se concretizar entre 1935 e 1940, com a construção da pista de pouso, o hotel Cassino e a Criação do PNI. Na década de 1950 começam os desmembramentos dos distritos de Foz do Iguaçu, reduzindo aos poucos o espaço territorial do município. Outra onda de desenvolvimento do turismo no município foi na inauguração da BR-277, quando iniciou, no país, o incentivo às rodovias, sendo que este momento realmente expandiu o turismo no município. A partir da década de 1970 o município começou a viver a explosão demográfica decorrente das obras de Itaipu, o que auxiliou na infraestruturação do município, tanto para a população como para o turismo. No decorrer da década de 1980 as exportações e o turismo de compras movimentaram a economia da região somente diminuindo com o advento do MERCOSUL, quando a polícia e a Receita Federal se tornou mais rígida na fiscalização ao contrabando e ao tráfico de drogas na fronteira.

Mesmo com estes últimos eventos, Foz do Iguaçu goza das vantagens de sua localização estratégica no MERCOSUL, possuindo perspectivas otimistas de crescimento econômico, com a atração de novos investimentos e consolidação de empresas que poderão usufruir desse nicho de mercado, até então pouco ou informalmente explorado.

A expansão de cursos superiores na cidade, além do fator de atração de jovens e profissionais especializados, possibilita também a constituição de um polo tecnológico, referencial para os novos momentos que estamos vivendo.

Foz do Iguaçu possui uma das Maravilhas da Natureza, as Cataratas do Iguaçu, a maior do mundo. É e sempre será o ponto forte de atratividade do turismo no município, apesar de ter-se inventado e construído novos atrativos turísticos. Como sendo o ponto de maior desenvolvimento turístico do município, atenta-se a dificuldade do poder público em ver realmente este ponto forte, há iniciativas em novos produtos turísticos em toda a história da região, desde a criação do Parque Nacional do Iguaçu, há a necessidade de se investir mais na tradição da Terra das Águas que é Foz do Iguaçu.

Pode-se observar, quando se fala em Terra das Águas é que Foz do Iguaçu possui sua delimitação territorial por dois rios, o **Iguaçu** onde se localizam as Cataratas – ponto forte de atração turística da região –, e o **Paraná** onde está a hidrelétrica de Itaipu – ponto forte de atração turística tecnológica – e, seu posicionamento de **Tríplice Fronteira** – ponto forte de atração de turismo de compras, cruzando os rios.

Como no início deste trabalho é reforçado que muitos dos dados históricos do município se perderam no decorrer dos anos. Mas é possível mostrar a realidade local mediante ao desenvolvimento turístico, observando que sempre o marco principal do turismo na região foram as Cataratas do Iguaçu. O município de Foz do Iguaçu ainda é um marco do turismo internacional no território brasileiro e, muito ainda se tem que investigar para melhorar a qualidade de vida socioeconômica da região.

Os visitantes que chegam ao município de Foz do Iguaçu, na Tríplice Fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, se surpreendem com a cultura das 80 etnias que compõem a população local. A região é exemplo para o mundo de convivência pacífica entre povos de diferentes costumes e nacionalidades. Os traços dessa variedade cultural se refletem nos hábitos peculiares - religião, vestuários, alimentação e línguas - encontrados somente nesta fronteira. Brasileiros, argentinos,

paraguaios, árabes, chineses e coreanos adaptam-se para se comunicarem com descendentes de alemães, italianos, japoneses e portugueses. Essa conjugação de línguas e costumes é formada por cinco cidades: uma na Argentina (Puerto Iguazú), quatro no Paraguai (Ciudad del Este, Presidente Franco, Hernandárias e Minga Guazú) e uma no Brasil (Foz do Iguaçu). São 800 mil pessoas que vivem num raio de 20 a 30 quilômetros. Isso sem contar as cidades brasileiras de Santa Terezinha de Itaipu, São Miguel do Iguaçu e Medianeira, próximas a Foz, entre 10 e 40 quilômetros, que somam uma população de 82 mil moradores, o que eleva o total de habitantes da região para 882 mil.

A presença de argentinos e paraguaios em Foz foi identificada já na época da formação da colônia militar, no século XIX. Atualmente, eles são parte integrante do município.

Entre as décadas de 40 e 70, gaúchos e catarinenses e posteriormente cariocas, paulistas, mineiros e nordestinos escolheram a região para produzir a terra, construir a Itaipu Binacional e criar seus filhos. A Usina de Itaipu ascendeu sobre o turismo, trazendo um contingente populacional para o município, que no passar dos anos está se profissionalizando e cada vez mais reforçando o turismo em Foz do Iguaçu.

Os chineses e coreanos foram os últimos a chegarem ao município. O mandarim já é ouvido e falado nos bares, confeitarias, escolas, supermercados e até danceterias. Há agências de turismo, imobiliárias, médicos e construtoras que atendem somente clientes orientais.

Toda essa variedade ressalta que a região vive o multilinguismo, do “portunhol⁸⁷” a vários dialetos.

A preferência pelo turismo internacional trouxe a Foz e região uma quantidade de profissionais estrangeiros que trabalham em diversas áreas de prestação de serviços. É fácil encontrar bailarinos argentinos que dançam nas casas de shows; americanos proprietários de agências de turismo; franceses livreiros e portugueses

⁸⁷ Portunhol – nome dado à mistura da língua portuguesa com a língua espanhola, comum nas fronteiras brasileiras.

hoteleiros. A cultura da Tríplice Fronteira rendeu nome para o espaço mais democrático da comunidade. Localizada no centro de Foz, a Praça das Nações recebeu esse nome justamente numa referência as 80 etnias do município. Ela é o palco das manifestações dos povos que formam uma região única no planeta. O turismo no município teve grande importância em sua posição estratégica de Tríplice Fronteira, pelas facilidades de se chegar no município, advindo de outros países e regiões, bem como o encontro das três nações (Argentina, Paraguai e Brasil) reforçando o multiculturalismo na hospitalidade da região.

Reconhecida nacional e internacionalmente, Foz do Iguaçu é uma cidade eminentemente turística, possui atrativos turísticos que contemplam todas as hierarquias (OMT/CICATUR), os quais se destacam principalmente as Cataratas do Iguaçu, Parque Nacional do Iguaçu e a Usina de Itaipu Binacional. Somado a esses elementos que motivam à visita de turistas das mais longínquas localidades, esse destino dispõe de oferta turística e estrutura condizente com tamanho grau de atratividade dos seus recursos naturais, culturais e técnicos.

Demonstra-se que devido a sua constituição sócio-espacial oriunda de sua posição geográfica estratégica, Foz do Iguaçu, ao longo de sua história, passou por distintos ciclos econômicos, os quais foram intensos e representaram saltos expressivos de crescimento. Porém, o turismo, mesmo presente, não recebeu a atenção econômica devida, pois os outros setores de atividade se satisfaziam da enxurrada de divisas oriundas de tais ciclos. Através desta abordagem histórica, nota-se a relação sócio-econômica com o espaço geográfico desta cidade, e pôde-se compreender as razões e os porquês do hoje, através das respostas no passado. Como exemplo pode-se ressaltar que uma das consequências deste crescimento acelerado e desordenado, mesmo destacando-se a relevância deste destino para o cenário mundial do turismo, é que este fenômeno é tema de preocupação recente, por empresários e Poder Público, que demonstra também na relação comunidade local e turista, onde forças como a motivação, atratividade dos elementos que compõem a oferta turística e a inserção da mesma, podem resultar na baixa permanência dos visitantes do destino.

Este trabalho pretende ser uma introdução à pesquisa das disparidades internas do município de Foz do Iguaçu e ao problema da influência do turismo nesse contexto. E, é, muito mais, convite à reflexão e ponto de partida, que uma definição ou um ponto de chegada.

REFERÊNCIAS

ABAV (Brasil). **Sobre a ABAV: Histórico**. Disponível em: <www.abav.com.br>. Acesso em: 20 ago. 2007.

ARRILAGA, José Ignácio. **Introdução ao estudo do turismo**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

BADARÓ, Rui Aurélio de Lacerda. **Direito do turismo: história e legislação no Brasil e no exterior**. São Paulo: Senac, 2003.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **Histórias das viagens e turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa - Portugal: Edições 70, Lda., 1977.

BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 14^a Campinas - São Paulo: Papyrus, 2005.

BARRETO, Margarita; BURGOS, Raúl; FRENKEL, David (Org.). **Turismo, políticas públicas e relações internacionais**. São Paulo: Papyrus, 2003.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 12^a São Paulo: Senac, 2007.

BENI, Mário Carlos. **Globalização do Turismo: Megatendências do setor e a realidade brasileira**. 2^a São Paulo: Aleph, 2003. (Turismo).

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento Do Espaço Turístico**. Bauru - São Paulo: Edusc, 2002.

BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru - São Paulo: Edusc, 2003.

BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais**. Lisboa - Portugal: Editora Presença, 1990.

BRITO, José Maria de. **Descoberta de Foz do Iguaçu e fundação da Colônia Militar**. Curitiba - Paraná: Editora Travessa dos Editores, 1938.

CAETANO, Marcos Fassina; PALHARES, José Mauro. **História Do Paraná: breve história de sua colonização e sua gente**. Foz do Iguaçu - Paraná: J. M. PALHARES, 2005.

CAMPANA, Silvio; ALENCAR, Chico. **Retratos de Foz do Iguaçu**. Umuarama - Paraná: Gráfica Editora Paraná, 1997.

CASTELLI, Geraldo. **Turismo**: atividade marcante. 4ª Caxias do Sul - Rio Grande do Sul: Educs, 2001.

CATTA, Luiz Eduardo. **O Cotidiano De Uma Fronteira**: a perversidade da modernidade. Cascavel - Paraná: Edunioeste, 2002.

CHIAVENATTO, Júlio José. **Genocídio americano**: a guerra do Paraguai. São Paulo: Editora Moderna, 1998.

CIGOLINI, A.; MELLO, L. de; LOPES, N. **Paraná**: quadro natural, transformações territoriais e economia. Curitiba: Renascer, 1998.

COLLI, Eduardo. **Universo olímpico**: uma enciclopédia das olimpíadas. São Paulo: Ed. Codex, 2004.

COLODEL, José Augusto. **Obrages & Companhias Colonizadoras**: Santa Helena na história do oeste paranaense até 1960. Curitiba - Paraná: Ed. Educativa, 1988.

CONSTANTINO, Núncia Maria Santoro. Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p.183-194, 2002. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/ojs/index.php/index>>. Acesso em: 25 nov. 2008.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2002.

EMBRATUR (Brasil). Instituto Brasileiro de Turismo (Org.). **Estudo da demanda turística internacional**. Disponível em: <<http://www.embratur.gov.br>>. Acesso em: 10 ago. 2000.

EMBRATUR (Brasil). Instituto Brasileiro de Turismo. **Estudo da demanda turística internacional**. Distrito Federal, 1998/2000/2002.

FAY, Cláudia Musa. **Crise nas alturas**: a questão da aviação civil (1927-1975). 2001. Tese (Doutorado) - Departamento de História, UFRGS, Porto Alegre, 2001.

FERRAZ, Joandre. Regime jurídico do turismo. In: LAGE, Beatriz; MILONE, Paulo. **Turismo teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000. p. 151-161.

FIFA (Brasil). **Copa do Mundo**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/copa_do_mundo_FIFA>. Acesso em: 15 set. 2009.

FÚSTER, Fernandez L. **Teoria y técnica del turismo**. Madrid - Espanha: Editora Nacional, 1974.

GALVÃO, Olimpio J. de Arroxelas. **Desenvolvimento dos transportes e integração regional no Brasil**: uma perspectiva histórica. Brasília: IPEA, n. 13, p.184-211, jun. 1996. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/ppp/ppp13/galvao.pdf> - Acesso em: 28 jul. 2007.

GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. ; MCINTOSH, Robert W. **Turismo: Princípios, Práticas e Filosofias**. Porto Alegre: Bookmann, 1999.

GORINI, Ana Paula Fontenelle; MENDES, Eduardo da Fonseca. **Setor de Turismo no Brasil**: Segmento de Hotelaria. BNDES Setorial: Rio de Janeiro, n. 22, p. 111-150, set. 2005.

HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital** (1848-1875). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

IBAMA (Brasil). (Comp.). **Tratado de Montego Bay**. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/ampetec/lista_legislacao.php?cds=65&ctemaesp=1&ctipo=0¶ms_q=marinhos&tp>. Acesso em: 10 ago. 2007.

IBGE (Brasil). (Org.). **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/brasil500/index.html>>. Acesso em: 12 set. 2008.

IBGE (Brasil). (Org.). **Mapa oeste do Paraná**. Disponível em: <<http://www.mapas.ibge.gov.br/divisao/viewer.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2008.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. 2ª São Paulo: Thomson, 2003.

INSKEEP, Edward. **Tourism planning: an integrated and sustainable development approach**. New York: John Wiley & Sons: 1991.

ITAIPU BINACIONAL – Disponível em: <<http://www.itaipu.gov.br/>> / <http://www.itaipu.gov.py/> Pesquisado em 18 de outubro de 2008.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia Do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: ALEPH, 2001.

LAGO (Brasil). **Tratado de Tordesilhas**. Disponível em: <http://www.lago.com.br/acervo/mapas/imagens/tratado%20de%20tordesilhas_jpg>. Acesso em: 14 nov. 2008.

LICKORISH, Leonard; JENKINS, Carson. **Introdução ao Turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

LIMA, Perci. **Foz do Iguaçu e sua História**. Foz do Iguaçu - Paraná: Copyright, 2001.

LOPES, Sérgio. **O Território do Iguaçu no contexto da “Marcha para o Oeste”**. Cascavel - Paraná: Edunioeste, 2002.

MILLER, Henry. **Cabeza de Vaca: Naufrágios e comentários**. São Paulo: L&PM, 1987.

NASCIMENTO, Domingos. **Pela fronteira**. Curitiba: Tipografia da República, 1903.

NICHOLLS, Willian H. **A fronteira agrícola na história recente do Brasil: o Estado do Paraná, 1920-65**. Revista Paranaense de desenvolvimento. Curitiba, nº. 26, p. 19-53, 1971.

NOGUEIRA, Julio. **Do rio Iguassú ao Guayra**. Rio de Janeiro: Tipografia de Editora Carioca, 1920.

NOVO MILÊNIO (Brasil). **Terra Brasilis, 1519**. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa25.htm>>. Acesso em: 20 maio 2008.

OMT. **História**. Disponível em: <www.world-tourism.org/aboutunwto/why> Acesso em: 10 mai. 2007.

OMT. **Turismo Internacional: uma perspectiva global**. 2ª Porto Alegre: Bookman, 2003.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica: o caso paranaense**. 2ª Ed. Curitiba: IPARDES, 2006.

PEREIRA, Cássio. **Políticas públicas no setor de turismo**. Turismo em Análise, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 7-20, nov. 1999.

PERROT, Michelle. **História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PIRES. Mário Jorge. **Raízes do Turismo do Brasil**. 2ª São Paulo: Manole, 2002.

PMFI (Brasil). Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. **Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu: 2008**. Disponível em: <http://www2.fozdoiguacu.pr.gov.br/portal2/home_turismo?inventario_turistico.asp>. Acesso em: 12 maio 2009.

PROBST (Brasil). **Região do Guairá**. Disponível em: <http://www.probst.pro.br/images/mapas/guairaa_final.jpg>. Acesso em: 10 ago. 2007.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional x situação brasileira**. Campinas: Papirus, 2000.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo no percurso do tempo**. 2ª São Paulo: Aleph, 2002.

RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. **Memórias Do Concreto: vozes na construção de Itaipu**. Cascavel - Paraná: Edunioeste, 2002.

RODRIGUES, Adyr B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

RODRIGUES, José Honório. **Uma história diplomática do Brasil, 1531-1945**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

RUSCHMANN, Dóris. **Marketing Turístico um enfoque promocional**. 4ª Campinas - São Paulo: Papirus, 1999.

RUSCHMANN, Dóris. Planejamento turístico. *In*: ANSARAH, Marília (Org.) **Turismo: Como Aprender, Como Ensinar**. v. 2. São Paulo: Senac, 2001, p. 65-86.

SANTOS FILHO, João. **Por que a ação da Embratur torna-se preocupante para a formulação de políticas públicas internas em turismo?** Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/048/48jsf.htm> - Acesso em: 14 nov. 2005.

SANTOS, Milton. **Espaço & Método**. São Paulo: NOBEL, 1997a.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de. **O Espaço Interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986.

SCHIMMELPFENG, Ottília. **Retrospectos Iguazuenses**. Foz do Iguaçu – Paraná: Editora Tezza, 1991.

SCIELO (Brasil). **Mapa das Cortes 1749**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/vh/v23n37/v23n37a04.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2007.

SIGEP (Brasil). Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (Org.). **Cataratas do Iguaçu**. Disponível em: <http://unb.br/ig/sigep/sitio011.pdf>. Acesso em: 16 set. 2008.

SILVEIRA, Carlos Eduardo; PAIXÃO, Dário; COBOS, Valdir. Políticas Públicas de Turismo e a Política no Brasil: singularidades e (des) continuidade. **Ciência & Opinião: Gestão, Direito, Educação e Comunicação**, Curitiba, v. 3, n. 1, p.121-136, jan/jun. 2006. Semestral. Disponível em: http://cienciaeopinio.up.edu.br/arquivos/cienciaeopinio/File/volume4/Ci%C3%AAncia%20e%20Opini%C3%A3o%20nov06_intro.pdf. Acesso em: 15 out. 2008.

SILVEIRA, Joaquim Xavier. **Turismo uma prioridade nacional**. Rio de Janeiro: Record, [s/d].

SKIDMORE, Thomas. **Uma história do Brasil**. 4ª São Paulo: Paz e Terra, 2003.

SOLHA, Karina Toledo. Evolução do turismo no Brasil. *In*: REJOWSKI, Mirian. **Turismo no percurso do tempo**. 2ª São Paulo: Aleph, 2002. Cap. 4, p. 123-162.

STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. **História Do Paraná: do século XVI à década de 1950**. Londrina - Paraná: Ed. Uel, 2002.

TORRE, Francisco de la. **Sistemas de transporte turístico**. São Paulo: Roca, 2002.

TORRE, Oscar de la. **El turismo, fenómeno social**. México: Fondo de cultura económica, 1994.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (Org.). **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi; NETTO, Alexandre Panosso. **Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade**. São Paulo: Aleph, 2003.

TRIGO, Luiz Gonzaga. **Viagem na memória**. 2ª São Paulo: Senac, 2000.

VALLS, Josep Francesc. **Las Claves del mercado turístico: cómo competir en El nuevo entorno**. Bilbao - Espanha: Ediciones Deusto, 1996.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **A Guerra Fria: o desafio socialista a ordem americana**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

WACHOWICZ, Ruy Chistovam. **História do Paraná**. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina, 1977.

WACHOWICZ, Ruy Chistovam. **Obrageros, mensus e colonos: história do Oeste paranaense**. Curitiba: Editora Vicentina, 1982.

WAHAB, Salah-Eldin Abdel. **Introdução à administração do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1977.

WAINBERG, Jacques A. **Turismo e Comunicação: a indústria da diferença**. São Paulo: Contexto, 2003.

WESTPHALEN, Cecília Maria. **História Documental Do Paraná: primórdios da colonização moderna da região de Itaipu**. Curitiba: SBPH-PR, 1987.

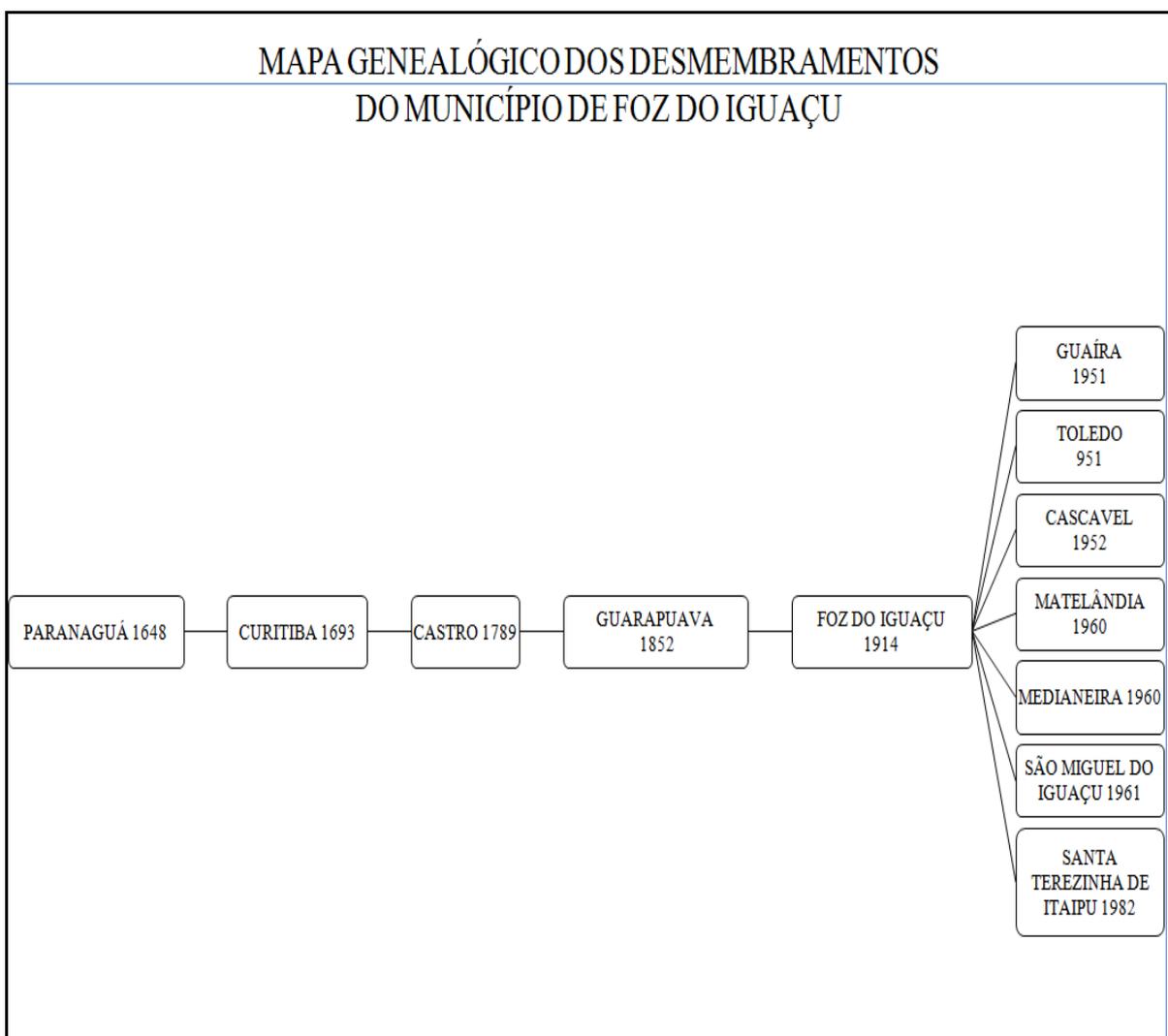
WESTPHALEN, Cecília Maria; MACHADO, B. P.; BALHANA, A. P. **Nota prévia ao estudo da ocupação da terra no Paraná moderno**. Curitiba: UFPR, 1968.

YOUELL, Ray. **Turismo Uma Introdução**. São Paulo: Contexto, 2002.

APENDICES

APÊNCICE 1

CRONOLOGIA HISTÓRICA DO TURISMO DE FOZ DO IGUAÇU (INFLUÊNCIAS DO BRASIL E DO MUNDO)

APÊNDICE 2

ANEXOS

ANEXO 1

290

6.4.4 Número de Empregos Diretos do Setor Turístico (2007 – 2008)

Atividades	Nº Estab.	Nº Empregos					Total Geral
		Fixos	Fam.	Sócios	Estag.	Temp.	
Agências de Turismo	146	631	61	339	21	41	1.093
Meios de Hospedagem	153	3.609	166	129	31	67	4.002
Gastronomia	215	2.544	203	171	8	99	3.025
Atrativos	22	551	7	7	25	9	599
Lazer e Entretenimento	24	294	41	37	3	74	449
Eventos	35	481	30	37	5	112	665
Lojas de Artesanato	26	162	21	23	1	3	210
Artesãos (Projeto Ñandeva)	0	0	0	400	0	0	400
Sistema de Transporte	54	827	26	32	10	25	920
Taxistas *	0	374	0	0	0	300	674
Consulados	5	13	0	1	0	10	24
Guias de Turismo **	0	659	0	0	0	0	659
Associações/Entidades/Orgãos de Turismo	12	31	0	0	12	0	43
Secretaria de Turismo	0	28	0	0	17	7	52
Total Geral	692	10.204	555	1.176	133	747	12.815

Fonte: Secretaria Municipal de Turismo de Foz do Iguaçu – Inventário da Oferta Turística - Edições 2007/2008

* Empregos fixos compreendem taxistas permissionários / Empregos temporários compreendem taxistas colaboradores. (Fonte: Foztrans)

** Guias com cadastro ativo. (Fonte: Paraná Turismo)

Nota: Eventos: Empresas Organizadoras de Evento / Empresas Prestadoras de Serviços para Eventos

Lazer e Entretenimento: Parques Aquáticos / Pistas de Kart / Boliche / Golf / Tênis / Ultraleve / Danceterias / Casas de Dança / Espetáculos / Cinemas / Pesque Pague / Balneários

Sistema de Transportes: Transportadoras / Locadoras de Veículos / Transporte Rodoviário / Transporte Aéreo

Legenda: Estab – Estabelecimentos / Fam – Familiares / Estag – Estagiários / Temp – Temporários

Fonte: PMFI (Brasil). Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. **Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu: 2008**

ANEXO 2

CEIM – Congresso de Eevangelismo Interdenominacional e Missões
Convenção Anual da Faciap

Feiras e Exposições

CONFOZ – Feira da Indústria e Serviços da Construção Civil
Exposição Nacional de Orquídeas
Expoflor
Expo Foz Mulher
FARTAL – Feira de Artesanato e Alimentos
FEMORUMBI
FozHair Internacional

Realizações Diversas

Festa de Nossa Senhora dos Navegantes
Camafalls
Prova Aberta Internacional Pesca ao Dourado e Copa Desafio Pesca Variada
Concurso do Dourado Assado e Torneio Infanto-Juvenil de Pesca de Barranco José Maria da Costa Neves
Festival de Teatro de Foz do Iguaçu
Festival Internacional de Turismo
Aberto de Golfe das Cataratas
Meia Maratona das Cataratas
Conheça o Brasil Jogando Golf
Cataratas Motorcycle
Semana do Dia Mundial do Turismo
Maratona Internacional das Águas
Coral de Natal da Escola Dinâmica
Dia das Cataratas

Serviços e Equipamentos Turísticos

Meios de Hospedagem

Estabelecimentos	Quantidade	Aptos	Suítes	Leitos
Hotéis a partir de R\$ 101,00	36	4.498	169	10.480
Hotéis de R\$ 51,00 a R\$ 100,00	28	1.796	25	4.818
Hotéis até R\$ 50,00	47	1.584	0	3.547
Total	111	7.858	194	18.845

Estabelecimentos	Quantidade	Aptos	Suítes	Leitos
Hotéis (total)	111	7.858	194	18.845
Flat's	1	41	0	120
Pousadas	16	281	0	748
Motéis	22	129	276	851
Campings	4	-	-	-
Albergue da Juventude	2	46	2	195
Total	156	8055	472	20.597

Nota: Sem considerar o potencial em camas extras.

Alimentação

Estabelecimentos	Quantidade	Capacidade
Bares	17	3.330
Confeitarias/Panificadoras	29	5.019
Churrascarias	13	5.040
Lanchonetes	35	2.817
Restaurantes	127	19.541
Sorveterias	5	230
Pizzarias	22	2.892
Pastelarias	6	315
Total	254	39.184

* Estabelecimentos de interesse turístico

Fonte: PMFI (Brasil). Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. **Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu: 2008**

Agenciamento e Transportes

Total de Agências	146
Casas de Câmbio	14
Emissivas	52
Receptivas	111
Operadoras	17

*Algumas empresas acumulam os tipos de serviço.

Transportadoras

Transportadoras	20
-----------------	----

Veículos Cadastrados na Categoria Aluguel – Turismo

Veículos	Quantidade de veículos	Média pax por veículo	Quantidade pax
Carros de passeio	295	04	1.180
Vans	341	12	4.092
Ônibus	96	40	3.840
Micro-ônibus	13	22	286
Kombis	18	07	112
Jipes	05	04	20
Limusine	0	03	0
Táxis	374	04	1.496
Total	1.140	-	11.026

Nota: Quando existe muito movimento, é locado ônibus de transporte regular de passageiros (Intermunicipal)

Instalações e Serviços para Eventos

	Estabelecimentos	Salões	Capacidade
Centro de Convenções	01	14	...
Clubes Sociais, Esportivos e de Lazer	08	14	4.830
Entidades Filantrópicas	01	02	150
Instituições de Ensino	07	14	7.320
Teatros	02	02	645
Outros	13	20	10.717
Salões e Auditórios (Hotéis)	26	145	30.813
Centros de Exposições (Hotéis)	03	07	15.550
Parques e Pavilhões de Exposição (CTG)	02	04	1.900
Total	65	223	73.250

Nota: (...) Dados indisponíveis

Empresas Organizadoras e Prestadoras de Serviços para Eventos

Empresas Organizadoras e Promotoras de Eventos	12
Prestadores de Serviços para Eventos	23

Lazer e Entretenimento

Parques de Diversões / Temáticos / Aquáticos	02
Praças (principais)	05
Pesque Pague	07
Balneários	01
Clubes Sociais, Esportivos e de Lazer	13
Campos / Estádios / Quadras	21
Ginásios	06
Kartódromos	02
Pistas de Boliche	02
Campos de Golfe	01

Fonte: PMFI (Brasil). Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. **Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu: 2008**

296

Paint Ball	01
Quadras de Tênis	02
Vôos de Ultraleve	01
Vôos de helicóptero	01
Outras Instalações Desportivas e de Recreação	04
Boates	02
Casas de Dança	01
Casas de Espetáculo	03
Escolas de Samba	07
Cinema	02
Teatros	02
Outros Locais de Espetáculos Públicos	02
Recreação Infantil	02
Total	90

Outros Serviços e Equipamentos Turísticos

Informações Turísticas

Teletur – Telefone 0800 45 1516	01
Biblioteca Especializada Frederico Engel	01
Postos de Informações Turísticas	05

Oficinas Mecânicas e Serviços Autorizados para Automóveis

Locadoras de Automóveis	08
Oficinas Mecânicas / Guinchos	13
Serviços Autorizados	07
Mecânicas Náuticas	05
Postos de Combustível	32
Lojas de Conveniência	26

Oportunidades Especiais de Compra

Lojas de Artesanato e <i>Souvenirs</i>	26
Shopping / Centros Comerciais / Lojas de Dpto.	14
Laboratórios Fotográficos	09
Galerias de Arte	02

Agências Bancárias / Casas de Câmbio

Agências (Centrais)	08
Casas de Câmbio	17

Associações / Entidades de Serviço Turístico

Associações / Entidades de Serviço Turístico	11
--	----

Igrejas e Cultos

Igrejas (Centrais)	14
--------------------	----

Representações Diplomáticas (Consulados)

Consulado Argentino em Foz do Iguaçu
 Consulado Paraguaio em Foz do Iguaçu
 Vice-consulado do Brasil em Puerto Iguazú
 Consulado Geral do Brasil em Ciudad del Este
 Consulado Geral da China em Ciudad del Este
 Consulado Honorário da Síria em Ciudad del Este
 Consulado Honorário de Portugal em Foz do Iguaçu

Fonte: PMFI (Brasil). Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. **Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu: 2008**

Consulado Honorário da França em Foz do Iguaçu
 Consulado Honorário de Honduras em Foz do Iguaçu

Infra-Estrutura Básica de Apoio ao Turismo

Sistema de Transporte

Transporte Rodoviário

Terminal Rodoviário	01
Empresas Nacionais	15
Empresas Internacionais	03

Transporte Aéreo

Terminal Aéreo	01
Companhias Aéreas	03
Empresas de Táxi Aéreo	02
Média diária de vôos	19,7*

Nota: *Referente ao número de vôos domésticos (pousos e decolagens) – Set/2008

Transporte Hidroviário

Capitania Fluvial dos Portos do rio Paraná

Transporte Urbano

Terminal de Transporte Urbano	01
Empresas de Transporte Urbano	04
Transporte Urbano/ônibus circulando	166
Transporte Urbano/linhas	49

Táxi

Pontos de táxi	73
Cooperativa de táxi	01
Sindicato	01

Sistema de Segurança

Polícia Federal
 Polícia Rodoviária Federal
 Receita Federal
 Polícia Civil
 Delegacia da Mulher e do Turista
 Polícia Militar
 Polícia Florestal
 Corpo de Bombeiros
 Sistema Int. de Atendimento Traumas e Emergências – SIATE
 Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – SAMU
 Guarda Municipal de Foz do Iguaçu
 Defesa Civil
 Conselho Comunitário de Segurança
 Exército
 Batalhão de Infantaria Motorizado
 Aeronáutica
 Destacamento da Força Aérea Brasileira – F.A.B.
 Marinha
 Capitania Fluvial do Rio Paraná

Fonte: PMFI (Brasil). Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. **Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu: 2008**

Sistema de Comunicação

Postos telefônicos	03
Telefonia Celular	04
Agências postais e telegráficas	04
Emissoras de rádio	07
Emissoras de televisão	07
Operadoras de TV a Cabo	02
Jornais	04
Acesso à internet	12
Empresas de publicidade	20

Sistema Médico-Hospitalar

Hospitais	08
Farmácias 24 horas	02
Convênios médicos	02
Postos de saúde	25
Pronto Atendimento	01

Sistema de Educação

Escolas Municipais	55
Colégios Estaduais	28
Colégios Particulares com Ensino Médio	11
Ensino Superior	08
Cursos Profissionalizantes	09

Fonte: PMFI (Brasil). Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. **Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu: 2008**

1.27.1 Dados Socioeconômicos

(Fonte: Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu – Departamento de Informações Institucionais)

Grau de Escolaridade da População (2006)

Analfabeto	4%
Até o 1º. Grau	60%
Até o 2º. Grau	30%
Até o 3º. Grau	5%
Instrução não informada	1%

Fonte: www.tre-pr.gov.br / Nota: Dados de 2007 não repassados

Alunos Matriculados na Rede de Ensino em Foz do Iguaçu (2007)

Estabelecimentos	Maternal / Ed. Infantil, Especial e 1ª a 4ª séries	5ª a 8ª séries	Ensino Médio	Pós-médio Profis.	Superior	TOTAL
Particulares	4.736	2.377	1.923	1.241	9.419	19.696
Estaduais	-	21.639	11.293	408	2.046	35.386
Municipais	24.613	-	-	-	-	24.613
Entidades Filant.	1.057	-	-	-	-	1.057
CEEBJA	-	-	-	-	-	-
Sesi / Senai	-	-	-	-	-	-
Senac	-	-	-	-	-	-
A Distância	-	-	-	-	2.966	2.966
TOTAL	30.406	24.016	13.216	1.649	14.431	83.718

Fonte: Escolas particulares, SMED, Núcleo Regional de Ensino, Entidades Filantrópicas e CEEBJA (Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos) / Nota: Dados de 2008 não repassados

Alunos Matriculados no Ensino Superior em Foz do Iguaçu (2002-2007)

Estabelecimentos	2002	2003	2004	2005	2006	2007
UNIFOZ	1.351	1.091	1.002	930	864	722
CESUFOZ / FAFIG	1.037	1.016	944	870	982	1.251
UNIOESTE	1.498	1.916	1.776	1.909	1.892	2.046
UDC	1.351	2.140	2.836	3.437	3.672	4.086
UNIAMÉRICA	882	1.625	2.572	3.181	2.898	2.681
ANGLO AMERICANO	...	177	263	325	391	679
IESDE	1.181	1.288	900	2.870
UNINTER	25	...	100	96
TOTAL	6.119	7.965	10.599	11.940	11.699	14.431

Nota: IESDE (Inteligência Educacional e Sistemas de Ensino) / GRUPO EDUCACIONAL UNINTER – Universidade Intem.
Nota: Dados de 2008 não repassados

Alunos Matriculados em Foz do Iguaçu – Quadro Geral (2001-2007)

ANO	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Alunos	87.157	93.778	92.527	91.818	88.113	86.412	83.718

Nota: Dados de 2008 não repassados

Número de Professores de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio (2001-2007)

Estabelecimentos	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Municipais	1.180	1.197	1.229	1.691	1.915	1.809	1.778
Estaduais	1.187	1.500	900	1.700	1.840	1.351	1.055
Particulares	575	724	767	813	844	768	701
Entidades Filant. / ONG'S	98	105	99	103	65	113	112
TOTAL	3.040	3.526	2.995	4.307	4.664	4.041	3.646

Nota: Dados de 2008 não repassados

Fonte: PMFI (Brasil). Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. **Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu: 2008.**

Número de Estabelecimentos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio (2001-2007)

Estabelecimentos	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Municipais	57	57	59	59	58	57	55
Estaduais	23	27	27	27	27	27	28
Particulares	29	29	34	34	31	33	37
Entidades Filantrópicas	04	04	04	04	04	04	04
Outros*	04	04	03	03	-	-	-
TOTAL	117	121	127	127	120	121	124

Nota: * Outros inclui: Senac, Senai, Sesi e CEEBJA (Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos)
Nota: Dados de 2008 não repassados

Número de Estabelecimentos Comerciais, Industriais, Prestadores de Serviços e Autônomos – Demonstrativo de Inscrições Ativas (1998-2007)

Ano	Comerciais	Industriais	Serviços	Autônomos	TOTAL
1998	1.819	358	2.111	1.810	6.098
1999	2.873	236	2.380	1.914	7.403
2000	3.311	252	2.548	3.657	9.768
2001	3.015	229	2.676	1.859	7.779
2002	3.333	231	2.650	1.911	8.125
2003	3.282	201	3.131	2.298	8.912
2004	2.707	56	3.400	2.451	8.614
2005	3.419	69	3.086	2.528	9.102
2006	4.441	86	2.957	2.710	10.194
2007	4.778	86	3.257	2.174	10.295

Fonte: Secretaria Municipal da Fazenda

Estabelecimentos de Saúde (2008)

Hospitais*	06
Unidades de Saúde da Família (USF)	16
Unidades Básicas de Saúde (UBS)	07
Núcleos de Saúde – Centro de Ref. da Família	04
Centro de Especialidades Médicas – CEM	01
Centro de Especialidades Odontológicas – CEO	01
Centro de Atenção Psicossocial	02
Poliambulatório	01
Ambulatório de Saúde Mental	01
Centro de Atendimento à Gestante	01
Consultórios isolados de Odontologia**	05
Pronto Atendimento (24h)	02

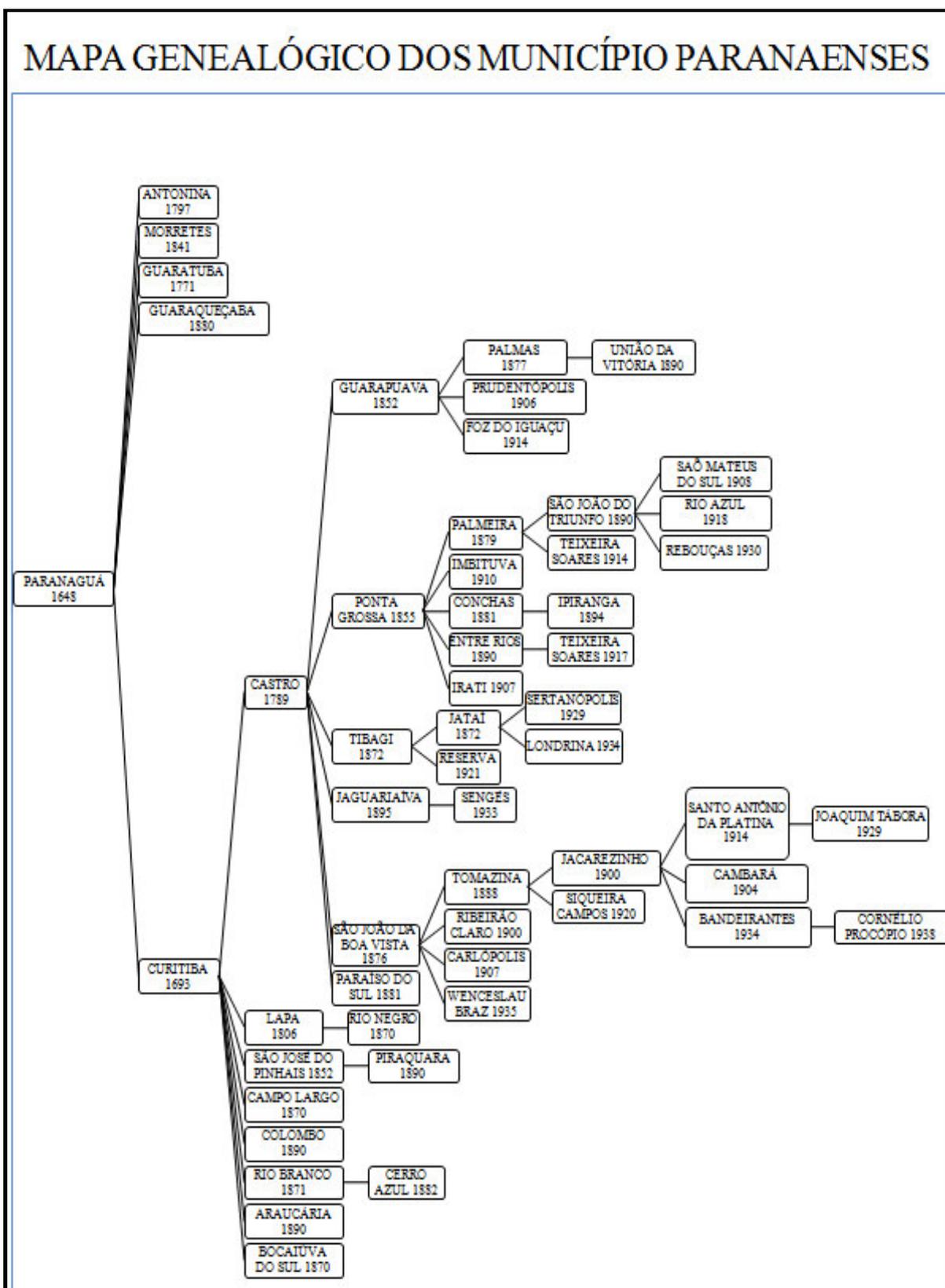
Fonte: Secretaria Municipal da Saúde

Nota: * Considerando somente hospitais com leitos do SUS e incluindo o Hospital Municipal 100% SUS
** Consultórios dentro de uma escola estadual, duas escolas municipais, APAE e ACDD.

Profissionais na Área de Saúde da Prefeitura Municipal (2008)

Administrados Hospitalar	01
Agente Comunitário de Saúde	220
Agente de Endemias	128
Assistente Social	13
Atendente de Consultório Dentário	25
Auxiliar de Consultório Dentário	23
Auxiliar de Enfermagem	218
Cirurgião-Dentista	64
Enfermeiro	99
Farmacêutico-Bioquímico	13
Fisioterapeuta	06
Fonoaudiólogo	05

Fonte: PMFI (Brasil). Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. **Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu: 2008**



Fonte: PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná**. Curitiba: IPARDES, 2006. P. 63

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)